



Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais – IFCHS
Departamento de Geografia – DEGEOG
Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEOG



HELLEN CAROLINE DE JESUS BRAGA



*Do Lugar da Geografia à Geografia do
Lugar na Obra de Samuel Benchimol*



MANAUS - AM
2021

HELLEN CAROLINE DE JESUS BRAGA



*Do Lugar da Geografia à Geografia do
Lugar na Obra de Samuel Benchimol*



Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Verri de Santana
PPGEOG-UFAM

Manaus – AM
2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B813d Braga, Hellen Caroline de Jesus
Do lugar da geografia à geografia do lugar na obra de Samuel
Benchimol / Hellen Caroline de Jesus Braga . 2021
132 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Paola Verri de Santana
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Pensamento Geográfico. 2. Samuel Benchimol. 3. Amazônia.
4. Território. 5. Região. I. Santana, Paola Verri de. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

Agradecimentos

Gratidão infindas a Deus, meu guia, que sempre me sustentou, proporcionou momentos incríveis de crescimento intelectual e mostrou pessoas maravilhosas que me apoiaram quando eu mais precisei.

Gratidão ao professor Dr. José Aldemir de Oliveira (in memoriam) que acreditou em mim, no meu potencial, até mesmo quando eu não acreditava. Enquanto viveu, me orientou da melhor maneira possível, embora tenha sido pouco tempo, aprendi muitas preciosidades com esse grande e memorável Intelectual da Amazônia.

Meus sinceros agradecimentos a professora Dra. Paola Verri de Santana. Que Mulher! Ela que me estendeu a mão, teve paciência, foi uma excelente orientadora a quem tenho grande estima. Jamais esquecerei os benefícios que a senhora fez por mim, gratidão!

Aos professores examinadores – Dra. Tatiana Schor (UFAM/SEDECTI) e Dr. Paulo Bomfim (IFSP) que foram muito solícitos ao receber o convite para a qualificação e defesa deste trabalho, e, puderam contribuir de modo significativo com o andamento da presente pesquisa, minha sincera gratidão.

Ao NEPECAB (Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia), locus das discussões e crescimento intelectual.

A Universidade Federal do Amazonas pelo espaço concedido aos estudantes para realizarem suas pesquisas.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pesquisa de Nível Superior), por fomentar esta pesquisa.

A família Benchimol, na pessoa do senhor Jaime Benchimol, que oportunizou a pesquisa na Biblioteca particular da família; a bibliotecária Leila Soares que nos recebeu e orientou na pesquisa. Espero poder contribuir um pouquinho no conhecimento, a partir dos escritos do professor Samuel Benchimol.

A professora Rita, a Ritinha, esposa do professor José Aldemir, que foi uma incentivadora para a continuação da pesquisa.

A professora Ana Paulina que muitas vezes foi uma mãe para mim, apoiou a minha família quando meu pai adoeceu. Sempre me incentivou depois da graduação, para que eu fizesse o mestrado e, foi o que aconteceu. Gratidão infindas por tanto!

Aos professores da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que foram fundamentais na minha construção acadêmica. Em especial a professora Graça Luzeiro, que foi uma excelente técnica administrativa no Programa de Pós graduação da Ufam e que me presenteou com a correção da Língua Portuguesa da dissertação e ABTN, Gratidão mesmo!

A minha mãezinha, dona Flor, meu tesouro mais precioso, foi minha fortaleza nos momentos de fraqueza e tristeza, quando achei que não conseguiria mais prosseguir. Te amo, mãe.

Ao meu mais novo companheiro de vida, Felipe Matos, que sempre muito paciente, me deu apoio e fez de tudo para que eu conseguisse alcançar meus objetivos. Amo Você!

Aos meus irmãos, Dâmaris, Jair, Israel e Akárita, que são minha alegria!

Ao meu pai, que apesar de não estar presente constantemente na minha caminhada acadêmica, nos fez herdar o lado pesquisador que ele tem.

A amiga, Rosilene (Rose) que com sua alegria e sorriso contagiante, foi minha companheira de choros e alegrias no percurso da nossa escrita dissertativa, fundamental para continuar a caminhada intelectual, apesar das dificuldades.

A Gercy minha querida amiga que me ensinou muito nesses anos de UFAM, sempre muito organizada e fiel ao seu ofício. É uma parceira pra vida!

Ao Fernando Monteiro e o querido Adam (Adanilson), colegas parceiros para quase toda hora e sempre expondo suas colocações e posicionamentos, os quais enriqueceram minha construção intelectual.

A todos os amigos que direta e indiretamente fizeram parte dessa caminhada.

Mestre com carinho...

Dedico esta dissertação ao estimado, professor doutor José Aldemir de Oliveira, Geógrafo amazônida, que tanto contribuiu com a ciência Geográfica de sua região e foi um grande incentivador da propagação desta ciência no Amazonas.

RESUMO

Compreender a Amazônia, tem sido um desafio para qualquer pesquisador, dificuldade decorrente quase sempre de uma extensão territorial, que vai além do território brasileiro. Essa dimensão abarca não somente as questões físicas, mas também pela complexidade da formação social dessa região. Vários pesquisadores se dedicaram a estudá-la, mas ainda são escassas as pesquisas sobre o pensamento geográfico na Amazônia, sobretudo, no Amazonas. A presente pesquisa teve como objetivo analisar as influências e a conformação do pensamento geográfico na obra de Samuel Benchimol, contextualizando a trajetória da formação intelectual, e atuação empresarial desse autor, com os principais acontecimentos no Brasil e no Amazonas, descrevendo as principais categorias de análise da Geografia. Para tanto, esta pesquisa começou com o professor Doutor José Aldemir de Oliveira, *in memoriam*, e Hellen Caroline de Jesus Braga, juntos propondo uma periodização das obras, as de formação (1944-1977), a partir da primeira publicação à obra considerada “marco”, *Amazônia: um pouco antes e além depois*, e o segundo momento, as obras de maturidade consideradas a partir de 1978 à 2001, momento em que é publicado o último livro, *Zênite ecológico e nadir econômico-social*, tal periodicidade, consideramos, a partir das noções geográficas identificadas nos textos de Samuel Benchimol, demonstrando, assim, em suas obras de maturidade (1978-2001), a influência do pensamento geográfico e como a Amazônia aparece relacionada ao desenvolvimento sustentável, a partir das categorias território e região. Para a realização do objetivo foi realizada acurada pesquisa em bibliotecas públicas e particulares, em acervos digitais, jornais e revistas, a partir de fichamentos desse material encontrado, e análises conceituais na obra de Samuel Benchimol, e, assim, verificando a contribuição da obra para o pensamento geográfico. Ao longo da pesquisa nos deparamos com algumas dificuldades quanto ao livre acesso da obra do autor pesquisado, mas o material e informações adquiridas foram suficientes para o estudo. Por ter uma quantidade expressiva de obras, não foi possível realizar a leitura e análise de todas elas. A pesquisa foi organizada em três capítulos, o primeiro, historiográfico e conceitual; o qual, primeiramente faz referências quanto a importância das categorias geográficas e brevemente uma discussão sobre cada uma delas, a partir de autores que discutem a temática. Em seguida um breve relato da história de Samuel Benchimol, e como o contexto histórico influenciou seu modo de pensar a Amazônia. O segundo faz uma discussão sobre as obras de formação da primeira fase, de (1944-1977), com base nas categorias geográficas, região e território. E o terceiro capítulo, a partir da análise de três obras escritas no período de 1978-2001, consideradas principais, por discutir temas que foram discutidos em outros textos e discursos do autor nesse período e, como aparece o pensamento maduro de Samuel Benchimol referente a Amazônia. Portanto, descobriu-se que o referido autor tem contribuições riquíssimas aos estudos da geografia, uma vez que se debruça a avaliar as relações socioespaciais frente ao desenvolvimento sustentável para a região, utilizando para seu embasamento notáveis geógrafos brasileiros e de outras nacionalidades.

Palavras-chave: Pensamento Geográfico, Samuel Benchimol, Amazônia, Amazonas, Região e Território.

ABSTRACT

Understanding the Amazon has been a challenge for any researcher, a difficulty arising almost always from a territorial extension that goes beyond the Brazilian territory. This dimension encompasses not only physical issues, but also the complexity of the social formation of this region. Several researchers have dedicated themselves to studying it, but research on geographic thinking in the Amazon, especially in Amazonas, is still scarce. This research aimed to analyze the influences and conformation of geographical thought in the work of Samuel Benchimol, contextualizing the trajectory of intellectual formation and business performance of this author, with the main events in Brazil and Amazonas, describing the main categories of analysis of Geography. Therefore, this research began with Professor Doctor José Aldemir de Oliveira, in memoriam, and Hellen Caroline de Jesus Braga, together proposing a periodization of the works, those of formation (1944-1977), from the first publication to the work considered “ marco”, Amazônia: a little before and after, and the second moment, the works of maturity considered from 1978 to 2001, when the last book is published, Ecological Zênite e nadir economic-social, such periodicity, we consider, based on the geographical notions identified in Samuel Benchimol's texts, thus demonstrating, in his mature works (1978-2001), the influence of geographical thinking and how the Amazon appears related to sustainable development, from the categories territory and region. To achieve the objective, accurate research was carried out in public and private libraries, in digital collections, newspapers and magazines, based on records of this material found, and conceptual analyzes in the work of Samuel Benchimol, and thus verifying the contribution of the work to geographic thinking. During the research we came across some difficulties regarding free access to the work of the researched author, but the material and information acquired were sufficient for the study. As there is an expressive amount of works, it was not possible to read and analyze them all. The research was organized into three chapters, the first, historiographical and conceptual; which, firstly, makes references about the importance of geographic categories and briefly discusses each one of them, from authors who discuss the theme. Then, a brief account of the history of Samuel Benchimol, and how the historical context influenced his way of thinking about the Amazon. The second discusses the formation works of the first phase, from (1944-1977), based on geographic categories, region and territory. And the third chapter, from the analysis of three works written in the period 1978-2001, considered main, for discussing themes that were discussed in other texts and speeches of the author during this period and, as appears the mature thought of Samuel Benchimol regarding Amazon. Therefore, it was found that the aforementioned author has very rich contributions to geography studies, as he seeks to assess the socio-spatial relations in the face of sustainable development for the region, using as his foundation notable geographers from Brazil and other nationalities.

Keywords: Geographical Thinking, Samuel Benchimol, Amazon, Amazon, Region and Territory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PARTE I	20
Samuel Benchimol: Vida e Obra	20
Capítulo I	21
O SER E A OBRA	21
1 Trajetória	30
1.1 Suas Raízes	30
2 O Empresário	41
3 O Intelectual e a Obra	46
PARTE II	55
Obras (1942-1977)	55
Capítulo II	56
UM POUCO ANTES (1944-1977)	56
2.1 As influências do autor	56
2.2 influências de autores geógrafos	65
2.3 Amazônia como região	69
2.4 Amazônia como território	75
Parte III: (1978-2001)	80
Capítulo III	81
O Muito Durante (1978-2001): Múltiplos tempos e espaços	81
3.1 Obra 1: Os Judeus na Amazônia	83
3.1.1 Os Judeus e a região amazônica	89
3.2 Obra 2: Amazônia: Formação social e cultural	90
3.3 Obra 3: Zênite ecológico e Nadir Social	99
3.3.1 Da Região Planejamento à Região Sustentável: sugestões desenvolvimentistas para Amazônia	101
Considerações Finais - O Além Depois	108
Referencial Bibliográfico	113
APÊNDICE	118
ANEXOS	130

INTRODUÇÃO

Interpretar a Amazônia tem sido um grande desafio para qualquer pesquisador, dificuldade que se impõe quase sempre em decorrência da extensão territorial, que ultrapassa os limites do território brasileiro. A dimensão territorial traz consigo, de um lado, a extensa floresta e a grande bacia hidrográfica, e de outro as histórias, as crenças e os costumes que não são únicos, mas específicos, caracterizando a região não apenas pela rica biodiversidade, porém pelo acúmulo de tempos em espaços sobrepostos, que a caracteriza pela sociodiversidade.

Os acontecimentos no Brasil e no mundo refletiram na Amazônia, direta e indiretamente no modo como a sociedade produz espaço. A produção e a apropriação surgem como misturas de diversos povos, que adentram à região em virtude dos processos econômicos, ou outro motivo que o trouxe em busca de melhores condições de vida e outras motivações, que determinam o seu fazer e refazer-se. Nesse processo, recebe influência dos povos que já se faziam presentes, e há trocas de costumes, todavia o que vale destacar em toda a história, é a importância do fazer parte da construção cultural amazônica.

Diferentes intelectuais descrevem esses episódios ocorridos na Amazônia, e que se espraiam pela vasta região da floresta e dos rios, das montanhas e das planícies. Há inquietações partindo não apenas de agentes externos, mas também dos participantes dos processos amazônidas. São intelectuais que buscaram, e outros que hoje buscam compreender essa região, sendo de fato figuras, que valem a pena interpretá-las e valorizá-las, sem perder a capacidade da crítica, visando compreender seus escritos inseridos nas histórias de cada tempo, e como estão contextualizados e participam dos processos.

Para além de pesquisadores de outras plagas que têm escritos sobre a Amazônia, dentre os intelectuais que nasceram ou viveram na Amazônia dedicados à ciência geográfica, e que buscaram compreender a região e contribuir para uma cientificidade na Amazônia, destaca-se Eidorfe Moreira (1912-1989) com uma vasta obra escrita em que se sobressaem as ligadas à Geografia, publicadas na década de

1960¹. Eidorfe Moreira tem uma contribuição significativa para a ciência geográfica, conforme aponta Oliveira Júnior (2015),

É na geografia que, possivelmente, a sua curiosidade é mais significativa. Pode-se afirmar, inclusive, que o eixo norteador da sua obra e do seu pensamento é a ciência geográfica, pois, ao ter contato com a produção de geógrafos importantes, as possibilidades de leitura do mundo se ampliaram. Para melhor entendermos a obra de Eidorfe Moreira, sob o viés do pensamento geográfico, faz-se necessário cruzarmos sua história com a história da geografia. Este é um caminho para podermos inseri-lo com mais firmeza no rol dos geógrafos. (OLIVEIRA JÚNIOR, p. 576, 2015)

Segundo Oliveira Júnior (2015), a vida intelectual de Eidorfe Moreira iniciou aos 18 anos, em 1930, com a publicação no jornal dos estudantes do Ginásio Paes de Carvalho, em Belém. Em 1938 formou-se bacharel em Direito, e nos anos 1940 começou a dar aulas de Geografia em vários colégios de ensino secundário até 1963. Em 1954 começou a trabalhar na recém criada Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), onde realizou vários estudos sobre a região. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015)

Foi exatamente no ambiente desenvolvimentista da SPVEA que Moreira reconheceu-se como geógrafo. A partir de então, suas obras expressaram preocupação profunda com a região amazônica, seus problemas e sua cultura. Seu último livro publicado, foi lançado em 1985, *Geografias Mágicas*. Faleceu em janeiro de 1989, e ficou conhecido no Pará como o Filósofo da Geografia (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015).

Mais recentemente surgem pesquisadores com formação acadêmica de mestrado e doutorado, que iniciam a produção de uma geografia voltada, principalmente no que diz respeito a formação do pensamento geográfico sobre a Amazônia. O trabalho, por exemplo, desenvolvido sobre a análise teórico-conceitual de Milton Santos para uma leitura geográfica do espaço amazônico, menciona-se Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior, a partir de levantamentos bibliográficos de teses de doutorado e dissertações de mestrado sobre a Amazônia, que têm como base os trabalhos de Milton Santos.

¹ Amazônia: o Conceito e a Paisagem (1960); Idéias para uma Concepção Geográfica de vida (1960); Belém e sua Expressão Geográfica (1966); Roteiro Bibliográfico do Marajó (1969); Os Igapós e seu Aproveitamento (1976).

Embora os diversos temas e referenciais empíricos, bem como dos variados campos multidisciplinares, Trindade Júnior (2015) apresenta três eixos de interpretação: o espaço como instância social e como condição de cidadania; cidades, circuitos da economia e os nexos verticais e horizontais da urbanização; e globalização, meio técnico-científico informacional e usos corporativos do território. A Análise de Trindade Júnior (2015) foca nas sistematizações construídas e difundidas a partir do conhecimento produzido no interior da Escola Usiana de Geografia (EUG), objetivando entender um perfil dos trabalhos elaborados no interior dessa escola, de maneira a sinalizar para olhares interpretativos sobre a Amazônia.

Conforme mostra a figura 1, Trindade Júnior (2015) faz um levantamento dos grupos temáticos e a quantidade de trabalhos realizados nos anos 1963-2015,

Nº de Ordem	Grupos Temáticos	Nº de Trabalhos
1	Estrutura, atividades e questões agrárias	36
2	Cidades, urbanização do espaço e centralidades urbano-regionais	13
3	Meio ambiente, recursos naturais e questões socioambientais	12
4	Atividades, fluxos e formação econômica do espaço regional	9
5	Estado, políticas territoriais e estratégias de integração regional	9
6	Estrutura, agentes e dinâmicas intraurbanas	9
7	Perfil, mobilidade e questões populacionais	9
8	Espacialidades, territorialidades e modos de vida de pop. tradicionais	9
9	Formação, dinâmica e fragmentação político-territorial	8
10	Espaço, memória e cultura	8
11	Região, globalização e integração dos lugares	7
12	Infraestrutura, serviços e políticas urbanas	6
13	Atividades, serviços e políticas de turismo e lazer	5
14	Fronteiras políticas, controle e cooperação internacional	5
15	Planejamento, gestão e desenvolvimento territorial	5
16	Metropolização, espaços metropolizados e regiões metropolitanas	4
17	Espacialidades, representações e cartografias temáticas	4
18	Práticas socioespaciais, ensino e formação de professores	4
	Total	161

Figura 1: quadro das teses e dissertações sobre a Amazônia (1963-2015)

Fonte: Papers do NAEA nº 355, organizado por Saint-Clair Trindade Jr. (2015)

Contudo são ainda escassos os estudos feitos sobre, e a partir da Amazônia. Nesse sentido, a presente pesquisa visa contribuir nessa linha, ou seja, pesquisar o pensamento geográfico a partir de um autor amazônico, com uma obra com vários traços geográficos, e com escritos que apresentam preocupações com a Amazônia.

Além disso, é um autor com relevante participação nos processos de produção política e econômica, como Professor Emérito da Universidade Federal do Amazonas, escritor de diversas obras e empresário. Trata-se de Samuel Isaac Benchimol, cujos escritos influenciaram muitas vezes as tomadas de decisões sobre o desenvolvimento

da região e são referência para a interpretação da Amazônia, especialmente no último quarto do século XX.

A obra é dedicada majoritariamente à Amazônia, sendo relevante para a formação do pensamento geográfico sobre a região. Abrange parte significativa do território brasileiro, bem como para conformação do pensamento geográfico nesse território. Portanto podemos dizer, que é de suma importância a realização de tal pesquisa uma vez que há consolidação da geografia produzida na Amazônia, e em especial no Amazonas, a partir de autores amazônidas.

Portanto, importante para a geografia brasileira sendo possível analisar não apenas a geografia da região, mas como se forjou o pensamento geográfico sobre a Amazônia. Daí, ser necessário buscar do ponto de vista local, autores que contribuíram para delimitação desse campo do conhecimento.

Metodologicamente conforme supracitado, a pesquisa realizada inicia-se da obra de Samuel Benchimol, desdobrando no decorrer de sua vida um pensamento geográfico sobre a Amazônia, buscando responder à pergunta norteadora da investigação: existe um pensamento geográfico na obra de Samuel Benchimol?

Pode-se ler a vida de um indivíduo pela geografia por ele traçada, vivida e escrita, bem como por meio do legado de suas concepções. Logo, a presente pesquisa analisa as influências e a conformação do pensamento geográfico, que diz respeito à literatura de Samuel Benchimol, produzida como resultado de reflexões sobre o espaço ocupado, presente, e todo o período histórico que corresponde ao “nível primário de apropriação intelectual dos lugares”, resultando numa geografia “espontânea, informal” (MORAES, 1988, p, 27).

Embora não tenha sido geógrafo de formação, entende-se que sua produção o torna um pensador para a Geografia. Os escritos de Benchimol possuem legado significativo, e interpretação geográfica para a Amazônia. Sendo assim, contextualizando a trajetória de formação intelectual e sua atuação empresarial com os acontecimentos na Amazônia brasileira, apontando as categorias da Geografia. Isso identifica um primeiro momento nas “obras de formação” (1942-1977), conforme periodização elaborada pelo professor José Aldemir e Hellen Caroline de Jesus Braga, para dar andamento a esta pesquisa, com base na obra referência de Samuel Benchimol, onde contém as suas primeiras publicações, seus principais pensamentos nesse período, a *Coletânea, Amazônia: um pouco antes e além depois* de 1977, considerada pelo autor em estudo, sua principal obra escrita na época, as influências

do pensamento geográfico, e como aparece as categorias região e território. O segundo período (1978-2002) demonstrando nas obras a maturidade do pensamento (1978-2002), a influência do pensamento geográfico, e como a Amazônia aparece relacionada ao desenvolvimento, a partir da categoria território e região.

Para atingir os objetivos, foi realizado um levantamento bibliográfico, primeiramente no acervo do Núcleo de Estudos de Pesquisa das Cidades da Amazônia - NEPECAB, em seguida na Biblioteca Setorial Norte/UFAM, e na Biblioteca Samuel Benchimol, coordenada pela família Benchimol, visando identificar manuscritos do autor, com a finalidade exclusiva de esclarecer alguma dúvida, verificar datas, objetivando compreender a geografia existente na referida obra.

Após realizada a busca nos acervos físicos, a pesquisa ampliou-se para o banco de dados de dissertação e teses da Capes; ressalta-se que a pesquisa fora realizada em 2018-2020, visto que no decorrer da realização da busca, utilizou-se as palavras “pensamento geográfico” e “Samuel Benchimol”. Foram listadas 35.919 e 5.244, respectivamente, que tinham relação com os temas propostos na busca.

Em virtude da grande quantidade de material foi aplicado o método de inclusão e exclusão de trabalhos; aqueles que dispunham sobre Samuel Benchimol, aqueles que relatavam sobre sua obra, e aqueles que falavam sobre o pensamento geográfico. Porém nenhum era relacionado especificamente sobre Samuel Benchimol, essa grande quantidade que aparece, ao serem verificadas, constatou-se que são indicativas a citações que os autores realizaram ao longo de seus textos, ou seja, nenhuma pesquisa indicava que a obra de Benchimol fora realizada ainda, pelo menos não publicada até o momento das buscas (2018-2020), ou indexado na plataforma.

A esta fase se seguiram outras, que consistiu no levantamento e análise de notícias e escritos (jornais, artigos e livros) referentes ao autor e sua obra, visando estabelecer as conexões com o objetivo da pesquisa. Para tanto, todo material foi classificado, fichado de forma sistemática e analisado. Nas obras do autor, a fim de identificar as categorias mais utilizadas, foi feito um índice remissivo, que é aquele que identifica as palavras, de maneira rápida, no caso, as categorias da geografia; em seguida, fazendo uma espécie de índice, descrevendo a palavra e a respectiva página que fora encontrada no livro. Este processo foi de suma importância, uma vez que facilitou a busca das categorias expressas nos diversos livros de Samuel Benchimol.

Outra forma de busca realizada, foi o levantamento bibliográfico, visando identificar trabalhos sobre o pensamento geográfico ligados a autores não geógrafos,

fazendo articulação de sua obra à Geografia, podendo ser listados alguns. Devido à grande quantidade de teses e dissertações que aparecem na pesquisa (especificamente, 36. 292), foi aplicada outra filtragem, os que apresentavam no título e nas palavras-chave, as palavras, “pensamento geográfico”; verificou-se uma redução considerável para 5 dissertações:

Título do trabalho	autor	Ano
A autoridade acima de tudo: o pensamento geográfico de Jackson de Figueiredo.	Volnei Antônio Sacardo	2008
Monteiro Lobato e o Sítio do Pica-pau amarelo: uma análise do pensamento geográfico.	Liz Andreia Giaretta	2008
Nos confins dos chapadões sertanejos: pensamento geográfico em Mário Palmério.	Naiara Cristina Azevedo Vinaud	2011
A Sociedade do espetáculo e o meio urbano contemporâneo: uma abordagem geográfica do pensamento de Guy Debord.	Rodrigo Fernandes	2017
A ostentação Estatística (um projeto geopolítico para o território nacional: Estado e planejamento no período pós-64).	Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim	2007

Quadro 1: Dissertações encontradas na plataforma CAPES nos anos de 2018-2010

Fonte: Plataforma de Dissertações e teses da CAPES (2018-2020)

Organização: Hellen Braga (2021)

Após essa busca, encontrou-se um trabalho, que visava verificar os trabalhos escritos de 1980-1989, que tratassem de pesquisas referentes ao pensamento geográfico; foram listados 27 autores que escreveram sobre a temática. Ainda assim, são poucas as referências que seguem um viés específico sobre pensamento geográfico, principalmente na Amazônia.

Perceber a Amazônia através da Geografia por meio da utilização das técnicas, que se constitui num fator instigante, conforme ressalta Milton Santos, as técnicas sempre fizeram parte da história do homem, uma vez que é por meio delas, que as coisas da natureza são transformadas, e isto só acontece nos lugares, onde as relações ocorrem primeiro em escala local, para em seguida atingir a escala global (SANTOS, 2006).

O lugar da geografia expressa mais do que a categoria de análise geográfica somente, quer dizer a utilização dos conhecimentos geográficos através de um método geográfico, para visualizar as noções empregadas em textos importantes de um autor amazônida, quando este se debruça em estudar a Amazônia, e mais especificamente para a presente pesquisa, o Amazonas que é o lugar, sendo, portanto, analisada a presença de uma geografia do Amazonas na Obra de Samuel Benchimol. Nesse sentido, “o lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo, e, é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente” (SANTOS, 2006, p. 158).

Tudo o que acontece no mundo será reflexo do que acontece no lugar, pois o todo é composto por várias partes; estas por sua vez sendo as várias localidades. Sendo válido notar que os lugares são distinguidos em virtude das técnicas, ou seja, os equipamentos, a infraestrutura, acessibilidade, bem como as leis locais, os impostos, as relações trabalhistas (SANTOS, 2006).

Ao longo dos tempos, o mundo passa por diferentes momentos em todos os aspectos, sociais, econômicos e culturais, com reflexo na materialidade, ou seja, as transformações visíveis no espaço. Portanto, a compreensão da construção do pensamento geográfico é importante, sobretudo, na Amazônia, porque pode apontar pistas para a compreensão das espacialidades pretéritas e presentes. Sendo assim, fazer o estudo mais apurado das obras de autores amazônidas, e como estes interpretam a Amazônia, é de suma importância para a ciência geográfica.

A pesquisa desenvolvida analisa as influências e a conformação do pensamento geográfico na obra de Samuel Benchimol. Para tanto, se utiliza da base teórica a história das ideias, uma modalidade historiográfica relacionada aos domínios da História, que busca compreender de forma sistemática as ideologias e a difusão. Seu precursor no início do século XX foi Arthur Lovejoy, conforme Silva (2015),

A discussão em torno dos pressupostos teóricos e metodológicos que seriam próprios da área da história levou em consideração uma interpretação que pressupunha a existência das ideias sem uma relação direta com os contextos sociais de produção. Uma referência deste tipo de abordagem encontramos no trabalho de Arthur Lovejoy, o qual ajudou a abrir espaço teórico e institucional para a história das ideias no interior da historiografia produzida nos EUA a partir dos anos 1930. Arthur Lovejoy foi o fundador do *Journal of the History of Ideas* em 1940, importante periódico na divulgação dos trabalhos sobre história das ideias. (SILVA, 2015, p.8)

A História das ideias é o ramo da ciência historiográfica, em que são examinados a conformação do pensamento sistematizado de indivíduos específicos (por exemplo, os tratados filosóficos, as teorias políticas escritas por grandes ou pequenos pensadores políticos, ou as concepções estéticas dos artistas e literatos de diversos tipos e níveis), conforme pode ser aferido na citação a seguir:

[...] a História das Ideias começa a se interconectar não apenas com a História Cultural como também com a História Social em seu sentido mais stricto. Muitos preferem falar aqui de algo mais específico como uma História Social das Ideias, mas é importante ressaltar que – se estivermos empregando aquele sentido mais amplo de 'História Social' onde toda história nos dias de hoje é uma 'história social' – teremos por força de considerar que toda boa história das Ideias, tal como atende a moderna historiografia profissional, é uma História Social das Ideias. A propósito disto, é bom ressaltar que, nos dias de hoje – mesmo quando examina as ideias estéticas de um artista ou literato – é muito raro que algum historiador profissional se proponha a empreender aquele já mencionado tipo de História das Ideias que as concebe desencarnadas de seu contexto social, tal como o fizeram muitos historiadores na primeira metade do século XX. (BARROS, 2007).

É nessa linha de pensamento que a pesquisa foi desenvolvida, apontando buscar a formação do pensamento geográfico de um autor, que se debruça em examinar a Amazônia. Sendo assim, entender a concepção de sua linha de pensamento é fundamental. Do ponto de vista teórico, após fundamentar-se na História das Ideias, constituiu necessária identificação dos temas tratados na obra, uma vez que são norteadores da pesquisa realizada por Benchimol.

Conforme análise identificou-se que o autor em questão, trabalha os seguintes temas ao longo de sua pesquisa: territorialização, desterritorialização, reterritorialização, a questão regional, gestão do território, geopolítica na virada do milênio, logística e desenvolvimento sustentável. A partir disso, abordou-se os conceitos geográficos referentes as principais categorias: espaço, território, região, lugar e paisagem, com enfoque no território e na região, estas sendo as mais identificadas na obra de Samuel Benchimol, e além disso, essas categorias servirão de embasamento para análise das obras da segunda fase, em que mostra um pensamento voltado para o desenvolvimento da Amazônia, articulado ao desenvolvimento sustentável com a amplitude que este conceito encerra.

Reiterando a proposição da presente pesquisa, é que a partir das ideias de Samuel Benchimol, encontrar um pensamento geográfico sobre a Amazônia, sobretudo, alusivo ao Amazonas. Trata-se de uma visão ampla e genérica, por isso,

é necessário verticalizar a análise para as categorias território e região, que são categorias caras à Geografia desde o período clássico. Nesse sentido, as categorias fundamentais da geografia são a base para construção do pensamento geográfico, e sua sistematização. Para tanto, as etapas foram importantes, como se fosse a construção de uma casa, passo a passo, formando um todo coerente.

Portanto, partindo da história das ideias articuladas às categorias geográficas, busca-se na análise das obras de Samuel Benchimol, identificar a matriz de um pensamento geográfico sobre a Amazônia, dividindo a obra em duas partes: as obras de formação (1942-1977) e as obras da maturidade do pensamento (1978-2001).

No primeiro capítulo foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as categorias geográficas e dos temas propostos na obra do autor, bem como a descrição de uma breve biografia de Samuel Benchimol, embasada em manuscritos e os três ensaios de Abraham Baze, bem como em jornais e revistas, entrevistas, visando contextualizar sua formação intelectual. e atuação empresarial com os principais acontecimentos no mundo, no Brasil e na Amazônia.

Após o desdobramento de sua biografia, o segundo capítulo buscou reconhecer na obra de Samuel Benchimol, as influências geográficas e a categorias, território e região vinculados à Amazônia, que se deu por meio da leitura das obras impressas do autor, bem como o uso das leituras referente ao Pensamento Geográfico. A obra de base do autor para análise foi *Amazônia: um pouco antes, além depois*, publicada em 1977, e que sintetiza toda a obra produzida até então. Neste capítulo foi considerada a influência do autor do ponto de vista da Amazônia como território e região.

O Capítulo 3 trouxe o objetivo específico de identificar em três obras de Samuel Benchimol, como aparecem as categorias região e território, bem como sua articulação no tempo-espaço da Amazônia. Para tanto, foram escolhidos três livros, publicados entre os anos 1978-2001, selecionados primeiramente pela relevância do tema a partir da presença das categorias supracitadas, e conforme a cronologia de publicação, *Judeus na Amazônia; Formação Social e Cultural da Amazônia e Zênite Ecológico e Nadir Social*.

Embora não tenha a geografia como formação, Samuel Benchimol tem grandes contribuições para a história do pensamento geográfico na Amazônia, uma vez que se preocupa com a gente que aqui reside, não somente com os naturais da Amazônia, mas também, com os que adentraram suas contribuições e papel na economia da

região. Nota-se que reconhece suas contradições ao longo de sua jornada intelectual, e faz questão de escrever, que é “réu confesso de contradição”, porque um pensamento que tivera no início de seus estudos em anos posteriores (1978-2001), já não eram os mesmos, e defendeu o desenvolvimento sustentável na Amazônia nesse segundo momento, onde a pesquisa denominou de pensamento maduro.

PARTE I

Samuel Benchimol: Vida e Obra



Capítulo I

O SER E A OBRA

O Ser no sentido filosófico, quer dizer a essência, a alma, o interior de um indivíduo. É neste sentido, que o presente capítulo pretende apresentar a trajetória de vida do professor Samuel Benchimol, partindo do princípio de que a formação de seu pensamento intelectual é a extensão de sua formação social, portanto, destacando seu nascimento, suas raízes, suas relações com a sociedade política durante suas articulações, ou seja, sua história que reflete a *alma externa* (Obra), especificamente sobre um pensamento geográfico, é a vida vivida contagiando a obra.

Em princípio trata-se de pesquisa histórica e geográfica, situando o homem no tempo e no espaço. Não se difere de outras pesquisas, mas evidencia o que é interpretado pela teoria. Tal tipo de pesquisa se dá por meio do levantamento bibliográfico, ou seja, chamada de “pesquisa de gabinete”, uma vez que os acontecimentos passados só podem ser encontrados em arquivos, ou em depoimentos, por exemplo, não é possível a realização do envio de um questionário a Samuel Benchimol (1923-2002) para fazer uma entrevista com ele.

Sendo assim, a pesquisa histórica pode exigir conhecimentos básicos e essenciais, podendo incluir a física, a matemática, a biologia, a pedagogia, a geografia e a história geral de um período (CAMPOS, 2008). Nesse sentido, “podemos reconstruir o meio ambiente social, econômico, político, cultural e científico de um autor mais facilmente” (CAMPOS *et al*, p. 8), portanto, é a partir das rugosidades deixadas, que se pode descrever e interpretar uma obra tecida numa vida, que vai da formação à maturidade.

Deste modo, a investigação se refere a influência da trajetória de vida de Samuel Benchimol, e como suas “marcas” deixaram legado em sua obra, por meio de diferentes leituras de sua biografia, especialmente nos três ensaios biográficos de Abrahim Baze, bem como dos depoimentos deixados por Samuel Benchimol no relato de sua vida, conseqüentemente sua atuação como empresário. Interessa na pesquisa a análise do pensamento da trajetória do intelectual, analisando as obras publicadas, e associando-as com os principais acontecimentos no Amazonas e na Amazônia.

É neste momento, que será respondido o primeiro objetivo específico: contextualizar a trajetória de formação intelectual e atuação empresarial de Samuel Benchimol com os principais acontecimentos do Amazonas. Para tanto, foi realizada busca em livros, reportagens e jornais (da época) que relatam sobre o tema sugerido no capítulo.

Faz-se necessário compreender: o que são as categorias geográficas? Recorre-se, então, a Armando Corrêa da Silva, em *As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico*, quando aborda a questão, apresenta as categorias da Geografia, ficando evidente que estas como natureza e sociedade, não são postas *a priori* ou *a posteriori*, como na divisão epistemológica entre o racionalismo e o empirismo, mas parte-se do espaço e dos homens reais para chegar-se ao objeto.

Os universais concretos contêm a objetividade da existência, porque são concreções de distinções e singularidades concretas, o resultado é que as singularidades e particularidades, em reflexão, através do método de trabalho que está no centro da transformação das categorias de universais abstratos em universais concretos. (SILVA,1986).

Numa visão superficial pode-se confundir “conceito” e “categoria” ou mesmo considerá-los como sinônimos. Ao buscar a diferença entre os dois, é possível identificar que “a categoria é comumente utilizada para designar diferentes espécies do mesmo gênero e/ou distinguir certos fenômenos, que apresentam uma mesma característica geral e o conceito indica algum objeto real pela determinação de alguns dos seus aspectos” (BERNARDES, 2011, p.2).

Portanto, as categorias são determinações dos aspectos fundamentais daqueles eleitos para os conceitos, conforme apresenta Silva (1986):

[...] as categorias se põem desde logo como universais abstratos. A abstração decorre de que o momento inicial é a pré-ideação. No projeto, em sua fase primeira, o sujeito lida com singularidades e particularidades concretas que só lhe aparecem na mente como abstrações. É que as categorias ainda não são condensações na multiplicidade (SILVA, 1986, p.26).

Logo, as categorias são os componentes fundamentais, a princípio ainda abstrata, perpassando pelas mediações do concreto, que vai amadurecendo e compondo o conceito, conforme explicita,

À medida que o projeto avança, as categorias vão se pondo ainda como conceitos abstratos, mas já como mediações do concreto. O concreto vai se pôr no momento em que se realizarem sínteses de singulares e de particulares no processo do conhecimento. O pensamento vai se elevando a generalizações da existência quando os conceitos começam a tornar-se concretos. Esta é uma pré-condição da concreticidade das categorias. As categorias tornam-se entidades concretas no momento em que se chega à síntese fundamental do fenômeno em sua essência, já destituído de suas formas secundárias de ser. (SILVA, 1986, p.26)

Para a ciência geográfica as categorias de análise são conceitos fundamentais para se entender a diversidade da ciência, uma vez que foi, e é confrontada por conta do seu amplo campo de estudo em que aparecem as categorias espaço, território, região, lugar e paisagem. A seguir serão abordadas as categorias individualmente, para contextualizar com o pensamento geográfico na obra de Samuel Benchimol.

Principiando com a categoria espaço. Esta como todas as outras são alvos de críticas, como controvérsias, devido ao seu significado ser amplo. Porém, o objetivo aqui é mostrar como a geografia utiliza o espaço, para sintetizar a sua objetivação de interpretação da sociedade no viés geográfico. A primeira aproximação, faz alusão correspondente à superfície terrestre.

Na ciência geográfica adiciona-se o adjetivo *geográfico*, abrangendo as relações homem-natureza, portanto, espaço geográfico. Kant diz que o espaço não tem uma existência real, é uma representação necessária, que serve de fundamento a todas as percepções exteriores, ou seja, é considerada representação *a priori*, e fundamento aos fenômenos exteriores. O geógrafo francês, Olivier Dollfus (1972) corroborava e apresentava o espaço como “um espaço localizável, diferenciado, variável e que se descreve”, ou seja, o visível e essa descrição se dá pelos objetos, conforme Kant já pregava.

Na Geografia clássica o espaço, embora não seja o conceito chave desse período, aparece em Ratzel e Hartshorne. Em Ratzel o espaço é visto como indispensável a vida humana “encerrando as condições de trabalho, quer naturais, quer aqueles socialmente produzidos. Como tal, o domínio do espaço transforma-se em elemento crucial na história do Homem” (CORREIA, 2000, p. 18). Ratzel vai chamar de espaço vital, ou seja, expressando as necessidades territoriais de uma sociedade, que objetiva seu desenvolvimento tecnológico referente a população e aos recursos naturais.

Popularmente o espaço passa a ser difundido através da ideia dos parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) “O espaço geográfico é historicamente produzido pelo

homem, enquanto organiza econômica e socialmente sua sociedade” (BRASIL, 2000, p.109). Nesse sentido, o espaço geográfico deve ser entendido como uma totalidade dinâmica, em que interagem fatores naturais, socioeconômicos e políticos, ou seja, a sociedade é o agente ativo e passivo do meio ambiente, capaz de modificar o espaço geográfico.

Conforme, Lefebvre (1976), o espaço não pode ser visto como um espaço absoluto, nem como produto da sociedade, ou seja, o espaço é o *locus* da reprodução das relações sociais de produção. Conforme cita,

Do espaço não se pode dizer que seja um produto como qualquer outro, um objeto ou uma soma de objetos, uma coisa ou uma coleção de coisas, uma mercadoria ou um conjunto de mercadorias. Não se pode dizer que seja simplesmente um instrumento, o mais importante de todos os instrumentos, o pressuposto de toda produção e de todo o intercâmbio. Estaria essencialmente vinculado com a reprodução das relações (sociais) de produção. (LEFEBVRE, 1976, p. 34, apud, CORRÊA, 2000, p. 25,264)

Ou seja, não tem como dissociar espaço e sociedade. “o espaço só é inteligível através da sociedade”, portanto, quando se falar em sociedade e espaço, deve-se dizer sócio-espacial (CORRÊA, 2000, p. 26). A extensa obra de Milton Santos é embasada nas ideias de Lefebvre, onde se refere ao papel das formas e interações espaciais, os fixos e os fluxos.

Benchimol analisa o espaço mostrando a dinâmica social e cultural, a população como é formada a Amazônia, seus costumes e suas relações, bem como a troca de culturas, ou seja, a relação socioespacial. Nesse sentido, Milton Santos diz que o espaço é como as demais estruturas sociais, organizadas pelo homem, que embora esteja submetido à lei da totalidade, é abrangido de uma certa autonomia, ou seja, desempenha um papel na sociedade, que a condiciona a compartilhar do complexo processo de coexistência e reprodução social. (CORRÊA, 2000, p. 28)

A categoria *Região*, por sua vez, já foi considerada a mais importante da Geografia, e mais tarde por volta dos anos de 1970 e 1980, ela recebe inúmeras críticas sobre seu conceito. Yves Lacoste faz sua crítica em referência a região lablacheana, que seria uma entidade geográfica, (existente por si só) correspondendo por assim dizer, às harmoniosas relações entre o homem e seu meio natural, ou seja, caberia ao geógrafo delimitá-la e descrevê-la. Vidal de La Blache acreditava que a Geografia determinaria seu papel por meio da identificação das regiões da superfície terrestre (SOUZA, 2013).

Na Nova Geografia a região é reestruturada e a partir de então, priorizando assuntos históricos e culturais. Nesse momento, a região não é mais uma categoria-chave, pois tem sua ênfase nas relações espaciais, e o seu uso dos métodos estatísticos coincidiu com o declínio na importância dos estudos regionais, muitas vezes sendo popularizada pelo senso comum, é claro, dependendo a que área estamos nos referindo, todavia no caso da Geografia, o uso dessa noção de região é bem mais complexo.

Seguindo a perspectiva “possibilista”, Gomes (2000) sustenta que “as regiões existem como unidades básicas do saber geográfico, não como unidades morfológicas e fisicamente pré-constituídas, mas sim como o resultado do trabalho humano em um determinado ambiente” (GOMES, 2000. p. 56). Sendo assim, para que haja compreensão das diversificadas regiões, é necessário reconhecer o papel da sociedade na construção do ambiente. Sandra Lencioni recorre a Emmanuel Kant que segundo ela trata a respeito da sistematização conceitual da região, afirmando que o espaço geográfico são várias partes menores subdivididas, constituindo assim o substrato da história dos homens.

Lencioni (1999) conclui que é nesse período, que já se tem um olhar sistematizado no pensamento de Kant, que ao se referir às partes menores, que estão no espaço geográfico, o faz buscando compreender a relação homem e natureza, a relação entre o geral e o particular que são temas caros à ciência geográfica.

Nesse momento, a região é vista por pesquisadores geógrafos, a partir da descrição das características físicas seguidas da descrição da estrutura da população, e de suas atividades econômicas ao mesmo tempo como o objetivo final desses pesquisadores, que buscam identificar a personalidade, e o meio de ser diferente e particular. Vale ressaltar que os traços distintivos responsáveis pela unidade regional, podem ser diversos, clima, morfologia, se é questão política ou outras linhas. Nesse sentido, analisar a região é imprescindível ao trabalho de campo, e cabe ao geógrafo desvendar, desvelar, a combinação dinâmica que estrutura este espaço.

A outra categoria a ser discutida é o “Território”. Num primeiro momento nos remete a uma grande área de terra, ou mesmo, sinônimo de espaço geográfico; porém, para os geógrafos é a categoria que expressa uma relação de poder. A grosso modo o território se forma a partir do espaço, é um meio de repartir o espaço, que é produzido por qualquer indivíduo. Claude Raffestin aponta que “o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator

que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação). O autor ‘territorializa’ o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

O poder, o controle e o limite são as dimensões que sustentam o território, e garante o seu domínio pelo indivíduo ou pelo grupo social,

Os indivíduos ou os grupos ocupam pontos no espaço e se distribuem de acordo com os modelos que podem ser aleatórios, regulares ou concentrados. São, em parte, respostas possíveis ao fator distância e ao seu complemento, a acessibilidade. Sendo que a distância pode ser apreendida em termos espaciais (distância física ou geográfica), temporais, psicológicos ou econômicos. A distância se refere à interação entre os diferentes locais. Pode ser uma interação política, econômica, social e cultural que resulta de jogos de oferta e procura, que provém dos indivíduos e/ou dos grupos. Isso conduz a sistemas de malhas, de nós e redes que se imprimem no espaço e que constituem, de algum modo, o território. Não somente se realiza uma diferenciação funcional, mas ainda uma diferenciação comandada pelo princípio hierárquico, que contribui para ordenar o território segundo a importância dada pelos indivíduos e/ou grupos às suas diversas ações. (RAFFESTIN, 1993, p. 150-151)

Marcelo Lopes de Souza (2000) seguindo as pistas de Raffestin, considera que o território “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de poder”; esse espaço definido se firma não necessariamente por limites concretos, e não somente nos limites do Estado-Nação, mas vai dos micros relacionamentos, que denotam poder, observados, por exemplo, nos diversos grupos sociais. O território surge na Geografia Política como espaço palpável em si, que é correspondente, ocupado por um grupo social.

Pode-se identificar isso no cotidiano de tais grupos em situações de poder, ou seja, da formação de territórios em temporalidade definidas. Há um caso recorrente na sociedade brasileira e visível nas comunidades, são os espaços de passagem, como pontes, ruelas, que no período da manhã é utilizado por qualquer um que passa, mas ao anoitecer, outra dinâmica é observada, e até mesmo os moradores preferem evitar determinados percursos; é a territorialidade do tráfico de drogas, com seus respectivos “bandos”, chamados de facções rivais, não podendo perpassar do território delimitado (SOUZA, 2000).

Pode-se identificar em Benchimol a questão do território, quando em suas análises mostra a ocupação de migrantes que advinham de outros lugares do mundo para a Amazônia, e ao se depararem com os povos, que já se encontravam na Amazônia, houve resistência, ou seja, ele aborda as relações de poder, houve os que

cederam as pressões militares dos outros povos, mas os que permanecem com suas culturas e territórios até os dias de hoje. Outra abordagem é a busca por territórios, por exemplo, os judeus e nordestinos que vinham em busca de melhorias de vida, e se deparam com uma realidade geográfica diferente do que viviam.

Na Geografia, o campo de análise, geografia política, que abrange a população, o território e os recursos, ou seja, o território é, onde ocorrem as relações de poder. Explicitando este sistema de “nós”, organizações aparentemente aleatórias são “sistema de objetos e de ações” (SANTOS, 2006). Todo indivíduo em diversas situações são atores sintagmáticos~, que produzem “territórios”.

O território são relações de poder, conforme aponta Coca (2014), “na Geografia Contemporânea é consensual que os territórios são formados pelas relações de poder”, ou seja, território é um espaço delimitado por e a partir de relações de poder (SOUZA, 1995, p.78). Fernandes (2005, p. 27) concorda,

O território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder [...] o território é, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação. Exatamente porque o território possui limites, possui fronteiras, é um espaço de conflitualidades (FERNANDES, 2005, p. 27).

Fernandes aponta que existem formas de poder, e não apenas um poder, sendo que essas geram a apropriação do espaço, constituindo o território. Por ser formado por relações de poder, o território é a contestação de pessoas, fatos e decisões. Na medida em que um indivíduo se apropria de um espaço, na maioria dos casos ocorre a demarcação de contornos, que evitará o outro de ser hegemônico nas decisões adotadas.

Outra categoria da Geografia é o “lugar”. Ao ser analisada, pode-se verificar sentidos comuns e variados, referindo-se a determinada localidade; muitas vezes denotam expressão de espaço demarcado, ou mesmo área ocupada por alguma pessoa. Para a geografia essa categoria é de grande importância, pois representa a porção do espaço geográfico denotada de significados particulares e relações humanas.

É no lugar que os sentimentos, as coisas acontecem, é onde a vivência incide, portanto, cria-se uma certa intimidade e cria-se um vínculo, sobretudo, a dimensão cultural-simbólica. Nesse sentido,

[...] lugar, não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou que é aquela mais imediatamente perceptível, diferentemente do que se passa com o conceito de território, mas sim a dimensão cultural-simbólica e, a partir daí as questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significados (SOUZA, 2013, p. 115)

Portanto, compreender a totalidade a partir dos indivíduos, de suas crenças e vivência ao longo de sua trajetória de vida, é o que se busca com a análise da obra de Samuel Benchimol, identificando contradições de um lugar, em que aparecem as dimensões da natureza com vigor, e o simbólico-cultural que se sobrepõem. Pode-se constatar esse ponto quando faz seus *interviews* com os migrantes advindos do Nordeste; estes abordam suas angústias, seus sofrimentos, suas ambições, sua esperança. O que YiFu Tuan (1980) denomina de topofilia, sendo, portanto, o termo que se associa sentimento com o lugar.

Os sentimentos são adquiridos dos sentidos dos homens e mulheres, as suas trajetórias, e por onde perpassaram. Suas histórias são captadas por meio desses impulsos sociais. Isso não quer dizer que não sofrem a influência do clima, do relevo, do meio vegetal em que estão inseridos. Há, também, o termo contrário a topofilia, que Marcelo de Souza chama de Topofobia, referindo-se ao medo do novo lugar, ao desconforto do indivíduo relacionado ao novo ambiente.

No caso dos migrantes que foram atraídos pela “fortuna”, que poderiam adquirir na Amazônia, quando se deparam com a realidade local, muitos se decepcionaram, conforme os relatos descritos por Benchimol. Para uns, a questão do clima que era diferente de onde chegavam; para outros, a questão familiar que lhes fazia falta, das condições precárias pelas quais viviam, e assim, tornou-se uma verdadeira topofobia pelo lugar. Esta mesma análise pode-se aplicar a outros povos na Amazônia, de ligação à terra de origem e certa rejeição sofrida na região.

A relação homem-meio é percebida nas obras de Samuel Benchimol num primeiro momento por meio da categoria lugar, uma vez que expõe a realidade pelos próprios participantes da história do momento descrito. É a partir da vivência desses indivíduos que se pode identificar as especificidades dos lugares, dos sentimentos das pessoas. Neste sentido, Milton Santos (2006) sustenta a ideia de que nós não moramos no mundo, mas nos lugares, pois é nos lugares que estão as especificidades, onde as pessoas têm as ligações sentimentais com o acurado espaço.

É por meio do lugar que as ações são realizadas em escalas reduzidas, e posteriormente sendo expandida para além das fronteiras. Portanto, ao analisar-se a realidade local, pode-se sustentar que Benchimol relata o quadro da Amazônia, principalmente no que diz respeito a produção do espaço ao longo dos anos. O lugar, desse modo, é um espaço percebido e vivido, dotado de significado e com alicerce, no qual desenvolvem-se e extraem-se os “sentidos de lugar” e as “imagens do lugar”; ou seja, o lugar está para a questão simbólica cultural, assim como o território está para a política, e a região para o planejamento.

A última categoria que é transversal na análise da obra de Benchimol, é a *paisagem*. Mas, o que é a paisagem? A primeira ideia é remetida à pintura, ou mesmo uma bela vista de natureza natural, um lindo campo de flores, ou mares e morros. Contudo, a paisagem, *a priori*, é um conjunto de elementos físicos e humanos acessíveis à nossa observação, ou seja, o velho conceito que se apreende no ensino básico, é tudo o que a visão consegue abranger. Nesse sentido, Milton Santos corrobora em discussão sobre o que é a paisagem,

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1988, p. 21)

Mas pode tornar-se mais complexa, uma vez que é forma e aparência (SOUZA, 2013), é, preciso, portanto, buscar a paisagem para além da aparência e da forma, buscar compreender o conteúdo e a essência. Marcelo Lopes de Souza (2013) sustenta que “o conteúdo ‘por trás’ da paisagem, pode estar em consonância ou em contradição com essa forma, e com o que ela, por hábito ou ideologia, nos “sugere” (SOUZA, 2013, p.46). Meinig citado por Leo Name (2002 [1976]) sobre paisagem, compreende uma duplicidade na interpretação, primeiro de que será sempre composta não apenas por aquilo que está à mostra, mas também por aquilo que se esconde em nossas imaginações.

Portanto, conforme Leo Name (2010) “a palavra ‘paisagem’, também conceitos ambíguos revelam que ela não é apenas a condição estática de um espaço observado por um sujeito – individual ou coletivo, que tem seus valores e crenças” (NAME, 2010, p.165) [...], contudo, refuta esse pensamento de Meinig, “é também a produção do espaço e a representação do espaço por esses mesmos sujeitos” (LEO NAME, 2010,

p.165). Portanto, inserindo uma perspectiva eficaz e evolutiva em sua conceituação e significados.

Assim sendo, primeiramente a paisagem pode “maquiar”, e torna invisível somente a representação seletiva ou retocada, que pode ser uma pintura, filmes, fotografia, estes sendo o olhar do autor, o qual destaca apenas aquilo que pretende mostrar ao telespectador. Segundo, é invisibilizada por meio de intervenções na realidade, a partir da reformatação da paisagem, isto advém das transformações realizadas naturalmente ou mesmo pela ação antrópica. E como tal, condiciona a falta de sensibilidade e o modo como o indivíduo é socializado.

A paisagem também inclui os seres humanos além das subjetividades, o estado d’alma (SOUZA, 2013), ou seja, consiste na porção visível, os aspectos naturais e culturais, onde a visão pode alcançar, e é percebida pelos cinco sentidos – são imagens, cores, movimento, odores e sabores. A interpretação de cada paisagem vai depender dos conhecimentos prévios de cada grupo social ou de cada indivíduo. A paisagem é o resultado dos elementos naturais de cada área (relevo, clima, vegetação, fauna) e da atuação da sociedade alterando as características iniciais da área.

O clássico, mas não menos importante teórico, Olivier Dollfus (1973) faz uma classificação para a paisagem e sustenta três tipos: 1 - “A paisagem “natural” ou “virgem” constitui a expressão visível de um meio, que tanto quanto se pode saber, não foi submetido, pelo menos em data recente, à ação do homem” (DOLLFUS, 1973, p.30). É aquela que não há ação ou modificação da sociedade, exclusivamente da natureza. 2 – Paisagem modificada, é caracterizada por mudanças realizadas pela sociedade em atividades simples, acarretando em poucas modificações. 3 – Paisagem organizada, representa “o resultado de uma ação meditada, combinada e contínua sobre o meio natural” (DOLLFUS, 1973, p. 33), ou seja, são as mudanças feitas conscientemente pela ação humana com grandes transformações.

A partir dessa visão da categoria paisagem aponta-se na obra de Benchimol, as passagens nas quais ele faz não somente aquelas ligadas a cultura, mas também na dinâmica mudança da paisagem da Amazônia.

1 Trajetória

1.1 Suas Raízes

Por volta do início do século XIX, já na Amazônia, um grande fluxo migratório interno de nordestinos e externo de árabes e judeus adentraram a Amazônia por diversas razões, principalmente em decorrência da exploração da borracha. Roberto Santos (1980), no seu livro, "*História Econômica da Amazônia (1800-1920)*" sugere uma periodização referente a região amazônica em cinco fases, de 1800-1840; de 1840-1910; de 1910-1920; 1920-1940 e de 1940 a 1970, conforme mostra no gráfico:

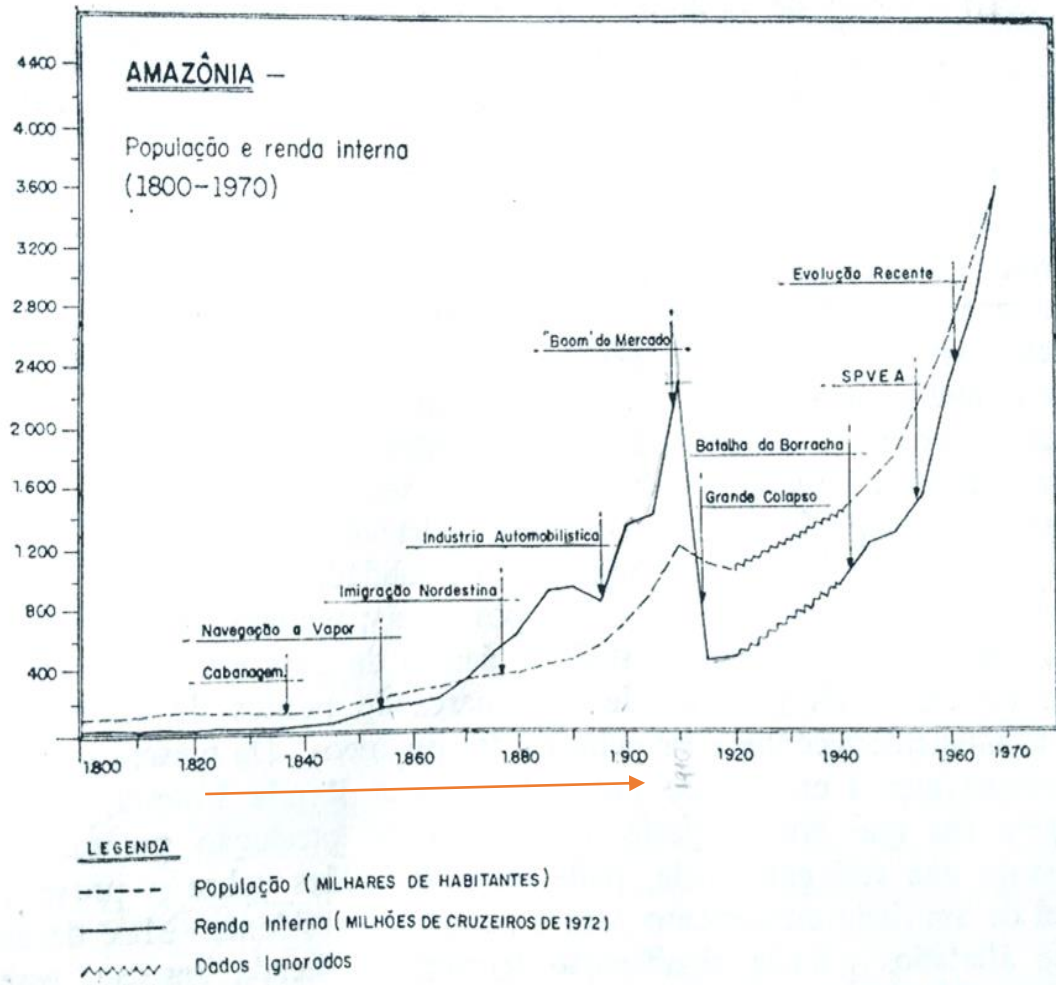


Figura: Evolução da renda interna e da população da Amazônia
Fonte: SANTOS, Roberto (1980)

Foi nos idos de 1820 a 1900, que o cenário amazônico começou a ser povoado por diversos migrantes, como as famílias de árabes, de judeus e de uma grande quantidade de nordestinos, conforme apresenta a Figura 5. De acordo com Abraham Baze, no ensaio sobre Samuel Benchimol,

O espaço amazônico sendo a malha dos grandes cursos fluviais permitiu o surgimento de núcleos humanos que de certo modo acabou influenciando em uma ação socioeconômica para a região naquele período [...]. Esse momento permitiu em larga escala grandes contingentes de nordestinos e

principalmente de estrangeiros de diversas nacionalidades, dentre elas destacamos os judeus e árabes. (BAZE, 2010, p.22)

Salgado (2015) tratando especificamente dos judeus na Amazônia, tendo como ponto focal a imigração desses povos no século XIX, relata:

A presença judaica na Amazônia tem início em torno de 1810, o que pode ser comprovado com a fundação das duas primeiras sinagogas do Brasil Império: Shaar Hashamaim (1824 ou 1826) e Essel Abraham (1829), na cidade de Belém do Pará, bem como as sepulturas encontradas no primeiro cemitério judaico daquela cidade, o da Avenida Soledade, fundado em 1848. (SALGADO, 2015, p. 11).

Portanto, têm-se indícios dos primeiros judeus na Amazônia no raiar do século XIX. Em declaração recente, Jaime Benchimol (2015), filho de Samuel Benchimol, confirma que seu bisavô foi o primeiro a chegar ao Brasil com um irmão, por volta da segunda metade do século XIX; foi comerciante e aviador naquela região do Pará, em Aveiros-PA.

Nesse período, “na segunda metade do século XIX e a primeira metade do XX, dezenas de milhões de europeus, asiáticos e africanos deixaram para trás familiares, amigos e pertences, para recomeçar suas vidas em países distintos, com hábitos e línguas desconhecidos” (SALGADO, 2015, p. 13), a nação brasileira recebe cerca de quatro milhões desses imigrantes.

Segundo Samuel Benchimol (1999), a migração interna foi representada por grande massa de nordestinos, “De 1900 passando pelo apogeu de 1910, até a depressão, estima-se que a Amazônia recebeu mais de 150.000 cearenses, totalizando assim 300.000 imigrantes nordestinos, no período de 1877 a 1920” (BENCHIMOL, 1999, p. 136). Muitas foram as causas da imigração, um dos fatores citados por Samuel Benchimol no livro *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia* (1998), assegura que tais fluxos migratórios se deram pelas dificuldades nos bairros judeus, as epidemias assolavam, a extrema pobreza, e ainda o apedrejamento de judeus, bem como a destruição das sinagogas.

No cenário de imigração, que a família Benchimol de origem judaica-marroquina chega à Amazônia, como outras famílias, que vinham em busca de melhores condições de vida, há pesquisadores que relatam as perseguições religiosas que estes sofreram, com expulsões e perseguições. Conforme relata Oliveira (2019),

Pode-se afirmar que a imigração judaica para a Amazônia tem seu primeiro capítulo passado na Espanha. Com a união entre as coroas de Portugal e Espanha uma cruel e massiva perseguição foi desencadeada. Após a expulsão dos judeus da Península Ibérica, nos anos de 1492 e 1496, muitos destes buscaram abrigo do outro lado de Gibraltar, em países como Marrocos, Argélia e Tunísia, e lá reconstituíram suas comunidades. A emancipação dos judeus em Portugal ocorreu pela legislação pombalina na segunda metade do século XVIII, com abolição da distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos, isto é, a extinção da pureza de sangue, instrumento indispensável para acabar com a discriminação e o fim efetivo das perseguições antijudaicas dos tribunais do Santo Ofício (OLIVEIRA, 2019, p. 21)

A Espanha foi a primeira a dar início na expulsão dos judeus na Península Ibérica; muitos desses foram para Portugal; ao chegar lá, o rei dom João II acolhe uma massa considerável de imigrantes judeus advindos da Espanha, porém, exigiu o pagamento de uma taxa de capitação, e o que seria o sonho de um porto seguro não foi cumprido, pois o rei volta atrás devido ao receio da evasão das economias do povo para o exterior. Então, ele determina que o povo judeu permaneça em Portugal, e que deviam aceitar o catolicismo como religião, foi então que eles fugiram novamente para manter sua religião e costumes (BAZE, 2010). Nesse sentido, Samuel Benchimol corrobora,

A perseguição e expulsão hispano-portuguesa forçaram os judeus a buscar, desesperadamente, novas comunidades e países onde pudessem sobreviver com judeus, recomeçando as suas vidas, tal como fizeram antes os seus antepassados, vítimas da opressão, perseguição e intolerância. Muitos judeus-hispano-portugueses partiram para a Holanda, outros fugiram para o Egito, Turquia e Grécia, e uma grande maioria procurou abrigo no norte da África, especialmente no Marrocos. (BENCHIMOL, 2008, p. 31)

E como já havia ocorrido na Espanha, também em Portugal os judeus foram perseguidos, humilhados e tiveram seus bens confiscados e sofreram massacres. Em decorrência, muitos decidiram ir para a América do Norte e Sul, chegando ao Brasil por volta dos anos 1820. A família Benchimol, por exemplo, migrou para o norte da África, especificamente para Marrocos (figura 6), sobretudo, judeus advindos de Portugal e Espanha, sefarditas, posteriormente para o norte do Brasil.

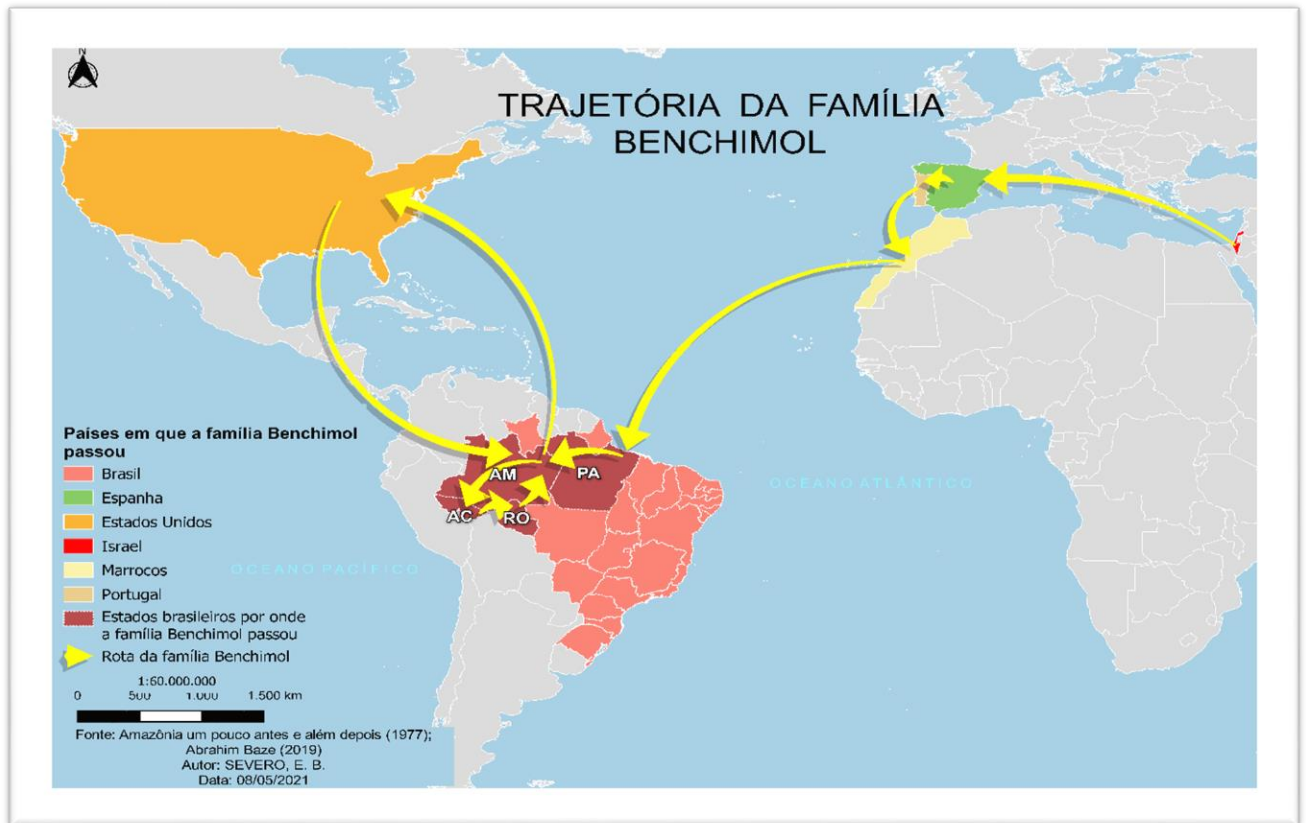


Figura: Passagens da família Benchimol no mapa mundi
Fonte: Benchimol (1977), Baze (2010), Oliveira (2019)
Autor: BRAGA, Hellen e SEVERO, E. B. (2021)

Abraham Baze, ao abordar sobre o motivo da saída no Marrocos, descreve,

Depois de testemunharem tanto sofrimento no Marrocos, optaram pelo Brasil tão somente pela facilidade da língua. [...] naturalmente pela sua permanência na Espanha e Portugal, conheciam os dois idiomas. Falavam também o hebraico e francês, pois frequentaram a Escola Aliança Israelita Universal que existiam nas principais cidades marroquinas. (BAZE, 2010, p. 30)

E assim vieram parar no vale amazônico. O pai, Israel Isaac Benchimol nasceu em Aveiro/ Pará – Rio Tapajós (1888), filho de Isaac Israel Benchimol e Robida Essucy vindos de Tânger – Marrocos. Após perder o esposo, em 1896, Robida viaja com o neto para a cidade de Tânger, onde ele estuda na Aliança Israelita Universal o curso primário, e aprendeu a Torah. Salgado (2015) aponta que um dos fatores, que motivaram a emigração dos judeus, foi a criação da Aliança Israelita Universal em Marrocos. Benchimol (1998) declara que essas escolas exerciam papel importante,

pois preparavam os judeus, oferecendo-lhes educação, para que pudessem ter melhores oportunidades para viver e manter as suas tradições. Nesse sentido, o judeu marroquino que se transferia para a Amazônia, já tinha uma educação para o trabalho, inclusive eram ensinados idiomas, como inglês e francês, o que possibilitou serem grandes negociantes no exterior.

Por volta de 1903 volta ao Brasil e se fixa em Belém-PA; em seguida (1905), sua mãe vem a falecer, deixando filhos do seu segundo casamento; eles são criados por sua avó, Thomazia Essucy, que os leva para Itaituba-PA. Israel Isaac, aos dezessete anos assume os encargos de manter a família, conforme o costume judeu; trabalhou como empregado, cacheiro, guarda-livros, enquanto estudava a noite, na Fênix Caixerai. Nessa época, também foi balconista, vendedor de roupas, empregado das firmas Alfalo & Benzecry (estivas), Nahon & Cia (consignações) e V. Serfaty & Cia (cigarros Therezita e atacadistas).

Em 1909, quando já tinha completado 21 (vinte e um) anos de idade foi para o Acre, trabalhou no Rio Antimari como balconista de um barracão do seringal de Salomão Mello & Cia. Após a passagem pelo barracão foi para o comando da lancha Netuno, onde aprendeu a praticar e comandar embarcações e motores, tornando-se regatão². Após trabalhar como guarda-livros nos seringais de Chico Ferreira, Jacinto Freitas, Braga Vieira, e Coronel Octávio Reis, este se tornaria seu sócio a partir de 1915.

Em 1919 casou-se com a jovem Nina Siqueira, natural de Tefé, filha de Rafael Siqueira e Alice Cagy Siqueira (figura 5); passa residir em Manaus e tocar a casa aviadora, da qual tinha se associado ao Coronel Octávio Reis. Nesse ínterim, em 13 de julho de 1923, nascia em Manaus, Samuel Isaac Benchimol. Era um momento de crise; então decidiu deixar Manaus e levar a família para viver e trabalhar no Rio Abunã, como sócio e arrendatário dos Seringais, Porto Luis e Guarapari, para tentar soerguer a empresa seringueira num período de crise. Relatos mostram os momentos de amargura e tristeza, a doença atingia a família nos seringais, episódio descrito por Samuel Benchimol que é acometido de malária, conforme expõe,

[...] Dois de meus irmãos nasceram nesses seringais, e eu próprio, na minha infância, conheci a penúria e a doença. Atacado de malária, fui transferido para Porto Velho. Recordo-me ainda, e talvez seja esta a primeira imagem de minha memória de menino, sofri humilhação de ser carregado no colo por

² Negociante no barco, compra por atacado nas cidades e vende a retalho no beiradão.

um homem humilde nosso vizinho; ele me levava, todos os dias, para tomar injeção de quinino no Hospital da Candelária, da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. (BENCHIMOL, 1977, p. 23)

Há abundante literatura sobre a vida nos seringais, de ficção a ensaios, o próprio Samuel Benchimol escreveu o *Romanceiro da batalha da borracha* (1992). Para além do romance *A Selva* (1967), de Ferreira de Castro, há os escritos de Alberto Rangel, que não faz concessões e descreve os momentos difíceis passados por trabalhadores, que vivenciaram a derrocada da borracha, os pesares, as doenças, as mortes e a exploração que passavam os seringueiros como na passagem do conto “Maibi” em *O Inferno Verde* (2008).

Também está presente na obra de Milton Hatoum, que dá um panorama interessante das transformações que se passam naquele período. O fluxo migratório, o desejo do retorno do migrante, por saudade da sua terra, a cultura e costumes desses povos incorporando e absorvendo a sua e a cultura do outro país. O pano de fundo do livro *Dois irmãos* é o Brasil participante da Segunda Guerra Mundial, visto na cena quando Halim vai buscar Yaqub, que retornava do Líbano, no cais do Rio de Janeiro. Nessa época, a cidade de Manaus passou a ser conhecida como a Paris dos Trópicos, devido a urbanização ocorrida, ganhou grandes avenidas, bulevares, prédios públicos importantes e o pomposo teatro; também atraiu a primeira leva de imigrantes, como é retratado na narrativa de *Dois irmãos* e migrantes do nordeste se deslocam para a região amazônica.

Outro acontecimento presente na obra *Dois irmãos* é a ditadura militar no país, em 1964, quando o presidente João Goulart é derrubado por forças militares, dando início a um período de forte repressão política; a criação da Zona Franca de Manaus, que na narrativa o personagem Rochiram, estrangeiro empreendedor que representa os novos interesses, levando a cidade mais uma vez fracassar para reconstruir-se em cima daquilo que não fora terminado, por conta da interrupção do ciclo econômico anterior. As dinâmicas da cidade levaram os personagens a não terem permanências nos ciclos da vida, econômica, e,= conseqüentemente social da região amazônica, são vidas que se constroem, porém se destroem junto com os ciclos de ascensão e decadência.

Tais questões atingem a família Benchimol, é descendente de imigrantes judeus, é nascido em Manaus, porém, vai para o seringal, embora não tenha sido de família de seringueiros, mas estavam envolvidos com os negócios embasados na economia da borracha, passam a padecer com a falta de recursos financeiros no

seringal, com a derrocada da borracha, já no segundo período da Batalha da Borracha, Benchimol (1993) descreve,

Em 1931, mamãe resolveu deixar o seringal para forçar papai a abandonar de vez o inferno da miséria e da malária, pois o preço da borracha era tão vil que o produto da venda aos aviadores em Manaus, não dava para pagar o frete fluvial pelo rio Madeira” (BENCHIMOL, 1993, p. 9).

E acrescenta, que para isso, sua mãe, Nina, senta em sua máquina de costura, confecciona roupas para os seringueiros, consegue juntar algumas economias e envia os filhos para viver em Belém com a avó Alice Siqueira (BENCHIMOL, 1993), enquanto, o restante da família continua no seringal do Abunã, economizando verba, para futuramente saírem daquele lugar, pelo menos era o pensamento de Nina Siqueira.

Mas, o que estava acontecendo para ocorrer essa crise, ou como foi que a Amazônia perdeu o monopólio da borracha? Este não é o ponto focal da pesquisa, todavia, daremos breves relatos que nos farão compreender, principalmente a relação desse momento na vida de Samuel Benchimol. O primeiro ciclo da borracha foi marcado pelo ato de biopirataria, quando as sementes da seringueira são levadas para a Inglaterra por Henry Wickham de forma ilegal, conforme Warren Dean (1989), “também se afirmou que, contrariamente à versão de Wickham, as autoridades brasileiras sabiam o que ele estava fazendo” (p.45). Outros, ao realizarem um estudo sobre a borracha na Amazônia, dizem que Wickham teve êxito por conta da benevolência do governo brasileiro, que mandou os índios colherem as sementes nos seringais, mas não se sabe exatamente sobre esse ocorrido.

O que se sabe, é que tão logo houve a concorrência com os seringais de cultivo nas colônias inglesas da Ásia, Ceilão e Malásia, a economia amazônica foi arrasada. Dean (1989), descreve a situação desse momento na Amazônia,

Os salários caíram junto com os preços a um quarto do seu nível durante o *boom*. Comerciantes, exportadores, banqueiros e corretores desesperados juntaram-se a seringueiros num êxodo da região. Manaus e Belém, as fulgurantes capitais equatoriais do comércio da coleta, iriam enfrentar um longo inverno de estagnação, inaugurado por bancarrotas em série. (DEAN, 1989, p. 65)

Esta estagnação perdura em toda a década de 1930, e um acontecimento pessoal ainda agrava mais a família, conforme relato de Samuel Benchimol (1977),

Nosso pai que, nessa época, já era sócio nos seringais arrendados de Octávio Reis e, nem por isso, havia melhorado de vida, sofreu um grande desastre. Ele era também piloto fluvial e o motor que conduzia, juntamente com o batelão carregado de castanha e borracha, bateu numa pedra do rio e foi ao fundo. Papai perdeu tudo, conforme carta que recebemos em Belém, contando os pormenores da tragédia. Esse infortúnio levou nosso pai a abandonar de vez o rio Abunã e se transferiu para Belém, ao encontro da família, para se unir a mulher e os filhos. Lá, no pico da depressão dos anos 30, não conseguiu emprego e vivemos graças à ajuda de nossa avó e tios, pois morávamos todos juntos na Travessa São Mateus 165, perto da Praça Batista Campos [...] (BENCHIMOL, 1993, p. 9)

Tempos mais tarde, Benchimol busca compreender o que houve nesse período e, como os imigrantes e migrantes, principalmente os nordestinos, adentraram na Amazônia em busca de melhores condições de vida, bem como descreve seus labores, principalmente, dos seringueiros, que pintavam um cenário de eldorado, porém, muitos deles se decepcionavam ao verem que não era nada daquilo que imaginavam. Isso tudo expõe através de uma pesquisa realizada em 1942, quando cursava o segundo ano da faculdade de direito.

Na época, grande massa de migrantes nordestinos adentram a Amazônia, e ele teve contato com grande parte deles, em virtude de estar como despachante de bagagens, no flutuante da Panair do Brasil, no “Roadway” da “Manaus Harbour”, e assistia a chegada de numerosas levas de migrantes nordestinos, atraídos pela propaganda da Batalha da Borracha, em decorrência dos acordos de Washington, assinados logo após a invasão japonesa dos seringais da Malásia (BENCHIMOL, 1977, p. 143).

Então, após a família Benchimol (Figura 5) retornar para Belém-PA, Isaac (pai) passa um ano desempregado, mas seus filhos dão início e concluem o ensino primário, fato marcante na vida de Samuel Benchimol, conforme descreve,

O meu pai passou um ano desempregado em Belém, mas a passagem nessa cidade foi, para nós e nossa família, muito importante, pois lá iniciamos e concluímos o curso primário, e lá também nasceu o nosso irmão Alberto. Já éramos, nessa altura, seis irmãos e vivíamos em extrema dificuldade, gastando as últimas economias da dona Lili e do seu Isaac. (BENCHIMOL, 1993, p.9)

Por volta do ano 1932, a família decide voltar para Manaus e recomeçar a vida. Isaac Benchimol não poderia comercializar, em decorrência de estar falido e ter que pagar os credores. Para sustentar a família, consegue um emprego como guarda-

livros para as firmas, J. Tadros, Phelippe Daou, Solon Benemond e Oliveira, Barbara & Serfaty (BENCHIMOL, 1993).

Com a família já morando em Manaus, durante a Segunda Guerra Mundial, ocorreu a “Batalha da Borracha”, quando houve o recrutamento de extratores de látex para a Amazônia, visando suprir de borracha natural os mercados externos (americano e inglês). Isso ocorreu porque japoneses invadiram seringais asiáticos. Em 1942, os EUA repassam mais de 100 milhões de dólares para a compra de artigos, tendo em vista que a borracha sintética não substituía totalmente a borracha natural.

Para entender a “economia de guerra”, foi assinado acordo entre o Brasil e Estados Unidos, conhecido como **Acordo de Washington**, pelo qual o governo brasileiro fornecia borracha natural e o governo americano fazia investimentos em saúde, finanças, mobilidade. Este período é tratado na obra de Samuel Benchimol especialmente em: *Amazônia: Um pouco-antes e além-depois* (1977), *Romanceiro da batalha da borracha* (1992) e *Lembranças e lições de vida* (1993).

No período da Batalha da Borracha há a retomada das atividades, que marcam a criação de novas empresas, algumas de empreendedores judeus, e é desse período que o pai de Samuel, Isaac, em 1942, cria a firma Benchimol & Irmão, já com a participação dos seus filhos Israel e Samuel. Passa, então, a ter grande participação na comunidade local durante 30 (trinta) anos, foi presidente do comitê Israelita do Amazonas. Nesse período conseguiram realizar a compra da Sede da Sinagoga Beth Jacob, em 1937, localizada na Praça da Saudade. Posteriormente, promoveu a fusão das duas sinagogas Raby Meyr e Beth Jacob (1962).

A religião judaica foi bastante presente na vida de Samuel Benchimol e de seus sucessores, que até hoje preservam a tradição. Portanto, o patriarca Isaac Benchimol e Nina Siqueira tiveram papel fundamental na participação da construção do ser. Isaac faleceu em 1974, aos 84 anos deixando viúva Nina Siqueira, com os filhos, Israel, Rafael, Samuel, Robine, Licita, Saul, Alberto e Benjamin.

Ao longo de sua produção intelectual se observa uma forte influência dos ensinamentos judaicos, por exemplo, quando defende a criação de gado na Amazônia (descrito no livro *Amazônia: um pouco-antes além-depois*). Para isso, reconhecia que seria necessário o desmatamento de grandes áreas destinadas à formação de pastos. Porém, reconhece o engano e abandona a ideia. Farias (2010) comenta esses equívocos, utilizando-se da interpretação de Arnold Toynbee, historiador britânico, sobre as influências da educação hebraica, que valoriza a pecuária devido a

agricultura ser considerada maldita para o povo de Israel, e porque o pastoreio era a principal atividade que sustentava a economia de um povo nômade. (PINTO *et al*, 2019, p. 181)

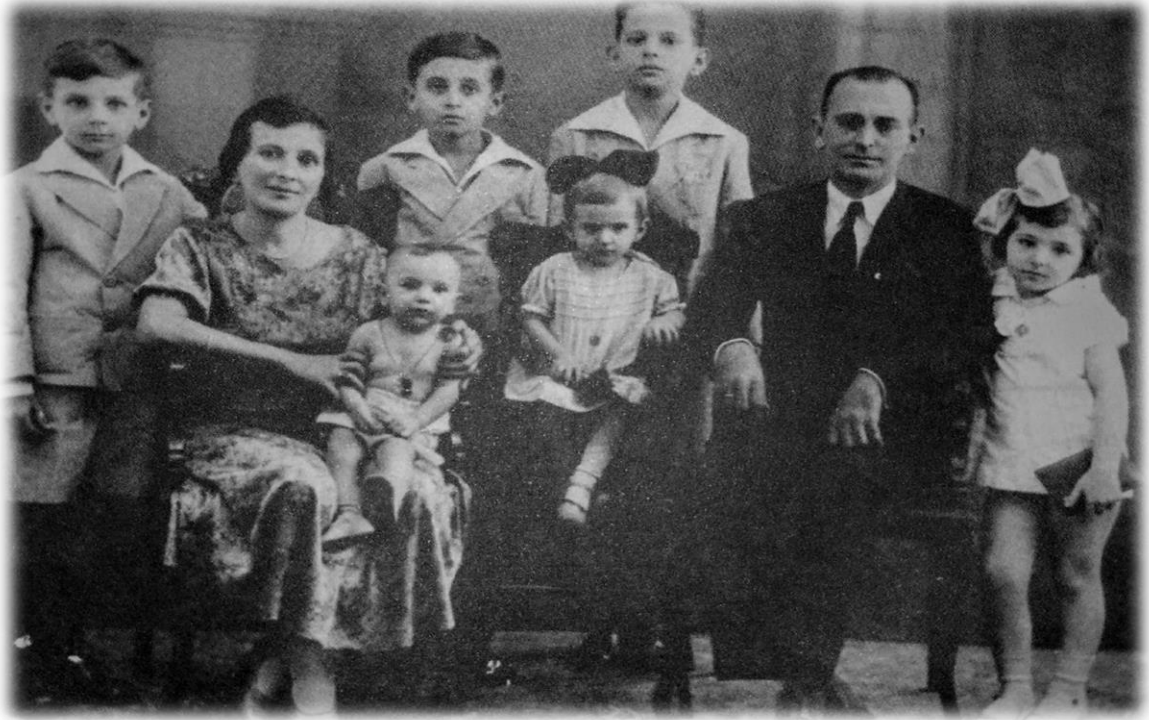


Figura 2: Família de Samuel Benchimol

Fonte: Biblioteca Samuel Benchimol. Fotografia do quadro na parede. Foto: BRAGA, Hellen (junho/2018)

Pode-se destacar fatores importantes da família. Primeiro, o seu envolvimento com o empreendedorismo, o que muito influenciou, posteriormente a vida dos sucessores. Outro fator foi a demonstração de coragem do sonho da mãe, Nina, de que os filhos se formassem e se tornassem doutores, o que a impulsionou juntar algumas economias e mandá-los para a cidade. Além do mais, vale destacar a influência da cultura judaica que Israel Isaac Benchimol, o patriarca, busca sustentar e transcursar para seus filhos. Todos os principais relatos podem ser perpassados para os sucessores segundo a tradição judaica. Nesse sentido, relata Samuel Benchimol,

Sabemos, porém, pela tradição oral que foi sendo passada de uma geração para outra, seguindo aliás, os ensinamentos Talmúdicos, que o nosso epicentro ancestral se localizou na cidade livre de Tanger, em Marrocos, onde pontificou, desde 1700, um dos tataravós, Abraham Benchimol, que, segundo alguns, era filho do Grão-Rabino de Fez, em Marrakesh. (BENCHIMOL, 1977, p. 22)

Conforme a tradição, o patriarca da família quando chega a idade avançada, escreve uma carta ou testemunho aos filhos, sócios e diretores da organização que todos ajudaram a construir, “esta carta de princípios deve resumir o que aprendeu na vida, a sua experiência, contar as dificuldades e sucessos, resumir a memória e a história da família e da firma” (BENCHIMOL, 1993, p. 7) com finalidade de reunir as memórias da vivência, a sabedoria que fora acumulada aos seus filhos, netos, sucessores.

Observamos na linha do tempo (Figura 4), que durante o percurso até chegar em seu nascimento, há um caminho que construiu a história de sua família, por conseguinte, o itinerário que é a geografia de uma viagem e que faz parte da sua construção como ser.

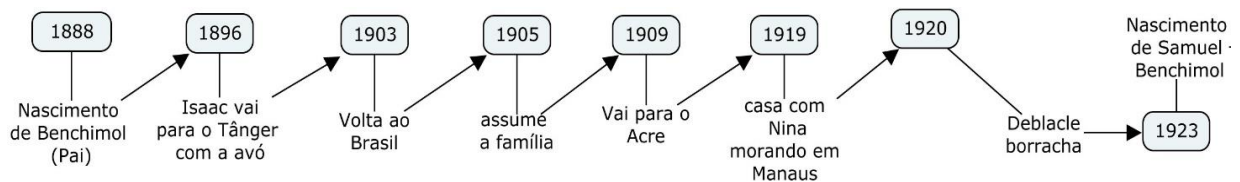


Figura 3: Linha do tempo até o nascimento de Samuel Benchimol
Fonte: Benchimol (1977), Amazônia um pouco antes e além depois
Organização: BRAGA, Hellen (2019)

As influências familiares foram refletidas na liderança da empresa, que futuramente seria fundada com os filhos, perdurando até os dias de hoje (2020) reconhecida nacionalmente como empresa que perpassa por décadas, o que nos sugere a influência da família patriarcal, dos costumes vivenciados e perpassados de pai para filho.

Os judeus tiveram participação importante na ocupação da Amazônia, tanto na miscigenação como na atividade econômica, em virtude de grande maioria estarem ligados com a questão do comércio e da indústria.

2 O Empresário

Quando Samuel Benchimol completa 19 anos, foi criada a empresa Benchimol & Irmãos (figura 7), pelo pai que recomeçara a vida em Manaus como guardador de livros, logo após a ruína da borracha. Para abrir a empresa, precisara entrar com o único bem material que possuía, sua casa, para José Gonçalves de Araújo, da tradicional firma J.G. Araújo & Cia. Ltda, principal credor da época.

E como não podia comercializar em seu nome, devido não ter crédito referente a débitos anteriores, a solução foi colocar no nome de seus filhos, Israel e Samuel Benchimol. Porém, Samuel não podia exercer a função, porque ainda não tinha atingido a maior idade. Foi então que seu pai, decide reconhecê-lo, no cartório, como maior idade, para que fosse sócio de seu irmão e fundassem a empresa.

Durante o primeiro momento da carreira empresarial, houve diversos episódios, que permeavam a Amazônia, corria os anos de 1942, em plena Segunda Guerra Mundial,

Fundada no dia 13 de agosto de 1942, como sociedade solidária em nome coletivo (todos os sócios são responsáveis com seus bens particulares pelas dívidas e obrigações da empresa), tendo como sócios quotistas e diretores, o meu irmão mais velho Israel Siqueira Benchimol – que era farmacêutico e havia sido empregado da Drogaria Universal antes de ser sócio da Farmácia Moderna – e eu, que na época tinha 19 anos e por não haver atingido a maioridade, o meu pai teve que emancipar-me, conforme escritura pública lavrada no Tabelião e registrada na junta Comercial. A firma foi fundada com um capital de vinte contos de réis, equivalente a mil dólares e foi emprestado pelo nosso pai, para pagarmos quando pudéssemos. (BENCHIMOL, 1993, p.11)



Figura 4: Primeiro empreendimento Benchimol

Fonte: Biblioteca Samuel Benchimol. Fotografia do quadro na parede.

Foto: BRAGA, Hellen (junho/2018)

Como todo início de empresa, a família Benchimol enfrenta momentos complexo, e por serem novos comerciantes, quase não eram reconhecidos, portanto, as empresas tradicionais dominavam o mercado nos aviamentos. Samuel ficou sendo sócio do seu irmão, responsável pela organização burocrática e dos contatos externos, encarregado de procurar novas representações nos outros estados do Brasil, escrevendo cartas todos os dias, fazendo contato com associações comerciais, oferecendo os serviços da empresa.

Também era o responsável pelo escritório e fazia o caixa, buscava tempo já que estava cursando a faculdade de direito e dava aulas de Economia, à noite, na Escola Municipal de Comércio Sólon de Lucena (BENCHIMOL, 1993). Tal atitude indica sua organização, boa articulação com pessoas, também a organização do seu tempo para que todas as obrigações fossem cumpridas.

A partir de uma desventura ocorrida com a empresa, um irmão de Nina Siqueira (José Rafael Siqueira), transfere para a atual Grupo Bemol, alguns laboratórios farmacêuticos como o Millet Roux, o Phimatosan, e outros. Todavia, com o dever de entregar a ele metade da comissão adquirida. A partir disso, permitiu a ampliação das

vendas, e passaram a ser mais visados no mercado. Contudo, havia algumas situações desconfortáveis, mas Benchimol tirou uma lição importante dessa situação:

Recordo-me que, na maioria das vezes, os pedidos dessas farmácias limitavam-se a três unidades de um remédio, e eu mesmo ou o Israel íamos fazer as entregas, tirar as notas fiscais, emitir as duplicatas e descontá-las depois com o Sr. Diamantino, Gerente do Banco Ultramarino – um banco português que funcionou na esquina da Rua Marechal Deodoro com a Quintino Bocaiuva, que era o único banco mais acessível aos comerciantes. Os outros bancos, o Bank of London pertencia à elite comercial e o Banco do Brasil era exigente demais com avais e refugava a maioria das duplicatas. Por isso, o Gerente do Banco Ultramarino abusava e tratava mal os seus clientes, sendo conhecido na praça como um homem grosseiro e intratável, mas que todo o mundo aturava porque não havia alternativa. Quando começou a surgir a concorrência com o Banco da Lavoura (hoje Banco Real), perdeu quase toda a clientela. Aprendemos com isso uma grande lição: ***trate bem os seus fregueses, mesmo que você seja o único fornecedor, pois se não o fizer, mais tarde quando aparecer um concorrente o seu negócio estará perdido.*** (grifo do autor, 1993, p.12)

Como já referido, no ano de abertura da empresa era corrido o ano de 1942, momentos difíceis em virtude da Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos tinham acabado de declarar guerra ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão), após o ataque a Pearl Harbour, aliando-se à Inglaterra, França e outros países europeus. O Brasil entrou na guerra aliando-se aos Estados Unidos, com quem assinou os acordos de Washington em 1942, que iria permitir a reativação dos seringais silvestres através da Rubber Development Corporation. (RDC)³ e outros órgãos que foram criados, visando aumentar a produção da borracha.

Para tanto, foram criados o Banco da Borracha para financiamentos aos seringalistas, sendo que 40% do capital desse Banco pertencia ao governo americano (anos depois essa participação foi vendida ao governo brasileiro e o Banco se transformou em Banco de Crédito da Amazônia, antecessor ao Banco da Amazônia (BASA). Foram também criados organismos para recrutar imigrantes, para trabalhar nos seringais nativos, os soldados da borracha (BENCHIMOL, 1993).

No período da abertura da Benchimol & Irmãos (1942), o mundo vivia num momento de crises, em plena guerra. Samuel Benchimol descreve a ocasião,

³ Resolvem, devidamente autorizados pelos respectivos governos, celebrar o presente acordo, na forma das cláusulas seguintes: 1ª A Rubber Development Corporation se compromete a depositar em conta especial no Banco do Brasil, à disposição do governo brasileiro, a importância de US\$ 2.400.000,00 (dois milhões e quatrocentos mil dólares), além da importância de US\$ 350.000,00 que se comprometeu a entregar ao Departamento Nacional de imigração (DNI), nos termos da carta que dirigiu à Comissão de Controle dos Acordos de Washington, em 15 de dezembro de 1942 (Decreto-lei 5813 de 14/09/1943 / PE – Poder Executivo Federal, D.O.U. 14/09/1943)

Foi uma época muito difícil, pois em Manaus faltava tudo e os gêneros eram todos racionados. Campeava o câmbio negro e muita gente conseguiu ganhar dinheiro obtendo quotas de alimentos dos órgãos do governo, para vender na capital e no interior. Também, nessa época, os serviços públicos e a infra-estrutura da cidade tinha se deteriorado de tal maneira que, devido a obsolescência dos equipamentos, faltava água e luz. O governo do Estado, sem recursos e sem impostos, atrasava o pagamento do funcionalismo público em cerca de seis meses e, com isso, as vendas caíam. (BENCHIMOL, 1993, p. 12-13)

Devido a não receber favores do governo, a empresa nesse período ficou estagnada, e por não ter influência política, permaneceram na atividade empresarial. O pai procurava ajudar dando orientações, e dizia,

‘toda muda murcha’, querendo dizer com isso que, como havíamos vindo do interior, sem tradição na cidade, teríamos que ajustar as nossas vidas e trabalhar muito para obter resultados, mas que, como no caso das ‘mudas’ de árvores, antes de alcançarem o viço, elas murchavam para depois crescer se bem tratadas, aguadas e adubadas. (BENCHIMOL, 1993, p.13)

Tais argumentos faziam com que a família continuasse suas atividades empresariais. No princípio, comerciavam mais produtos farmacêuticos, posteriormente, a partir do conselho do pai, passaram a trabalhar, também, com gêneros alimentícios, a partir do contrato feito com uma empresa de sal, Donato Martins & Cia., de Fortaleza. Em seguida, passa a importar cerveja do sul do país, porém, enfrentou-se a dificuldade com o transporte. Outra tentativa para o crescimento econômico da empresa foi o engajamento de Samuel e seu irmão no ramo da venda de seguros, a princípio deu certo, posteriormente não deram continuidade.

Com a boa articulação dos irmãos Benchimol, sobretudo, de Samuel que era o responsável pelas negociações, pois ele escrevia as cartas para conseguir negociar os produtos para a revenda, foi exequível vários contratos com empresas estrangeiras, em virtude da facilidade da língua inglesa dominada por Samuel Benchimol. Portanto, oportunizou-se a articulação com empresas do exterior, sobressaindo as outras empresas de Manaus. Sendo assim, além da ampliação da linha de representação de produtos e vendas, começam a contratar funcionários para realizar a venda dos seguros, estivas, medicamentos, peças de automóveis, produtos alimentícios e ferragens.

Outro evento, para exemplificar as articulações de Samuel Benchimol, foi a partir de sua ida aos Estados Unidos. Como era bem articulado, conseguiu comerciar

farinha de trigo e exportar para o Brasil, a única firma que vendia farinha de trigo era a Bemol, possibilitando, assim, uma considerável rentabilidade para a empresa. Muitas foram as articulações com o exterior, Escócia, Inglaterra e Suíça, de onde era importado o linho, “naquele período poucos eram os comerciantes que sabiam escrever em inglês. Geralmente as firmas exportadoras tinham os seus correspondentes e tradutores” (BENCHIMOL, 1993, p. 18). Assim, levaram vantagem, pois eram eles que faziam a negociação, tendo em vista que sabiam escrever em inglês.

No dia 20 de agosto ano de 1956, começam a Sociedade Fogás LTDA. Os sócios dessa sociedade eram os três irmãos, Israel, Saul e Samuel Benchimol. Saul Benchimol, no depoimento dado a David Salgado (2015) relata esse momento,

Quando o senhor Isaac Sabbá fez a refinaria, o Samuel anteviu que, com a refinaria em Manaus, haveria produção de GLP, Gás Liquefeito de Petróleo. Então, o Samuel foi falar com o velho Isaac, e ele disse que não tinha interesse no GLP. Então, o Samuel disse: “Se o senhor não tem, eu tenho. Assim, quando foi feita a refinaria de Manaus, em 1956 [...]” (SALGADO, 2015, p. 41)

Nesse momento, Samuel Benchimol, já com 33 anos, possui maturidade no comércio, uma vez que já tinha experiências comerciais com a Bemol, bem como experiência de ter participado da fundação do Banco do Estado do Amazonas e pertencer a diretoria da Refinaria de Manaus – REMAN (BENCHIMOL, 1993).

Atividades empresarias de Samuel Benchimol:

- Vice-Presidente do Banco do Estado do Amazonas, Manaus-AM, 1957/1962
- Diretor da COPAM – Refinaria de Petróleo de Manaus, Manaus-AM, 1962/1968
- Diretor da Associação Comercial do Amazonas, Manaus-AM, 1945-1998
- Presidente do Grupo Empresarial Bemol/ Fogás, Manaus-AM, 1942/1998

3 O Intelectual e a Obra

O literário Elson Farias é considerado por Oliveira & Braga (2019), como o revelador de Benchimol como cientista, escritor e humanista, em seu ensaio *Nova Terra da promessa – a Amazônia de Samuel Benchimol*, discute uma das obras

basilares deste pensador, Amazônia: formação social e cultural, e ao longo da análise faz referência à construção “tijolo a tijolo”, do ponto de vista estético da literatura. Elson Farias aponta a relevância dos escritos de Samuel Benchimol, sobretudo, examina o papel do professor, intelectual e empresário bem sucedido, como um dos importantes intérpretes da Amazônia, uma vez que se dedicou a escrever sobre a região, numa temporalidade transversa em que se imbricam o passado, o presente e futuro.

Do ponto de vista estético da literatura é como uma construção com os tijolos deixados à mostra. Pode-se destacar, também, que seus escritos possuem uma certa similaridade com o tema equivalente em outros autores, como Gilberto Freyre e Arthur César Ferreira Reis; estas por sua vez sendo figuras importantes para a formação do pensamento social sobre a Amazônia, conforme Farias (2010) aponta: “aí discípulo e mestres, Samuel Benchimol, Arthur Reis e Gilberto Freyre passam a comungar e exprimir os mesmos sentimentos.” (FARIAS, 2010, p. 26)

Samuel Isaac Benchimol nascido em Manaus no dia 13 de julho de 1923, é reconhecido por Gilberto Freire (1981) como um amazonófilo e intérprete da Amazônia, uma vez que dedicou boa parte do seu tempo para a pesquisa sobre a Amazônia. Escreveu centenas de livros e artigos, principalmente no que diz respeito à economia do Amazonas, bem como ao desenvolvimento sustentável na Amazônia.

Dar início aos estudos com 5 (cinco) anos de idade, em 1928, no curso de Alfabetização na Escola Tobias Barreto, em Porto Velho-RO. Posteriormente ao chegarem em Belém-PA, nos anos 1929-1932, dá continuidade aos estudos no curso Primário no Colégio Progresso Paraense. Em 1933 inicia no curso de Admissão no Instituto Universitário Amazonense de José Chevalier, em Manaus. Logo em seguida, (1933-1938) faz o Curso Secundário no Ginásio Amazonense Dom Pedro II (figura 10). Nos anos 1939/1940 cursa o Pré-Jurídico pelo Colégio Dom Bosco Manaus-AM, posteriormente, passa três anos no curso de contador pela Escola Técnica de Comércio Solon de Lucena (1937/1940).

Samuel Benchimol, desde muito cedo demonstrou interesse por estudos. Quando sua família chega em Belém, fugindo da crise no seringal, os filhos têm a oportunidade de dar início aos estudos. Samuel bem recorda com esmero o momento de conquista, quando retornam a Manaus, em 1933 para reiniciar a vida e dar continuidade aos estudos.



Figura 5: Ginásio Amazonense Pedro II (1930) – Manaus - AM.

Fonte: Secretaria de Estado de Cultura, <https://glo.bo/2YwNQFO> (acesso: agosto: 2019)

Quando cursou na Escola Pedro II (Figura 10), recebe influências positivas de um professor de Geografia, Agnello Bittencourt⁴, professor conceituado que viu em

⁴ Agnello Bittencourt nasceu em Manaus, Amazonas, em 14 de dezembro de 1876, e faleceu no Rio de Janeiro, em 18 de julho de 1975. Filho de Antônio Clemente Bittencourt e Antônia de Andrade Bittencourt.

Fez o curso primário no Colégio Treze de Maio e o curso da Escola Normal (1895), na cidade natal. Ainda aluno da Escola Normal, foi nomeado amanuense do Congresso Legislativo Estadual. Em 1896, foi designado professor primário em Aiapuí (Rio Purus), sendo em 1905 transferido para a capital. Exerceu os cargos de diretor da Escola Complementar do Sexo Masculino e do Grupo Escolar Silvério Nery, assim como o de inspetor de Ensino. Em 1905, por concurso, conquistou a cátedra de Geografia Geral e Corografia do Brasil do Ginásio Amazonense Pedro II (hoje Colégio Estadual do Amazonas), cargo em que se aposentou em 1946, após 52 anos de magistério. Foi diretor desse estabelecimento mais de uma vez.

Entre 1912 e 46, exerceu também a cadeira de Geografia Comercial e História das Indústrias e do Comércio da Escola de Comércio Sólon de Lucena, da Prefeitura Municipal. Foi seu diretor. Entre 1938/40, lecionou Geografia Humana no Colégio D. Bosco.

Foi diretor-geral da Instrução Pública por três vezes. Em 1940, foi delegado Regional do Recenseamento. Representou o Amazonas na Exposição Nacional de 1908 (RJ), na VI, na VIII e na X Congressos Brasileiros de Geografia (1919, 1922 e 1924). Em 1937, foi designado secretário do Diretório Regional de Geografia do Conselho Nacional de Estatística e em 1938 membro do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Estado do Amazonas. Integrou a Comissão criada para promover e orientar a restauração da Biblioteca Pública em Manaus.

Fundador do IGH/AM (1917) e seu presidente de 1931 a 1946, quando passou a sócio benemérito e depois presidente de honra e presidente perpétuo. Membro da Academia Amazonense de Letras, do Grande Oriente Maçônico do Amazonas, Acre e Territórios Limítrofes, da Sociedade Brasileira de Geografia, do IHG/PA do IGH/BA, do IH/AL, do Instituto do Ceará. Em 31 de agosto de 1948, foi eleito sócio honorário do IGHB.

Escreveu muitos artigos publicados em jornais e revistas, além dos livros: Tese de Concurso, Manaus, Tip. do "Amazonas", 1905 – Corografia do Estado do Amazonas, Manaus, Tip. do Palais Royal, 1925 – A Instrução Pública no Quatriênio Ephygenio de Salles, Manaus, Impr. Ofic., 1929 – Discurso de posse na Acad. Amazonense de Letras, Manaus, Livr. Palácio Real, 1932 – Bacia Amazônica. Vias de comunicação e meios de transporte, RJ, INPA, 1957 – Navegação do Amazonas e Portos da Amazônia,

Samuel um gosto pela pesquisa, um talento acadêmico, então, coloca à disposição do garoto sua biblioteca. Este todas as tardes se deslocava para a biblioteca do professor Agnello, e isso contribuiu para o seu crescimento intelectual, o que possibilitou mais tarde ingressar na Faculdade de Direito, primeira turma (1941) a se formar pós Segunda Guerra (1939-1945).

A década de 1940 foi bastante conturbada, tanto no campo internacional, quanto no campo interno, principalmente no ponto de vista institucional. Nesse período, o Brasil estava buscando encontrar um modelo político viável para dar sentido aos problemas e conflitos sociais e econômicos refletidos no bojo da crise universal.

Perpassavam pelo período da chamada “Era Vargas”, nesse momento, Samuel Benchimol (1977) relata que foi marcada também pela reativação dos seringais silvestre e a movimentação do imigrante cearense. Em 1941, segundo o Censo de 1940, citado por Samuel Benchimol (1977), o Amazonas tinha um total de 517.776 habitantes, subdivididos entre os distritos de Manaus (106.399 hab.); Careiro (75.763 hab.), e distrito de Airão (2.685), ou seja, Manaus comportava cerca de 15% da população do Amazonas.

Eram poucas as opções para a população desse momento, a grande maioria ao concluir o ensino médio (ginásio, como era chamado) buscava encontrar emprego nas repartições públicas, no Banco do Brasil ou no comércio; outros que tinham mais condições financeiras procuravam imigrar para o Sul, ou outros estados e cidades brasileiros, Belém, Recife, Salvador e Rio de Janeiro, a procura de emprego ou de dar continuidade aos estudos, que lhes propiciassem entrada numa profissão liberal (BENCHIMOL, 1977, p. 30-31).

Outros que ficassem em Manaus e quisessem continuar os estudos e cursar o ensino superior, tinham uma opção, conforme Samuel Benchimol descreve,

O estudante secundário que ficasse em Manaus e quisesse continuar os seus estudos superiores só tinha uma opção: a velha Faculdade de Direito do Amazonas, da Praça dos Remédios, que substituíra a antiga faculdade de ciências jurídicas e sociais, única escola superior sobrevivente da antiga

RJ, SPEVEA, 1957 (Col. Araújo Lima) – Eduardo Gonçalves Ribeiro, Manaus, Ed. Sérgio Cardoso, 1962 – Mosaicos do Amazonas, Ec. Sérgio Cardoso, 1966 (Série Torquato Tapajós) – Plantas e Animais Bizarros do Amazonas, Manaus, Ed. Sérgio Cardoso, 1966 (Série Torquato Tapajós) – Reminiscências do Ayapuá. Monografia sobre uma sociedade rural, RJ, Laemmert, 1966 – O Homem Amazonense e o Espaço, RJ, Artenova/Gov. do Est./CFC, 1969 – Fundação de Manaus. Pródromos e sequências, Manaus, Ed. Sérgio Cardoso, 1969, ilustr. – Dicionário Amazonense de Biografias. Vultos do passado, RJ Conquista/Gov. do Est./Acad. Amaz. de Letras, 1973.

Escola Universitária Livre (*inaugurada no dia 22 de novembro de 1909, no apogeu do “boom” da borracha*) de Manaus (grifo nosso, 1977, p. 31)

Enquanto trabalhava Samuel Benchimol trabalhava na madrugada (3-6 horas), como despachante de bagagens (atendia passageiros dos hidroaviões, transportadores de borracha dos seringais para o suprimento das forças aliadas na guerra) na Panair do Brasil, no flutuante ao lado do “roadway” da “Manaus Harbour” (BENCHIMOL 1977, p. 31-32). Após sair da atividade de despachante, iria direto para aula na faculdade de direito que iniciava às 7 horas e a noite lecionava Economia política na escola de comércio Solon de Lucena.

É a partir desse período de atividades intensas que aflora o pesquisador em seu íntimo, e dá início a pesquisa de campo (na época trabalhava no porto de Manaus e testemunhou a vinda de muitos imigrantes) mais tarde apresenta o resultado no X Congresso Brasileiro da Geografia (1944), com título: *O cearense na Amazônia – Inquérito Antropogeográfico sobre um tipo de Imigrante*, e ganha o Prêmio José Boiteux. Este episódio marca o início de outras pesquisas realizadas na região Amazônica.

Após a transferência do flutuante da Panair para o bairro Colônia Oliveira Machado, deu início a uma nova pesquisa, *Geografia e Ecologia Social da Calamidade* (Não concluída), que pretendia apresentar no Congresso Internacional de Geografia em Lisboa, conforme relata,

Embora já tivesse adquirido, nessa altura, uma reputação nacional de pesquisador que “O Cearense na Amazônia” me havia conferido, a perspectiva de viver, profissionalmente, como intelectual e escritor era a indigência e a penúria provinciana. [...] permaneci fiel à minha missão de pesquisador e continuei trabalhando à noite, na conclusão da minha segunda tese “A Geografia e Ecologia Social da Calamidade na Amazônia”, que pretendia apresentar ao Congresso Internacional de Geografia a reunir-se em Lisboa. (BENCHIMOL, 1977, p. 49-50)

No término da graduação é informado que o Consulado Americano, iria realizar um concurso público para concessão de bolsas de mestrado em universidades americanas. No dia 30 de agosto de 1946 recebe a notícia da conquista da bolsa de estudos. Passou 18 (dezoito) meses na Universidade de Miami, em Oxford, Estado de Ohio.

Buscando compreender a realidade, e mostrar seu ponto de vista, preferencialmente com bases estatísticas, isto é, por meio do uso de diversas tabelas

com informações numéricas, onde se pode constatar em grande parte de seus escritos, deste modo, embasava seu pensamento.

Samuel Benchimol teve várias experiências ao longo da sua formação intelectual, conforme o **Quadro 1**:

Formação e Especialização	
Atividades de Samuel Benchimol como discente	Período
Alfabetização	1928
Curso Primário no Colégio Progresso Paraense	1929-1932
Curso de Admissão no Instituto Universitário Amazonense, de José Chavalier	1933
Curso Secundário pelo Ginásio Amazonense Pedro II	1933
Curso Pré-Jurídico pelo Colégio Dom Bosco	1939-1940
Curso de Contador pela Escola Técnica de Comércio “Solon de Lucena”	1937-1940
Curso de Preparação de Oficiais de Reserva (NPOR), com estágio no 27º BC, como Aspirante a Oficial, 2º Tenente R-2	1944-1945
Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas	1941-1945
Mestrado em Sociologia (major) e Economia (minor), em Miami University	1946-1947
Concurso Público para Professor pela Faculdade de Direito do Amazonas	1954

Quadro 2: Atividades exercidas por Samuel Benchimol como discente

Fonte: Livro *Amazônia: quatro visões milenaristas*

Organização: Hellen Braga (2019)

Nota-se que embora tivesse uma vida empresarial ativa, Samuel Benchimol sempre se mostrou interessado com sua vida intelectual. Por estar envolvido com as questões econômicas da Amazônia, uma considerável quantidade de produções acadêmicas se dá no sentido econômico e social, nota-se que agrega a questão ambiental em suas temáticas, até mesmo seu último livro *Zênite ecológico e Nadir econômico-social: análises e propostas para o desenvolvimento sustentável da Amazônia*, configura claramente o tema ambiental em seus discursos e escritos.

Como se pode perceber, foi um desenvolvimentista, assim como muitos contemporâneos, uma vez que as discussões eram voltadas para a inclusão da economia da Amazônia ao restante do Brasil. Nesse sentido, o que mais fora debatido eram os estudos sobre a região, sua caracterização, apontando o potencial da Amazônia, para recomendar formas de viabilizar investimentos e crescimento econômico e social. Não diferentemente, Samuel Benchimol trata de temas relativos

a Amazônia, bem como a urgência no tratamento dos problemas ambientais e econômicos da região.

Sua última conquista na vida acadêmica foi o concurso público pela Universidade de Direito do Amazonas, onde lecionou por vários anos, ministrando a disciplina “Introdução à Amazônia”. Conforme a linha do tempo apresenta (Figura 7).

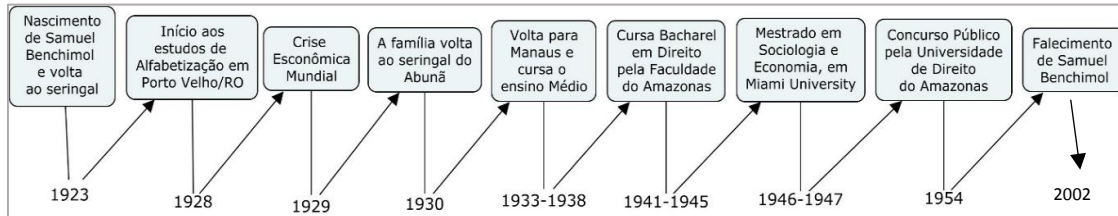


Figura: Linha do tempo, principais acontecimentos na vida de Samuel Benchimol

Fonte: Obra de Samuel Benchimol, principalmente, *Amazônia, um pouco antes e além depois*.

Organização: BRAGA, Hellen (2019).

Junto a Biblioteca Samuel Benchimol foram levantadas 110 obras publicadas nesse primeiro período (1942-2001). A extensa produção intelectual de Samuel Benchimol como já relatado, foi dividida em dois momentos. A seguir é apresentado um gráfico com as obras impressas em formato de livros, utilizadas para a realização da análise dissertativa do referido autor.

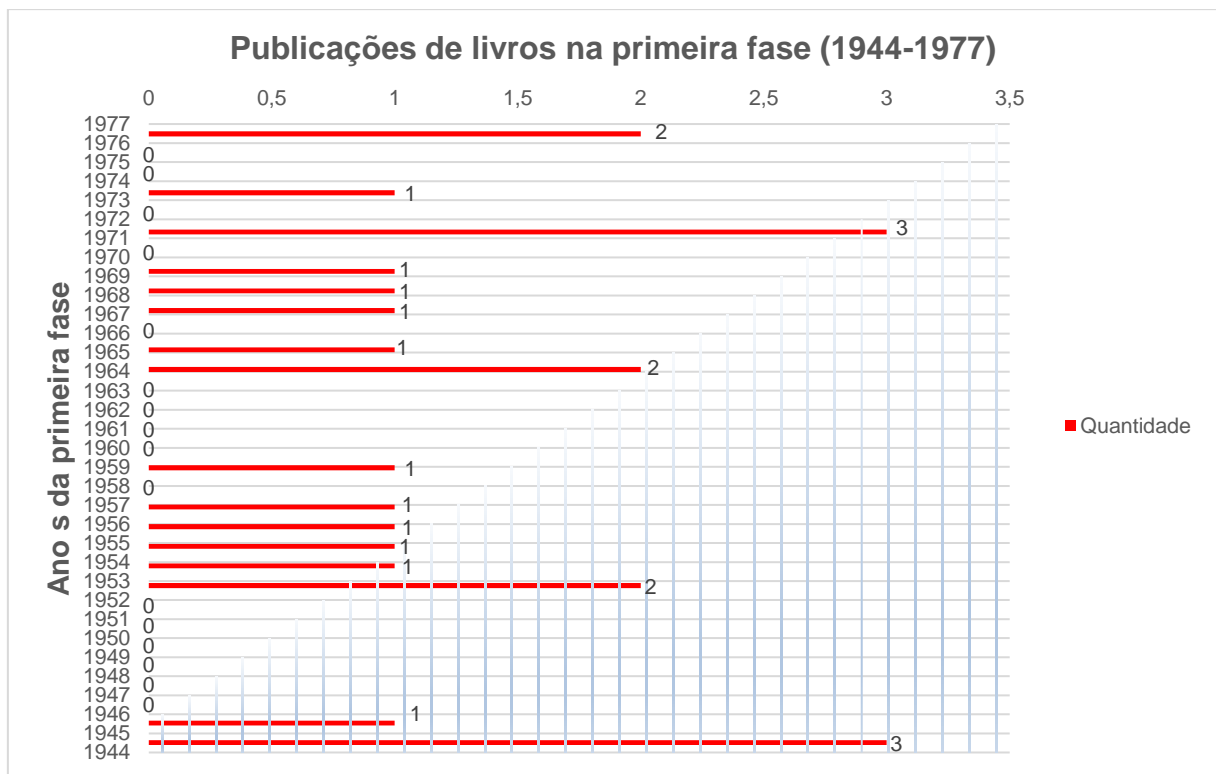


Gráfico 1: Visualização da quantidade de publicações em cada ano

Fonte: Livro Zênite Ecológico e Nadir Econômico Social

Elaboração: BRAGA, Hellen (2021)

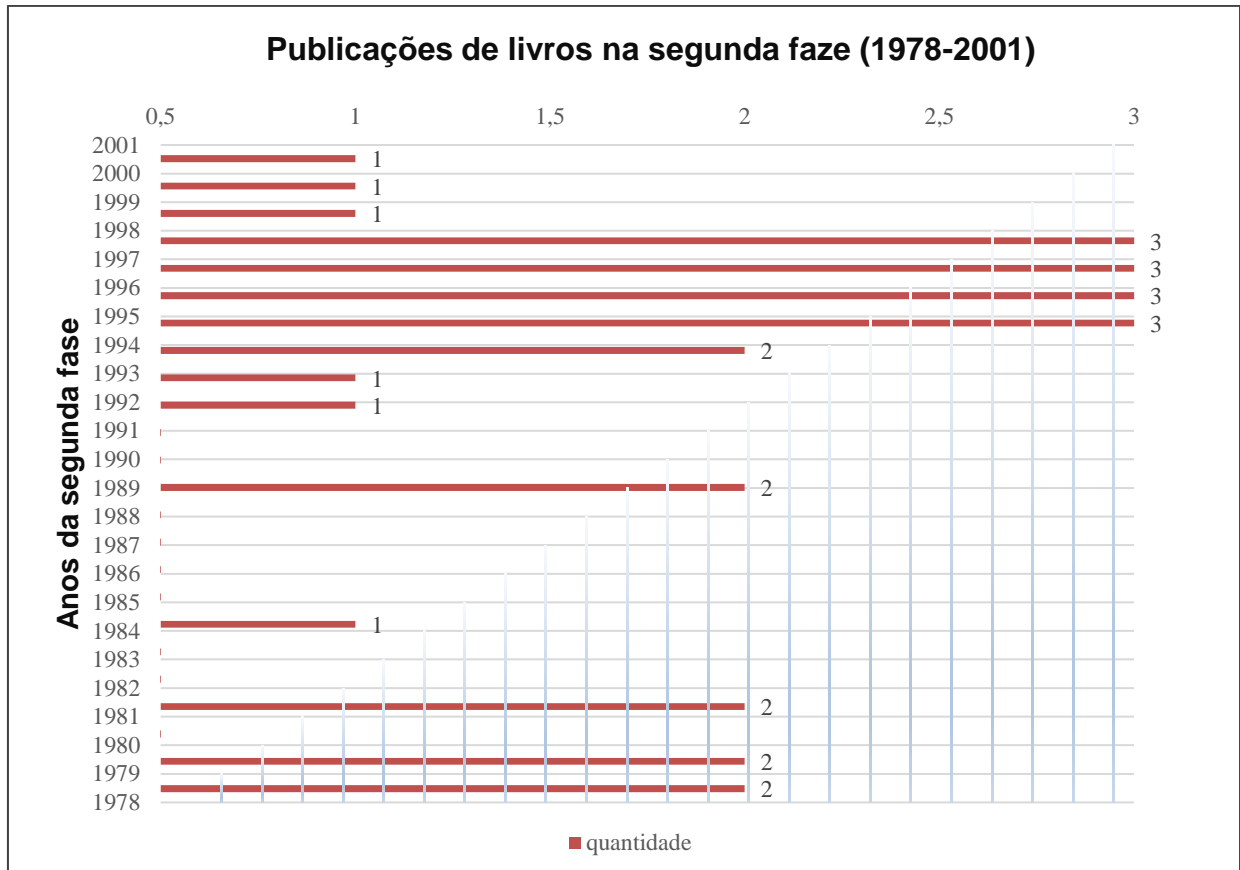


Gráfico 2: Visualização da quantidade de publicações em cada ano

Fonte: Livro Zênite Ecológico e Nadir Econômico Social

Elaboração: BRAGA, Hellen (2021)

Pode-se verificar através dos gráficos 1 e 2 a frequência que Benchimol publicava, pelo menos um livro por ano, o primeiro trabalho publicado foi resultado de sua pesquisa com os nordestinos (1946). Observa-se, também, em alguns anos não houve publicação, provavelmente tenha sido por conta da recente abertura do grupo Bemol, talvez seja um dos fatores que fizeram com que nesse primeiro momento houvesse menos publicação. No período de 31 anos publicou 23 livros, ressalta-se que essa é a quantidade de livros, não se contabilizou o restante, que são palestras e artigos, uma vez que as ideias expostas nesses trabalhos e discursos, já estavam ao longo das publicações de livros.

No segundo período, pode-se visualizar a frequência de publicação. Em 23 anos (1978-2001) foram publicados 28 livros, quando já entra em contato com a academia e se torna professor da Universidade do Amazonas, tendo mais contato com a pesquisa, e participando de eventos que reuniam os intelectuais da época, como por exemplo, na participação dos Seminários de Tropicologia, nos quais um dos organizadores era Gilberto Freyre, que é um autor caro a Benchimol, o convidava.

Chegou a participar nos anos 1981, quando a discussão tinha como tema *A floresta Tropical úmida: aspectos ecológicos*, em 1985, ele participou das discussões, juntamente com a geógrafa Bertha Becker, em torno do tema *Grupos culturais na formação da Amazônia brasileira Tropical*; outro que ele participou foi em 1989, pelo turno da manhã, onde os comentários e contribuições foram sobre a *Historiografia amazônica: balanços e tendências* e a tarde teve como tema de abordagem *Geo, bio, e etno-diversidade na Amazônia*, e último ano de sua participação no evento de Tropicologia, 1990 onde discutiram sobre o *Trópico e o meio ambiente* (CUNHA *et al*, 2010).

A obra de Samuel Benchimol pode ser compreendida através da Ciência Geográfica, uma vez que esta tem como seu objeto de estudo o espaço, e este consistindo em analisar a relação Homem e Natureza, bem como o meio pelo qual há essa interação, o uso da técnica. Parte-se de uma análise da obra de Samuel Benchimol considerando-o um pesquisador da Amazônia, que durante sua trajetória acadêmica buscou compreender as diversas questões que norteiam essa região, publicou várias obras, entre artigos e livros desde 1942 até seu falecimento em 2002. Estas são constituídas num painel da Amazônia, na segunda metade do século XX aos primeiros anos do século XXI, buscando a sua formação territorial nos seus aspectos sociais e naturais, o que é indispensável, sem privilegiar um ou outro.

PARTE II**Obras (1942-1977)**

FONTE: BENCHIMOL, S. Livro Amazônia um pouco antes e além depois (1977)
Ilustração: Moacir Andrade (1976)

Capítulo II

UM POUCO ANTES (1944-1977)

Conforme já apontado, em meados do século XX a Amazônia vivenciou os momentos finais do período da extração da borracha dos seus seringais, como também vivenciava a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nesse período, o Brasil estava sob a administração de Getúlio Vargas, que suscitou o espírito nacionalista e trazia um discurso de desenvolvimento para a região amazônica. Diferentes pensadores corroboravam com o discurso de Vargas; dentre esses, Samuel Benchimol.

Nesse capítulo buscou-se considerar as obras produzidas por esse pensador, a partir dos anos 1942 a 1977, para melhor compreensão de seu pensamento em suas obras de amadurecimento, desde as suas primeiras publicações à sua obra considerada marco, “Amazônia um pouco antes e além depois”, publicada em 1977. A periodização se deu em virtude de se querer saber se o autor permaneceu com suas ideias desde o início do pensamento em formação, ou mesmo no processo de amadurecimento intelectual tenha modificado alguma noção, que anteriormente fora defendida. Deste modo, foi importante fazer essa análise para depois verificar o pensamento maduro de Samuel Benchimol em suas últimas obras publicadas.

2.1 As influências do autor

Samuel Benchimol (1923-2002) viveu períodos importantes da história do Amazonas. Após seu nascimento sucede a crise de 1929, afetando o Brasil, e conseqüentemente chegando a atingir também a Amazônia. Vivenciou o processo de urbanização e crescimento da cidade de Manaus, e escreve sua dissertação por título: “Manaus: The Growth of a City in the Amazon Valley”, “Manaus: o crescimento de uma cidade no Vale do Amazonas”.

Nesse trabalho ele aponta os fatores que fizeram a cidade crescer de forma espalhada, e descontroladamente sem um planejamento, a partir do povoamento e inchaço populacional advindo do êxodo rural. Pode-se destacar, que também participou da efervescente discussão sobre o planejamento econômico do Brasil, e principalmente da Amazônia na Era Vargas.

Após a pronúncia de Getúlio Vargas sobre o “vazio demográfico” da Amazônia, onde argumentava que enquanto no Nordeste do país, haviam pessoas sofrendo com a questão da seca do sertão, que assolava naquela época, poderiam emigrar para a região que “estava com déficit de mão de obra humana”. E, por sua vez, os intelectuais da época entraram em debates, que confirmavam o discurso de Vargas, sobre o mito do “vazio demográfico” na região amazônica, por conseguinte, o povoamento da população nordestina na Amazônia, que enfrentava a questão da seca. Coube, portanto, aos intelectuais a sistematização das ideias permitindo direção, e sentido à prática do movimento. Tais estudiosos buscavam refletir sobre os meios diligentes destinados a integrar a Amazônia ao Brasil. Gramsci (1978) corrobora,

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura. (GRAMSCI, 1982, p. 3)

Os principais pensadores desse período que se envolveram nessas discussões, foram Djalma Batista, Leandro Tocantins, Arthur César Ferreira Reis, (SILVA *et.al*, 2019). Principiando por Arthur César Ferreira Reis (1906-1993), após seus primeiros anos de formação acadêmica, em 1928, torna-se redator-chefe do *Jornal do Comércio*, que pertencia a seu pai. Posteriormente, inicia suas atividades como professor de História do Brasil em Manaus; em seguida foi exercer a política. Segundo Ribeiro (2015), Arthur César foi um agente social que participou das discussões para a construção de um projeto nacional que fosse

Capaz de retirar a Amazônia do atraso sociocultural ao qual foi submetida historicamente pelo extrativismo e integrá-la efetivamente no Brasil. [...] No argumento de Arthur César estão presentes as posições políticas acerca do papel que a Amazônia tem no concerto de um projeto nacional de desenvolvimento comum aos intelectuais da região. A integração da Amazônia constitui a solução para os problemas que afligem grande parte dos setores dominantes, ansiosos para retirar a região da estagnação econômica vivida após o *boom da borracha*, Arthur César procurou institucionalizar suas formulações intelectuais sobre a Amazônia por meio do exercício político de funções públicas estaduais e federais que exerceu da SPVEA, do INPA, do Governo da Embrafilme e outras. (RIBEIRO, 2015, p. 72-73.)

Com a intenção de criar condições novas para o restabelecimento da economia do Brasil, o Estado cria várias instituições, a fim de dar suporte para o novo projeto. Referente a Amazônia foi instituída a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPEVEA), criada pela Lei Nº1806, de 6 de janeiro de 1953. Portanto, sua contribuição nesse cenário dos anos 1950 visava à construção de uma consciência nacional sobre os problemas nos quais a Amazônia estava imersa.

Djalma Batista (1916-1979), médico e intelectual da época, adentrou nas discussões indispensáveis ao diálogo sobre os reveses da região amazônica. Em seu livro *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento* ele interliga diversos momentos da história, economia, sociedade, política e da natureza amazônica, expondo a complexidade da região, a partir dos valores atribuídos a ela.

Djalma Batista, conforme comenta Ribeiro (2015) “desempenhara um papel relevante na disputa pelo poder legítimo de definir/conduzir o processo de desenvolvimento regional a partir de critérios científicos, que levassem em consideração os valores culturais que definiam nossa identidade regional” (p. 83). Ele não apenas focava em compreender os motivos da estagnação econômica local, como propunha mudanças onde a região deveria se desenvolver com sustentabilidade, embasadas na ecologia, economia e no social.

Leandro Tocantins (1919-2004), escritor, jornalista, intelectual e historiador da Amazônia, também entrou no bojo das discussões referentes ao planejamento de desenvolvimento da região. Em seus dois livros autobiográficos expõe suas aspirações por ter um cargo público e ser escritor. É nesse sentido que Tocantins retoma o discurso feito por Getúlio Vargas, com o objetivo de realizar suas aspirações e estabelece ligação entre a “órbita privada de sua trajetória e os processos de mudanças políticas institucionais, e curso no âmbito nacional.” (RIBEIRO, 2015. p. 169).

Os que viveram o período do extrativismo da borracha, encontram no *Discurso do Rio Amazonas*, de Getúlio Vargas, a chave para uma nova fase de compromisso do Estado brasileiro com o desenvolvimento regional, através de mecanismos institucionais federais. Leandro Tocantins retoma esse tema entre sua história e as transformações estruturais vivenciadas pelo país nos anos 1950, questão que mais tarde o leva a escrever a obra mais conhecida: *O Rio Comanda a Vida*, 1952.

No mesmo viés de pensamento desenvolvimentista, Samuel Benchimol participa das discussões que efervesciam o país, principalmente a Amazônia em

busca de integrar a economia regional ao restante do Brasil, e sair da estagnação decorrente do extrativismo ocorrido na época áurea da borracha. Este busca em seus escritos e discursos identificar os problemas da estagnação, e apontar possíveis soluções para o crescimento econômico e social da Amazônia. Faz questão de escrever sobre a importância dos imigrantes na participação da economia da Região, bem como a influência da cultura entre esses povos e os nativos.

Conforme o conhecimento de todos os que estudavam, e até mesmo os leigos sabiam que a Amazônia tinha um grande potencial natural de matérias primas a serem exploradas, porém a discussão era, como isso seria realizado. Samuel Benchimol apontava que naquele dado momento, o Brasil precisava de mão de obra qualificada, logo, era favor da migração, mas não de qualquer forma. Se embasa em Pierre Monbeig argumentando que todos os quilômetros quadrados do território brasileiro têm mais ou menos um verdadeiro valor de futuro. Nesse sentido, Benchimol (1946) argumenta que o “inecúmeno”, conforme ele denomina, é o espaço geográfico passivo, não pôde ser vencido pela técnica de hoje, será conquistado pela técnica de amanhã.

O aproveitamento territorial brasileiro, e conseqüentemente amazônico era um problema que só poderia ser resolvido a partir de três pontos fundantes: o capital, a técnica e as pessoas. Como relata, o “Capital para suportar as empresas de colonização e exploração, a técnica para vencer as dificuldades, romper os obstáculos e tornar eficiente e possível o trabalho, e as pessoas que sejam audaciosas para povoar (BENCHIMOL, 1946, p. 684).

O inecúmeno que ainda não pode ser vencido com a técnica de hoje será conquistado pela técnica de amanhã quando as necessidades de o espaço para a população aumentarem. Um olhar ao passado vale como um exemplo bem significativo do que já foi feito. Em outras épocas os mares limitavam a área da ocupação humana. O aperfeiçoamento da navegação deu um resultado a travessia do oceano e o descobrimento de novas terras. Os pântanos podem ser drenados. Os desertos e as regiões secas que continuam a ser um grande problema estão sendo conquistados pelos novos sistemas de irrigação e de açudagem, até mesmo no Brasil. As florestas fechadas vão sendo vencidas pelo fogo, pelo machado e pelos tratores modernos. O determinismo geográfico vai desaparecendo à medida que a ciência avança e aumentam as necessidades de espaço para o gênero humano. (BENCHIMOL, 1946, p. 685)

Com a tamanha possibilidade que a terra dispunha para o homem, os demógrafos da época já apontavam para o *boom* populacional que poderia acontecer

futuramente. E exatamente esse contingente populacional que era a preocupação de Benchimol, conforme assinala,

Este problema torna-se assim de tão vital e urgente importância que todos os países, como o Brasil, proprietário de uma imensa base física-territorial quase toda ela sem aproveitamento, devem encarar a sério as suas possibilidades demográficas e organizar desde já o seu plano de povoamento e colonização para o presente e para o futuro (BENCHIMOL, 1946, p. 685).

Dedicou um livro inteiro, dentre outros que escreveu, sobre o assunto da população migrante que aportava na Amazônia, para alertar e dar sugestões para então haver um povoamento, conforme ele dialogava, “uma ocupação inteligente” da região. Focalizando assim, as mãos de obra qualificadas que poderiam contribuir cientificamente na utilização dos recursos que a Amazônia oferecia.

Todos esses autores buscavam mostrar-se interessados no movimento desenvolvimentista da região amazônica, inclusive participando ativamente da política, como representante do povo. Buscavam contribuir com discursos, bem como com textos publicados. Porém, é notório que todos se empenhavam em buscar alternativas para a inclusão da economia da Região com a do restante do Brasil.

As mudanças estruturais ocorridas têm a ver com o processo histórico de séculos de ocupação regional. Becker (2004) distingue em três períodos na formação da região, Formação territorial (1916-1930), a configuração atual da Amazônia se fez entre 1850 e 1899, sob a preocupação imperial com a internacionalização da navegação do grande rio, e o ‘boom’ da borracha. Finalmente completou-se com a definição dos limites da região entre 1899 e 1930, quando se destacou o papel da diplomacia nas relações internacionais, e do exército no controle do território (BECKER, 2004)

A outra fase, segue a esta, refere-se ao Planejamento regional (1930-1985) descrita por Becker (2004),

A fase inicial do planejamento regional (1930-1985) corresponde à implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas, e foi muito mais discursiva do que ativa. A “Marcha para o Oeste” e a criação da Fundação Brasil Central (1944), a inserção de um Programa de Desenvolvimento para a Amazônia na constituição de 1946 e a delimitação oficial da região por critérios científicos foram marcos dessa fase, seguidos pela criação da Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), mas apenas revelam uma preocupação regional sem ações correspondentes (BECKER, 2004, p. 25)

Nesse período, as discussões em torno do regional foram mais intensificadas. Porém, só a partir do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, efetivas ações afetaram a região através da implantação das rodovias Belém-Brasília e Brasília-Acre. Mas somente nos anos de 1966 e 1985, que é o início do planejamento regional (BECKER, 2004). Conforme, KOHLHEPP (2002) em 1966 foi iniciada a fase dos programas de desenvolvimento do governo brasileiro para a exploração econômica da Amazônia. A “nova região de planejamento, a ‘Amazônia Legal’, com cerca de cinco milhões de km², consiste nas florestas tropicais da planície amazônica, e da encosta do Brasil central, região que representa 59% da área total do país”.

E a Incógnita do *Heartland* a partir de 1985. Becker (2004) argumenta que nesse período surgiram dois processos opostos, “o esgotamento do nacional desenvolvimentismo inaugurado na era Vargas, com a intervenção do Estado na Economia e no território” (BECKER, 2004, p. 27). Outro processo nesse mesmo ano é a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros, um movimento de resistência das populações locais, povos indígenas e migrantes, à expropriação da terra.

Esses períodos descritos por Becker mostram o momento que vivia Benchimol e vários outros intelectuais, que se dispunham em analisar a região amazônica. Benchimol tem como marco de sua vida de pesquisador e intelectual, a pesquisa “O Cearense na Amazônia - Inquérito Antropogeográfico sobre um tipo de migrante”, publicado no X Congresso Brasileiro de Geografia em 1944. Esse encontro reuniu geógrafos e diversos outros intelectuais que apresentaram suas pesquisas e discussões referente ao desenvolvimento da Amazônia.

Um pensador importante que Samuel se embasa é Eidorfe Moreira. Paraibano, formado em direito, mas que se dedicou a estudar a Amazônia, e se intitulou geógrafo. Fez vários estudos referentes a essa região, a partir do que se discutia na época, a preocupação com a questão do pensar estrategicamente o planejamento para o desenvolvimento da região. Segundo Oliveira Júnior (2015),

A situação era, com certeza, preocupante. A Amazônia tinha sua economia dependente da intensidade de fluxo de mercadorias no mercado internacional, o que a tornava uma região não integrada à economia nacional, às outras regiões do país. Decerto que os recursos para investimento em infraestrutura, que permitissem a integração física, eram escassos, isolando-a do restante da nação. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015, p. 574)

O desafio era “conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua força cega e a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada” (VARGAS, 1941, p. 228). Eidorfe Moreira se mostra preocupado com esse momento, “A Amazônia era ao mesmo tempo, o espaço indefinido do território brasileiro, e o espaço isolado a ser integrado ao restante do Brasil, mais especificamente às economias de São Paulo e Rio de Janeiro” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015, p. 574).

O período marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial coincidiu com a construção de um Brasil moderno, industrial, urbano, com economias regionais integradas. Era preciso, portanto, unir o território. Devido ao não (re)conhecimento da Amazônia, precisava então definir, delimitar, reconhecer e tornar conhecido este espaço geográfico do Brasil, com certeza uma das tarefas mais árduas da Geografia. Definir, conceituar, delimitar, caracterizar uma região com o objetivo de nela atuar, de modo a reduzir suas desigualdades internas, eram tarefas ainda mais árduas. A preocupação tinha o objetivo de entender uma região e delimitá-la para fins de planejamento.

O planejamento regional tem sua formulação pensada do Estado, seja o Plano de Defesa da Borracha, na criação da Comissão do Vale do São Francisco, no Polígono das Secas, na Amazônia, no Meio-Norte, nos planos nacionais de desenvolvimento na Amazônia, todas estas experiências, apoiadas ou não em teorias de desenvolvimento regional, tiveram em si mesmas a característica de pensar a ‘região’ (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015, p. 575).

Portanto, a preocupação de Eidorfe Moreira em conceituar, delimitar, caracterizar uma região era plausível, afinal, existem muitas Amazônias. E, a questão era, quais os limites e as dimensões da fração do território brasileiro denominada de Amazônia? Qual o critério para definir a Amazônia? Moreira (1960) articula que “nenhum problema é mais complexo e ingrato em Geografia do que o de conceituar e sobretudo delimitar regiões, pois nem sempre é possível conciliar, no plano geográfico, as necessidades lógicas do espírito com a ordem natural das coisas” (MOREIRA, 1960, p. 11). Nesse sentido, “antes de entendermos e delimitarmos a região é necessário estabelecer critérios que permitam defini-la conceitualmente”. (MOREIRA, 1960, p. 11).

Benchimol seguindo o pensamento de Moreira concorda que “A Amazônia constitui um universo em si” (BENCHIMOL, 1966, p. 21), e que para representá-lo

seria necessário “elaborar um conceito macro-amazônico” que nele integrasse a região geográfica, a província botânica, a bacia hidrográfica, o conjunto geopolítico, o espaço socioeconômico e a área legal (BENCHIMOL, 1966, p. 21).

Partindo desse critério, Samuel Benchimol (1966) conceitua a Amazônia como aquela parte da Região continental sul-americana

Caracterizada por uma configuração preponderantemente planiciária que se abre em leque na direção leste-oeste circundada pelos peneplanos das Guianas, ao norte, do Brasil-Central, ao Sul e pela Cordilheira Andina, ao ocidente, localizada dentro de um campo geodésico que abrange trinta graus de longitude e vinte e três graus de latitude, equivalente a cerca de 7.000.000 Km² correspondentes à vigésima (1/20) parte da superfície terrestre, quatro décimos (4/10) da América do Sul e três quintos (3/5) do Brasil;

coberta por uma espessa floresta latifoliada, pluvial, tropical típica-Hiléia, de grande extensão (70%) e notável exuberância e homogeneidade panorâmica, de alto grau de heterogeneidade e estratificação, com 20% de cerrados e campos e cerca de 10% de floresta mista de transição para a zona dos cocais dos cerrados e das savanas;

definida por um clima equatorial, quente e úmido, com pequeno grau de variação térmica anual, com temperatura média de 25/26^o, alta umidade relativa do ar, acima de 2.000 mm e insolação total média de cerca de 2.000 horas/anos;

irrigada pela mais extensa e volumosa rede hidrográfica, controlando cerca de 20% da disponibilidade mundial de água doce na superfície terrestre, balizada no seu eixo central pelo Rio Amazonas, de extensa penetração continental, com cerca de 6.300 Kms de percurso de suas nascentes até a sua foz, drenando águas de uma bacia assimétrica que se expande na direção de seus grandes afluentes meridionais, com cerca de 16.841 Km de rios perenemente navegáveis em território brasileiro, com pequena declividade no seu eixo-principal, e uma vazão de 200.000 m³ de água por segundo, carreando para o mar cerca de 3 milhões de toneladas diárias de sedimentos em suspensão;

jurisdicionada por nove países sul-americanos que compartilham o seu condomínio político no continente, com uma ampla fronteira internacional de 10.948 Km e uma costa atlântica de 1.800 Km;

habitada por uma escassa, dispersa e rarefeita população, que ocupa, em forma linear e interrompida, os varzados ao longo de seus principais rios, estimada em cerca de 7,5 milhões de habitantes, no ano de 1965, dos quais 6 milhões no Brasil, constituindo-se no mais extenso inecúmeno terrestre. (BENCHIMOL, 1966, p. 21)

Benchimol (1966) relata que ao se discutir no Congresso Nacional a delimitação da área amazônica, para fins legais de planejamento, prevaleciam três correntes que defendiam três critérios distintos:

1. O fisiográfico defendido pelo Conselho Nacional de Geografia, consubstanciado no trabalho do geógrafo brasileiro Lúcio de Castro Soares – propunha a delimitação em função de alguns fatores de ordem geográfica, especificamente o do divisor de águas da bacia amazônica e os limites da floresta típica.
2. O do revestimento botânico, proposto pelo Senador Álvaro Adolfo, relator do projeto, que o fundamentou nos seguintes termos:

“A cobertura botânica assinala a diferenciação geográfica e dá o caráter típico e inconfundível à região. Toda a vida do ecúmeno amazônico está subordinada às condições ecológicas impostas pela floresta e pelo Rio Amazonas. A economia humana não podia fugir ao imperativo do meio. De modo que, sendo a principal característica da região essa floresta e o principal fator de sua economia é lógico que a delimitação da região a que corresponde se faça por ela, isto é, pela fímbria dessa floresta no ponto de transição com terras de outra cobertura ou formação.”

3. O geodésico, apresentado pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres pelo qual se chegou a uma delimitação final à custa do arbítrio de dois paralelos, um meridiano e divisas interestaduais. (BENCHIMOL, 1966, vol. 1, p. 23)

Resultou no prevalecimento do critério geodésico, ficando a área amazônica, sobre a qual iria ser executada a política governamental, na forma da obrigação estabelecida, para fins legais, de acordo com o art. 2º da Lei 1.806 de 06/01/1953:

A Amazônia brasileira, para efeito de planejamento econômico e execução do plano definido nesta lei, abrange a região compreendida pelos Estados do Pará e Amazonas, pelos Territórios Federais do Acre, Amapá, Guaporé e Rio Branco e, ainda, a parte do Estado de Mato Grosso a norte do paralelo 16º, e do Estado de Goiás ao norte do paralelo 13º, e a do Estado do Maranhão a oeste do meridiano de 44º. (BENCHIMOL, 1966, p. 24)

Samuel Benchimol não se posiciona abertamente em qual corrente concordava, porém, Eidorfe Moreira declara que não concorda com a escolha feita, a corrente apresentada pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, mas que optava pela proposta de Lúcio Soares, sobre o fisiográfico, que propunha a delimitação em função de alguns fatores de ordem geográfica, especialmente ao do divisor de águas da bacia amazônica e os limites da floresta típica.

Conforme aponta nos dois volumes do livro *Estrutura geo-social e econômica da Amazônia*. Ele pretendia formar pensadores, que pudessem continuar seu legado de contribuições intelectuais, no que se refere ao desenvolvimento econômico da região amazônica. Conforme assinala,

Proporcionar aos jovens economistas e analistas estagiários, um elenco de questões, teses, proposições, práticas e debates que servissem para fixar as diretrizes do curso, sobre as quais pudessem os seus integrantes desenvolver ulterior elaboração intelectual e analítica da problemática regional. (BENCHIMOL, 1966, p. 15)

Logo, se constata que a proposta de ensino de Samuel Benchimol era de questionar seus discentes, através de estudos dirigidos através dos questionamentos

e sugestões de leituras, mostrando assim, que estava aberto a várias versões propostas.

2.2 influências de autores geógrafos

Como pesquisador buscando conhecer a Amazônia e sua grandiosidade social, econômica e geográfica, Samuel Benchimol recorre a geógrafos, que por sua vez têm como propósito, entender a realidade entre o homem e a natureza e suas complexidades, sendo exatamente a ânsia do autor. Ele considera três vieses para compreender a região Amazônia: geográfico, social e econômico.

Jean Brunhes e Pierre Deffontaines, nomes de referência na Geografia Humana aparecem na obra a fim de embasar os argumentos de Benchimol, referindo-se à migração nordestina, buscando, assim, compreender a “política da expansão da gente nordestina”, e as causas que levaram a tão grande massa de migrantes para a Amazônia. Brunhes (1928) *apud* Benchimol (1977),

La potencia de expansión de las masas humanas depende de fuerzas muy diversas tanto parece estar desarrollada em razón del poder de trabajo y de la producción de los pueblos; tanto por el contrario, parece estar relación com la ruptura de equilibrio entre una proliferación activa y um trabajo lánguido o um suelo ingrato (BENCHIMOL, 1977, p. 214).

Entendendo que o fenômeno migratório se deu a partir de fatores de expulsão, envolvendo o clima e a falta de trabalho para o sertanejo. Além das “causas geográficas e climáticas” convergem fortemente para início de uma mentalidade de migrante os fatores econômicos e psicológicos (BENCHIMOL, 1977).

Outros autores geógrafos citados por Samuel Benchimol, foi Pierre Gourou, Hilgard Sternberg e Lúcio Soares, utiliza suas referências ao descrever sobre a definição de Várzea e descreve a extensão a partir de alguns autores, as várzeas constituem uma fração mínima da planície amazônica. Eis as estimativas de sua área, segundo diversos estudiosos:

Felisberto Camargo – 64.400 km² (6.440.000 hectares) – 1,5% da área
 Pierre Gourou – 60.000 km² (6.000.000 hectares) – 1% da área
 Hilgard Sternberg – 25.000 milhas quadradas (BENCHIMOL, 1966, p. 45-46)

Conforme a ponta Gerd Kohlhepp (2017), Sternberg se dedica em 1950 aos “temas fisiográficos [...] que tratam dos vales tectônicos na Amazônia (1959), a conservação do solo, aspectos geomorfológicos do Planalto do Nordeste, e questões relacionadas a catástrofe das secas do Ceará, como os limites do uso irracional do solo e dos recursos hídricos e as limitações da política de construir açudes como forma de debelar as secas. Dedicou-se, também, a problemas da sismologia e da geomorfologia na Amazônia.” (KOHLHEPP, 2017, p. 10). Escreveu sua monografia “A água e o homem na várzea do Careiro”, mostra como ele foi um excelente conhecedor da paisagem natural e cultural da Amazônia.

E no prosseguimento a descrição da várzea,

Segundo Lúcio de Castro Soares, a várzea ou planície de inundação constitui o leito maior do Rio Amazonas, formada por extensas faixas de terrenos holocênicos, encaixadas no baixo platô terciário da terra firme, formando o assoalho da bacia e submetida a um constante processo de evolução e crescimento.

E conforme vai denotando a Amazônia como um complexo geográfico, ele se embasa nas afirmações, principalmente de Lúcio Soares, e referente à amplitude da várzea distingue, conforme o geógrafo supracitado:

1. Várzeas de grande largura – 200 km., na região das ilhas, na foz,
2. Várzeas de largura média – 50 km., no Baixo Amazonas, de Gurupá à Foz do Madeira.
3. Várzeas estreitas – da foz do Madeira ao Alto Amazonas e Marañon. (BENCHIMOL, 1966, p. 47)

Portanto, pode-se perceber que Samuel Benchimol tinha suas opiniões pautadas em estudos geográficos, que se referiam as análises sobre o equilíbrio ecológico de compensação da região Amazônica, conforme ele assinala, seguindo as ideias do geógrafo Lúcio Soares, “a floresta restitui ao solo pelas suas folhas, galhos e troncos, os elementos nutritivos que dele retira, garantindo-lhe uma taxa de húmus constante, à custa do qual se mantém” (BENCHIMOL, 1966, p. 48)

Outro geógrafo citado por Benchimol é Vidal de La Blache, que aparece para embasar a abordagem da geografia física da Amazônia. Apesar de reconhecer a grandiosidade da natureza, defendia as possibilidades, o homem como agente, com o qual poderia fazer a intervenção de forma recíproca com o meio. Conforme denota Lencioni (2007),

Foi com Paul Vidal de La Blache (1845-1918), um pensador do possível, ou seja, das inúmeras possibilidades que o homem tem diante da vida, que a geografia regional alcançou grande desenvolvimento. Para ele, a ciência geográfica deveria observar e compreender a singularidade dos lugares (LENCIONI, *in*. Carlos, 2017, p. 189)

Para tanto deveria conhecer as dinâmicas apresentadas pela natureza, nessa perspectiva verificar a melhor maneira para interferir, o homem também transforma o meio onde vive. La Blache foi importante, pois foi um dos grandes precursores da difusão da Geografia Humana, embora entendesse que Geografia não deveria apenas estudar o homem, mas o meio em que este vive.

Os livros onde mais Samuel Benchimol cita autores geógrafos são os dois volumes de *Estrutura geo-social e econômica*, onde insere questionamentos, servindo para dar embasamento aos futuros pesquisadores da Amazônia. São geógrafos, Jean Brunhes, Pierre Deffontaines, Pierre Gorou, Hilgard Sternberg, Lúcio Soares, Eidorf Moreira, Josué de Castro, Vidal de La Blache, Pierre Monbeig e Norbert Krebs.

O texto aqui proposto é uma interpretação das obras de formação de Samuel Benchimol, ou seja, desde sua primeira publicação, porém não sendo no mesmo período da elaboração dos textos, mas sim no momento em que houve a publicação propriamente dita. A obra base utilizada neste capítulo, é a coletânea “Amazônia: Um pouco antes, além depois”, escrita em 1970, publicada somente em 1977, essa é composta pelos principais textos do autor, conforme o próprio Samuel relata.

Tais obras estão datadas, desde 1942 até 1977, foram utilizadas como parâmetro de análise, duas principais categorias de interpretação da ciência geográfica, identificadas a partir do índice remissivo (anexo no apêndice), região e território, contextualizando as obras e como aparece um pensamento geográfico de Samuel Benchimol nesse primeiro momento.

O Quadro 1 mostra as obras de formação (1946-1977) de Samuel Benchimol, os anos que ele publicou e quais a pesquisadora possui, porém, ressaltando que todas as obras estão disponíveis na Biblioteca Samuel Benchimol, localizada no centro de Manaus, no primeiro andar da Loja Bemol. Está organizado, mostrando noções das categorias geográficas, embora apenas duas das categorias sejam o foco da pesquisa, conforme encontrou-se com maior frequência.

A produção intelectual de Samuel Benchimol na segunda fase é de certa forma bem frequente, assim como na primeira, assiduamente ele realizava uma publicação

Nº	Categoria	Obra	Ano	Disponíveis
1	Lugar	O cearense na Amazônia – Inquérito Antropogeográfico sobre um tipo de Imigrante	1946	X
2	População	O aproveitamento das terras incultas e a fixação do homem ao solo	1946	
3	s.d.	The next war: book-report (A próxima guerra: livro relato)	1946	
4	s.d.	Capitalism, the creator: a book-report (O capitalismo, o criador: um livro-relato)	1947	
5	s.d.	History of economic through: outline (História da economia por meio de um esboço)	1947	
6	s.d.	Industrialization and foreign trade in Brazil (Industrialização e comércio exterior no Brasil)	1947	
7	Espaço	Manaus: The Growth of a City in the Amazon Valley	1947	X
8	s.d.	Sociology in Brazil and in the U.S. – A Comparative Study	1947	
9	Região	Ciclos de Negócios e Estabilidade Econômica – Contribuição ao Estudo da Conjuntura. Tese de Doutorado – Concurso à Cátedra de Economia Política da Faculdade de Direito do Amazonas	1946-1947	
10	Região	Ciclos de Negócios e Estabilidade Econômica – Contribuição ao Estudo da Conjuntura.	1954	
11	Região	Planejamento do Crédito para a Valorização da Amazônia: situação histórica e atual do crédito no Amazonas, política de crédito necessária à mobilização, e medidas complementares e colaterais.	1954	
12	Região	Relação entre a Economia e o Direito	1955	
13	Território	Inflação e desenvolvimento Econômico	1956	
14	Região	Problemas de Desenvolvimento econômico – com especial referência ao caso amazônico	1957	
15	Região	O Banco do Brasil na Economia do Amazonas	1958	
16	s.d.	Investimento & Poupança – Inquérito sobre a Pobreza das Nações	1960	
17	Território e região	Pólos de Crescimento da Economia Amazônica: Aspectos Espaciais, Temporais e Institucionais	1965	
18	Território e região	Pólos de Crescimento e Desenvolvimento Econômico	1965	
19	Território e região	Estrutura Geo-Social e Econômica da Amazônia	1966	X
20	Território	Política e Estratégia na Grande Amazônia Brasileira	1968	
21	Território	Variáveis e Opções Estratégicas para o Desafio Amazônico	1969	
22	s.d.	Projeto ETA-54 da heveicultura do pós-guerra.	1970	
23	Região	A Planetarização da Amazônia.	1972	
24	Região	Amazônia: Mensagem a um Desafio. Congresso das Classes Produtoras – CONCLAP, no Rio	1972	
25	Região	Polarização e Integração: dois processos do desenvolvimento regional.	1972	
26	Região	A Peculiarização da Amazônia: A Ameaça e o Desafio do Mega-boi no Processo de Ocupação da Amazônia.	1974	X
27	Território, região	Amazônia: um Pouco-Antes e Além-Depois	1977	X
28	Território	Projeto Geopolítico Brasileiro de Libertação e Desenvolvimento – A Formação e Reorganização do Espaço Político	1977	

Quadro 3: Obras de Samuel Benchimol na primeira fase (1946-1977)

Fonte: Livro Zênite Ecológico e Nadir econômico social, (2001)

Organização: Hellen Braga (2021)

de livros anuais, além do mais publicava artigos e realizava palestras, ressalta-se que no quadro 3, preferiu-se indicar apenas as publicações de livros.

2.3 Amazônia como região

A “região” como categoria de análise da Geografia passou por diversas críticas quanto a sua finalidade, e com isso diversos geógrafos se preocuparam em aprofundar, e buscar um objeto de estudo, que atingisse com mais amplitude a Geografia como ciência. Porém, não significa que essa categoria tenha sido extinta, mas que hoje em dia possui uma nova visão em relação ao que se pensava séculos atrás.

Manoel Masulo da Cruz e Ricardo Nogueira (1986), ao realizar uma crítica referente a utilização tradicional dessa categoria por economistas, historiadores, sociólogos, jornalistas, políticos, e principalmente geógrafos articulam que isso acontece em virtude de como estes concebem o “regional”, a partir da própria divisão oficial do Território Nacional.

Essa divisão que está embasada nos aspectos físicos, ou seja, nas “regiões naturais”, vegetação, relevo, clima e gênero de vida de seus habitantes. As implicações disso é a divisão ainda menores dessas “regiões”, não tendo uma compreensão real do espaço. Vale ressaltar que os autores não estão anulando a região como categoria da geografia, mas frisando o método clássico ainda aplicado por diversos pesquisadores geógrafos, e como deve ser visto e analisado a questão do regional na ciência geográfica e relatam,

devemos ter conhecimento da própria origem etimológica da palavra região: o termo região provém do latim “regere” (comandar, dominar, reger, área de domínio do rei), isso vem demonstrar que o termo regional traz dois sentidos: um de ocultação, outro de dominação. Ocultação porque na análise tradicional, o sentido classista é mascarado, aparecendo apenas a região como sujeito, ou seja, a região precisa de recursos (briga por mais verba para Sudam, Sudene, Basa); a região possui déficit habitacional, etc. Tudo isso, como se a região fosse um espaço homogêneo, visto que nos discursos sobre “desenvolvimento regional”, os problemas são colocados como se todos os habitantes de “região”, os sentissem da mesma forma. Sendo assim, a briga por um maior investimento não trará soluções e sim, reforçar a dominação e exclusão da maioria da população. (CRUZ e NOGUEIRA, 1986, s/p.)

Analisando nesse sentido, pode-se ter uma compreensão das características das realidades, econômicas-sociais e políticas, uma vez que se analisar-se pelo lado tradicional, corre o perigo de se criar obstáculos para uma análise real da formação espacial de uma determinada região. Portanto, com as palavras de Santos (1991),

Nas condições atuais da economia universal, a região já não é uma realidade viva, dotada de coerência interna. Definida sobretudo do exterior, seus limites mudam em função dos critérios que lhe fixamos. Por conseguinte, a região não existe por si mesma. (SANTOS, 1991, p. 9-10)

Para Santos (1985) a região é o local de algumas funções da sociedade total em um dado momento, e se definiria “como o resultado das possibilidades ligadas a uma certa presença, nela, de capitais fixos exercendo determinado papel ou determinadas funções técnicas e das condições do seu funcionamento econômico” (SANTOS, 1985, p. 67).

O Brasil passava pelo processo de industrialização (1930), no contexto de um modelo de desenvolvimento voltado para o mercado interno, conforme corrobora Rodrigues e Schmidt Filho (2015),

[...] a partir de 1930 o processo de industrialização brasileiro passou a ser aprofundado por etapas/ de forma *restringida* (começando com o desenvolvimento da produção de bens de consumo não duráveis, passando gradativamente, para a produção de bens de consumo duráveis, de bens intermediários e de capital) e mediante: 1) expressiva participação direta do Estado no suprimento de infraestrutura econômica (energia e transportes) e em alguns setores vistos como prioritários (siderurgia, mineração e petroquímica); 2) elevada proteção à indústria nacional, através de tarifas, vários tipos de barreiras não-tarifárias e, inclusive, da política cambial; 3) o fornecimento de crédito em condições favorecidas para a implantação de novos projetos de investimento (RODRIGUES E SCHMIDT FILHO, 2015, p. 3)

E os reflexos desse processo também refletiram na Amazônia, embora tardiamente. Getúlio Vargas pretendia trazer o modelo industrial, que estava sendo implantado no sudeste do país para o norte, considerado um “vazio demográfico”, e que estava vivendo o fim do ciclo econômico da borracha. Benchimol vivenciava exatamente esse momento, e a categoria que estava em voga e norteadora das discussões era a “região”.

Diversos fatores antecedentes contribuíram para o momento em que a Amazônia de Benchimol se encontrava, Segundo Oliveira Júnior (2015):

A economia da borracha estava em acelerado declínio e nem a promulgação do Plano de Defesa da Borracha, um conjunto de medidas para a recuperação econômica da região, que durou cerca de 17 meses, ‘conseguiu salvá-la’ (Samuel Benchimol, 1977, p. 489), afirma que esta medida política não conseguiu montar os mecanismos operacionais para a execução do plano. Porém, conforme a história, esse plano representou a primeira tentativa de imprimir racionalidade à ação federal através de um programa quantificável de metas que, para a época, constituiu um extraordinário avanço, precursor que foi das modernas técnicas de programação

econômica. Sua não execução provocou o colapso na estrutura econômica de toda a região, que emergiu em profunda depressão durante mais de trinta anos. Nesse ínterim, a população regrediu para a calha central do Rio Amazonas e buscou os centros urbanos de Manaus e Belém, quando não abandonou definitivamente a região. A concentração humana que se observa hoje no médio e baixo Amazonas e o renascimento da atividade agrícola tem origem na região dessa fronteira, que se contraiu para poder sobreviver numa economia de pura subsistência, após o abandono da economia monetária florestal. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015, p. 3)

Nesse processo o Brasil entrava no caminho da industrialização, porém, a região amazônica permanecia ainda à margem dessa atividade. Então, a proposta política e territorial da ocasião buscava expressão característica de um Brasil moderno, ou seja, trazer uma nova roupagem para a primeira década do século XX.

Nessa ocasião eram discutidos temas como as desigualdades e as diferenças regionais, étnicas e culturais, sociais, econômicas e políticas. Portanto, novas realidades foram sendo inseridas no Brasil, e descobrindo um “território vazio” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015). O que se percebeu nas obras de formação de Benchimol, é essa influência, onde a imigração e a emigração são focos principais de suas análises, conforme aponta sua primeira publicação científica em um evento nacional organizado por geógrafos.

As novas dinâmicas no Brasil que ambicionavam modernidade, alcançaram diretamente a Amazônia, que posteriormente fora chamada por Alberto Rangel de o “inferno verde”, território desconhecido, tendo por base de modernidade a economia da borracha, gerando altos e baixos, sociais e econômicos, da riqueza à pobreza, da ostentação à estagnação, Samuel Benchimol buscava, portanto, exaltar as possibilidades da Amazônia e minimizar o imaginário negativo.

Samuel Benchimol apresenta uma vasta obra voltada em grande parte para a Geografia da Amazônia. Procurou abordar aspectos sociais e econômicos, uma vez que se debruça em analisar a entrada dos povos que adentraram na Amazônia, e que contribuíram para a construção de sua economia. Nesse sentido, deixa uma compreensão da Geografia abrangente e sintonizada com questões importantes da cultura, das dimensões e práticas sociais, bem como uma visão econômica de planejamento da Amazônia, deixando textos os quais apresentam *insights* e indicações teóricas-conceituais importantes para a discussão geográfica.

Benchimol vivenciou um segundo momento pós crise de 1929. Havia concluído o curso de direito (1945), e em 1946 surge um tom nacionalista ao problema de

estagnação econômica da Amazônia, colocando-a presente em diversos debates e planos urgentes de solução, com o objetivo de articular a economia do país. Portanto, os intelectuais da época buscavam refletir acerca de meios diligentes para integrar a Amazônia ao Brasil. Os pensadores que se envolveram nessas discussões foram Djalma Batista, Leandro Tocantins, Arthur César Ferreira Reis e Samuel Benchimol (SILVA et.al, 2019).

Para compreender a questão do estudo regional em Benchimol cabe fazer um paralelo com a evolução da Geografia no Brasil, nesse momento (início do século XX), ainda estava se institucionalizando, bem como a região na chamada Geografia Clássica. A Amazônia era uma das regiões de maior preocupação no que se refere ao ideário nacional, além do centro político e econômico do Brasil e, o desafio constituído para as políticas públicas, nesse período de planejar a região, era um novo conceito, diferente da região geográfica.

Conforme Oliveira Júnior (2015), “Diferentemente da região geográfica, a região planejamento era construída para dar suporte a políticas públicas que visavam o crescimento e o desenvolvimento econômico, além da integração que buscava a unidade do território.” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2015, p. 5). Segundo a teoria dos polos de crescimento de François Perroux (1977), o crescimento não aparece em todos os pontos do território simultaneamente, mas em regiões ou polos de crescimento, ou seja, “o crescimento econômico não se distribui da mesma maneira entre setores e regiões” (SOUZA, 2005, p. 55)

A geografia desse período se dava, principalmente pelos métodos descritivos, de muita importância para a consolidação da geografia como ciência dos lugares, e agora teria que criar e delimitar espaços regionais.

A Geografia que *a priori* se preocupava, principalmente com os elementos da natureza do que com as dinâmicas dos homens, agora a partir dos procedimentos desenvolvidos pelo naturalista Humboldt, e por Ritter se consagrou como disciplina universitária, e passou a adquirir o *status* de ciência. Viagens, descrições complexas de paisagens, levantamentos de dados fizeram da Geografia uma ciência única, que se preocupava não apenas com o ‘onde’, a localização.

Preocupava-se também em descrever minuciosamente os lugares, o modo de vida das civilizações. Seu objeto, o espaço terrestre, a tornou conhecida como uma ciência idiográfica, a ciência que estuda os espaços, únicos por excelência, característica que a distinguia de outras ciências pelo simples fato de nenhuma outra

se preocupar com o estudo do espaço geográfico. Humboldt era um viajante e teve a oportunidade de descrever as paisagens por onde passava. Ritter foi um dos pioneiros a procurar elaborar comparações de relações causais, conforme aponta Lencioni (2009)

Ritter procedeu aos estudos regionais com o objetivo de identificar as individualidades na totalidade. Diríamos: as individualidades regionais. Dizia que cada continente continha numerosas totalidades e, também, constituía-se numa totalidade. Por exemplo, ao estudar a África, divide-a em quatro unidades e cada uma em outras unidades menores. (LENCIONI, 2009, p. 92)

Segundo Lencioni (2009, p. 93) repartir um determinado espaço, e depois juntar todas as partes e apresentar uma totalidade, assim, a relação homem e superfície terrestre são seu objeto de estudo. A geografia passou a ser conhecida como ciência idiográfica, ou seja, a ciência que estuda os espaços. É com Ritter que os embasamentos dos estudos regionais se constituem.

Também no século XX, a Geografia foi influenciada pelas ideias de Darwin e pela filosofia positivista, marcando-a definitivamente pela construção da teoria do determinismo geográfico, que tratava da relação homem-meio, onde a natureza era determinante na visão de Friedrich Ratzel, que era alemão. Seguindo a esta, outra escola surgiu nesse mesmo período, que consistiu no possibilismo com Vidal de La Blache, e é quando a categoria região foi considerada como objeto de estudo da Geografia. Esse era o cenário intelectual que se encontrava Samuel Benchimol, onde a região foi vista pelo possibilismo como a síntese das relações homem-meio.

A inquietação com a Amazônia e sua conjuntura econômica e social já vinham sendo discutidas desde 1912, quando o governo formulou o Plano de Defesa da Borracha. Em 1940, Getúlio Vargas visando trazer a região amazônica para o pensamento nacional, e incluir em seu projeto de modernidade do Brasil, fez um pronunciamento que ficou conhecido como o “Discurso do Rio Amazonas”. Nesse discurso comparou a grandeza da região com a dimensão dos problemas, ressaltando a necessidade de aumentar o povoamento, crescer o rendimento das culturas, onde considerava que o espaço amazonense era imenso e despovoado. Além de ressaltar a necessidade de integrá-la à economia do território e de prepará-la desenvolvendo-a.

Elson Farias (2010) ao fazer uma análise referente a produção intelectual de Benchimol, declara que ele teve o compromisso de fidelidade à terra e ao tema, a terra

como dimensão cultural da vida, e ao tema como preocupação do desvendar o conhecimento. Então, terra e tema, embora possamos interpretar como sendo a Amazônia, são aqui expressas como sentido diverso, a terra como o vivido, o ser da Amazônia; e o tema, o conhecer, o desvendar, a busca de compreender a Amazônia e suas complexidades no/do mundo. A sua obra é dedicada à Amazônia, sendo relevante para a formação do pensamento geográfico sobre a região, que abrange uma extensa área do território brasileiro.

Ao discorrer a análise da obra de Samuel Benchimol, percebe-se que é como uma construção deixada à mostra, pois descreve os passos e tomadas para desenvolver suas pesquisas, como se fosse inacabada. Suas pesquisas voltadas para Amazônia visavam mostrar uma análise ambiental e sociológica frente ao processo de planejamento para a região. Algo que não é tão simples, uma vez que definir, delimitar, caracterizar, conceituar uma região que ultrapassa os limites do país, para buscar diminuir suas desigualdades.

Sobre a trajetória intelectual e pensamento de Samuel Benchimol, Silva *et al* (2019) articulam,

Sua obra, vista em conjunto, sistematiza o desenvolvimento amazônico, coloca-o em perspectiva em suas multidimensionalidades e multitemporalidades. Além disso, em seu pensamento reverbera a conversão dos debates e dos discursos sobre o desenvolvimento ao desenvolvimento sustentável; também acompanhou e tematizou a problemática e a institucionalização da questão ambiental no Brasil e no Mundo. Em linhas gerais, essa problematização geral sobre as condições e as possibilidades do desenvolvimento representa o modo pelo qual apreendeu a questão regional em suas articulações econômicas e políticas. (SILVA, *et al.*2019, p. 37)

Acreditava em “uma ocupação inteligente da Amazônia”, contudo, que esta só teria sucesso se levasse em consideração 4 (quatro) condicionantes: econômica, ecológica, política e social. Segundo ele deveria ser, “economicamente viável, ecologicamente adequada, politicamente equilibrada e socialmente justa” (BENCHIMOL, 1999, p. 9). Em suma, a problematização geral sobre as condições, e as possibilidades do desenvolvimento concebem o modo pelo qual entendeu a questão regional em suas articulações econômicas e políticas com a nação. Deste modo, Samuel Benchimol buscou compreender a Amazônia para formulação de uma estratégia amazônica, para o equacionamento dos problemas regionais.

2.4 Amazônia como território

Samuel Benchimol traz uma discussão sobre a importância da sistematização da grandiosidade amazônica, tanto natural, quanto social e cultural, apontando as dificuldades de analisá-la, “A Amazônia constitui um universo em si” (BENCHIMOL, 1991, p. 21), ou conceitua-la. Portanto, a preocupação de Benchimol tal como aparece no livro *Estrutura Geo-social e econômica*, volumes 1 e 2, custeado pelo Governo do Estado do Amazonas, como professor era que os discentes percebessem a infinidade da Amazônia, afim de participarem da conceituação dessa região, e de contribuírem para o planejamento econômico atribuído pelo Estado. Embora, não utilize o território da Geografia como categoria para a sua análise, apresenta pistas que podem ser apontadas como geográficas.

O Território é apresentado na obra de Benchimol como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p. 78), uma vez que tenta delimitar a Amazônia para fins de planejamento econômico. Assim, pretende-se demonstrar de que forma os discursos sobre o território percorreram os principais planos governamentais do período (1942-1977) e como Samuel Benchimol agregava a esses discursos o conceito de planejamento, num clima desenvolvimentista, para a “arrancada” do Brasil rumo ao “progresso técnico” (BOMFIM, 2007, p. 12).

Foi no período militar que se confirma a maior ênfase no entrelaçamento de diversos órgãos e ministérios em torno de uma concepção de espaço, que retomando assuntos antigos geopolíticos nacionais, como o de ocupar e construir o território, com o objetivo de tecnificar, a fim de homogeneizar geograficamente o desenvolvimento econômico em âmbito nacional. Bomfim (2007) diz que “o planejamento enquanto instrumento político, cuja ilusão de neutralidade propagandeada pela *tecnoestrutura* (compreende o conjunto da burocracia técnica, seus órgãos: ministérios, institutos, conselhos etc. e os meios necessários para a execução das políticas econômicas do governo [**grifo do autor**])” deixava que dele se antevisse tão-somente uma suposta função administrativa, como *ideologia geográfica*, servirá tanto para os interesses geopolíticos do estado, quanto para legitimar dois profissionais logo chamados para ordenar o território: os economistas e os geógrafos.

Profissionais participaram mais ativamente na elaboração do planejamento econômico, Loureiro (1977), declara que,

Dentro dos mecanismos da tecnoestrutura, nota-se o fortalecimento dos economistas (cuja formação, aliás, ocorria quase sempre em cursos de pós-graduação no exterior) a partir dos anos de 1960 como membros da elite dirigente, fato não por coincidência ligado à instalação do regime militar, à consolidação da formação acadêmica – muito relacionada com convênios entre o Brasil e os EUA – e à integração desses profissionais com o meio acadêmico internacional; além da consolidação de sua atuação como homens-políticos (, *apud*, LOUREIRO, 1997, *apud*, BOMFIM, 2007).

Assim sendo, entende-se que Benchimol adentra no contexto da tecnoestrutura uma vez que tem formação de pós-graduação em sociologia e economia, através dos convênios entre o Brasil e os Estados Unidos. Conseqüentemente, participante desse processo de planejamento do projeto geopolítico para a Amazônia, principalmente do Amazonas. Vale ressaltar que nesse engajamento para a elaboração do projeto estão ensaístas, geógrafos, militares, economistas, dentre outros profissionais (BOMFIM, 2005), observa-se uma ordem de clara intenção ordenadora do território.

O território não se trata simplesmente da louvação da terra como palco exuberante da vida, mas a compreensão de que aquilo que constrói o espaço é a ação antrópica, o relacionamento homem-meio. Para Benchimol o território exige um conhecimento do meio e dos efeitos do tempo e, para serem eficazes, dependem da educação:

Níveis baixos de educação são causas preocupantes de despreparo do homem para se posicionar no mercado de trabalho, formação de família e desempenho político. Como vivemos numa sociedade de *jobless growth* (crescimento sem emprego), em virtude da automação, a escola e a universidade servem, também, para reter os jovens nas escolas até e além da adolescência, para que não pressionem o mercado de trabalho, com ofertas vis de salário, com desempenho medíocre e insuficiente [...]. É preciso dar ênfase à educação, pois o homem é o único animal que necessita aprender todo o passado e presente de sua cultura e se preparar para o futuro, através do conhecimento acumulado. Ao contrário dos animais, plantas e outras espécies que aprendem por instinto e imitação, sem necessidade de formalismo escolar. Cada geração tem de aprender todo o conhecimento e avançar para promover as mudanças que constituem a marca do mundo moderno (BENCHIMOL, 2001, p. 36 e 37).

Considerando que uma grande quantidade da população brasileira é analfabeta, Samuel Benchimol pregava que a educação formal era super importante e referencia sua família, que se destacou na Amazônia por terem estudo. Nessa perspectiva, ele acreditava na formação formal dos indivíduos, sendo esta imprescindível para haver o progresso. Segundo Benchimol, para que o desenvolvimento econômico e social da Amazônia possa ser eficiente, é necessária a atuação inteligente dessa sociedade por meio do conhecimento científico. Quando diz

que a educação e a escola são os grandes fatores de mobilidade social, horizontal e vertical, isso é a forma mais acelerada de classificação social e econômica.

Portanto, seguindo essa linha de pensamento, é que se preocupa em deixar sempre questionamentos referentes aos temas que julga ser importantes para o desenvolvimento econômico da Amazônia, em sua atividade docente na Universidade do Amazonas. Destacando a importância da sistematização, através dos limites de abrangência dessa região, bem como os quesitos naturais, humanos e culturais para assim desenvolver estudos geopolíticos.

Embora não cite Elisée Reclus, ele dá mostras de haver incorporado conceitos explicitados pelo geógrafo francês. Estudando a complexidade da produção do espaço geográfico, Reclus utiliza os conceitos de meio-espaço e meio-tempo, afirmando que ambos são fundamentais no entendimento da produção do espaço. Segundo o autor francês, só por esforço de abstração é possível isolar um dos dois conceitos como essencial: a produção do espaço geográfico é resultado da ação complexa do meio-espaço e do meio-tempo, portanto, da ação da história sobre um espaço. Benchimol buscou estudar a sociedade, e considerou que o seu estado presente, é forçosamente a resultante da ação do seu passado, combinado à ação do meio. Desse modo, sendo indispensável estudá-la no tempo e no espaço.

Os geopolíticos, conforme Bomfim (2007), no contexto nacional brasileiro são Euclides da Cunha, Graça Aranha e Alberto Torres, autores que escrevem ao longo das décadas de 1930 e 1940 (ou mesmo já nos anos 1950), como Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Gilberto Freyre etc., esses incorporaram formulações desse pensamento geográfico, repleto de alusões nacionalistas e realistas, e trataram, pois, de adequá-las às intenções do Estado brasileiro, de cujas esferas de poder alguns dos geopolíticos nacionais estariam bem próximos, desde a Escola Superior de Guerra. Essa escola foi criada uns anos pós Segunda Guerra Mundial, sob influência de militares. Esses acreditavam que o país poderia tornar-se uma grande potência, desde que houvesse vontade política e, sobretudo, gerasse um método de planejamento próprio, possuía conceitos de inegável repercussão, inclusive entre uma gama variada de intelectuais.

A Amazônia como território na obra de Samuel Benchimol é apresentada de forma transversal. Apresenta as dinâmicas ocorridas com os povos que adentraram na Amazônia. Os judeus, principalmente são exemplos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, outro povo que apresenta na obra são os

nordestinos, os africanos, entre muitos outros imigrantes, bem como os conflitos entre os povos que já viviam não somente na Amazônia como em todo o território brasileiro, que foram resistentes aos colonizadores, e muitos até hoje defendem sua cultura e seus territórios. Mostra ao longo de sua obra a importância de saber os limites da Amazônia Brasileira para fins de planejamento regional, portanto, eram necessárias políticas inteligentes onde houvesse equilíbrio entre o homem e a natureza.

Outro fator apresentado por Benchimol é a proposta da *oikopolítica*, usando como um neologismo para caracterizar uma nova ciência política interdisciplinar, que estava nascendo na fronteira da economia e da ecologia, ambas etimologicamente originárias da raiz grega ***oikos*** – casa, lar, patrimônio, recursos, juntando-a ao feminino substantivado ***politika***, no verdadeiro sentido da expressão, para referir-se aos negócios públicos, de interesse coletivo e as atividades do Estado, como fonte do poder e da organização da vida em benefício e por delegação de cidadania e da Nação (BENCHIMOL, 1977).

A arte geral de planejar e executar movimentos, operações e ações militares, visando alcançar e manter posições relativas e potenciais favoráveis a futuras ações táticas sobre determinados objetivos, constitui a **estratégia**, ou a ciência do “generalíssimo” na concepção grega do vocábulo. Por sua vez, a disposição e manobra de forças durante o combate, ou na iminência dele, e a utilização dos meios e fatores disponíveis postos em prática, para facilitar e permitir a abordagem do inimigo, aproveitando os fatores favoráveis ou superando obstáculos e acidentes, com vistas a travar onde, quando, com que, e vencer o combate contra que, constitui a **tática**, ou a ciência do capitão. O sucesso de toda a **tática** e da própria estratégica global, depende, no entanto, do desenvolvimento, obtenção, armazenamento, transporte, distribuição, construção, operação, manutenção do material para fins operativos; do recrutamento, seleção, incorporação, adestramento, disciplina, moral, bem-estar dos recursos humanos engajados sob o comando competente e responsável para o bom desempenho da função militar, que constituem a **logística**. (BENCHIMOL, 1977, p. 813)

Nesse sentido, Benchimol dá ênfase não somente na estratégia, mas também na tática e na logística, “é que não basta a estratégia do generalíssimo ou do estadista se não existir o suporte tático do capitão e do executivo, o apoio logístico do gerente e do pessoal responsável pela manobra e operação do campo” (BENCHIMOL, 1977, p. 814).

Aplicando à Amazônia, ele fez um levantamento do perfil da região para então sugerir uma tática, pontuou que a região possuía uma fraca densidade demográfica para a ocupação de uma base física, ou seja, a escassez da mão de obra para as tarefas produtivas, e o nanismo do mercado consumidor local não permitiu um

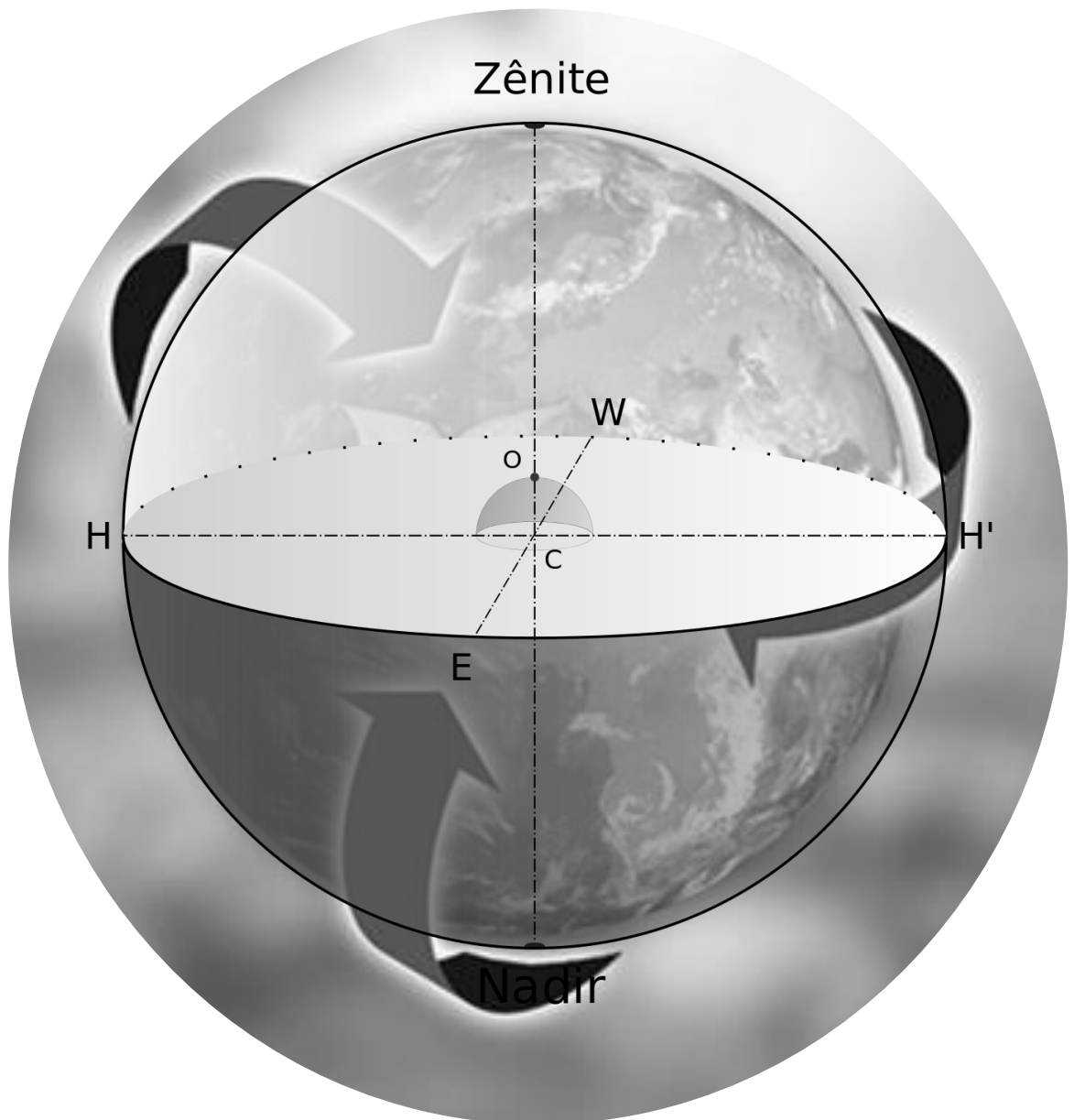
crescimento difundido na demanda e no consumo regional, outro fator que Benchimol pontua no perfil amazônida foi a extrema dispersão do homem através do povoamento linear disperso, o processo de urbanização crescente, o monopólio da escassez e a relativa inelasticidade da oferta, pobreza da tecnologia tropical, rotinização e terciarização da estrutura econômica, fiscalismo extrativista, desglebarização econômica/empresarial, político e latifúndio extrativista e pecuário.

A partir desses fatores indicados por Samuel Benchimol, paralelamente realiza uma análise de virtualidades, oportunidades e potencialidades da região. Tais pontos positivos e potenciais são: ampla base de recursos florestais, disponibilidade de água doce, extensa rede de vias navegáveis, grande faixa de várzeas férteis para fins agrícolas, campos e cerrados para a criação, vocação mineral, recursos humanos,

Avaliar o nível de atividades humanas e econômicas, descrever o perfil de seus desempenhos na Amazônia, eram fatores defendidos por Benchimol com a finalidade de ter o conhecimento, e apresentar métodos que permitissem um diagnóstico para então resultar num balanço dos valores ativos, passivos e patrimoniais dos recursos humanos e naturais, resultando em utilidade para revelar, prospectivamente, a magnitude e a dimensão do futuro.

O conceito de território emerge como espaço de realização e materialização das ações sociopolíticas. As teses analíticas comprometidas com a compreensão da totalidade dão lugar a análises dos fragmentos de um mundo contraditório. (SILVA e DANTAS, 2016, p. 48)

A produção do território brasileiro foi posta à frente da construção da Nação (BECKER e EGLER, 2010), demonstrando, assim, o sinal autoritário da entrada brasileira para a modernidade e Carlos Robert de Moraes (2002), corrobora salientando que as políticas oficiais voltadas para a construção do país, frequentemente se reduziram às estratégias e discursos dirigidos, essencialmente a ocupação de “espaços vazios”, a integração nacional e a modernização das infraestruturas do território, a construção de ideologias geográficas sempre desempenharam papel importante no processo de formação do Brasil, escondendo as divergências e os interesses de classe nos projetos de “desenvolvimento” inseridos no país.

Parte III: (1978-2001)

FONTE: Colagem criada por Hellen Braga (2020) com base em duas figuras, Zênite e Nadir (imagem da astrofísica) e o símbolo da sustentabilidade. Mostrando a “simbiose” entre um símbolo da astrofísica em relação ao processo de sustentabilidade pregada por Samuel Benchimol.

Capítulo III

O Muito Durante (1978-2001): Múltiplos tempos e espaços

O presente capítulo trata da segunda fase da obra de Samuel Benchimol, que se alinha de fase do pensamento maduro, momento apresentado a partir de 1978 (publicações depois da Coletânea: *Amazônia: um pouco antes e além depois*) a 2002 (ano que ele publica seu último livro) conforme mostra o quadro 2. O autor realizava pelo menos uma publicação por ano, em formato de livro; porém, mais de um artigo ou apresentação em eventos nacionais e internacionais no mesmo ano. Nesse momento serão abordadas as possíveis mudanças que o pensamento de Samuel Benchimol teve, apontando suas novas perspectivas e posicionamento referentes aos temas percorridos ao longo de sua trajetória.

O “muito durante” faz referência ao título da obra base dessa pesquisa: *Amazônia: Um pouco antes e além depois*, um trocadilho, mostrando o durante, as andanças e mudanças da jornada de um intelectual amazônida, e apresentando a importância de seus estudos para a ciência geográfica, sobretudo, uma geografia do Amazonas.

A seguir apresenta-se um quadro que mostra um total de 31 livros escritos por Samuel Benchimol, inferindo a partir dos títulos, a (as) categoria (as) que a referida obra apresenta. Nas obras da formação do pensamento maduro, Benchimol centraliza sua pesquisa no território, concordando com a periodização abordada por Becker (2004), quando exhibe o período de produção do espaço estatal. O Estado toma para si a iniciativa de um novo e ordenado ciclo de devassamento amazônico, num projeto geopolítico para a modernização acelerada da sociedade e do território nacional.

Nesse projeto, a ocupação da Amazônia assume prioridade por vários fatores, a migração de agricultores que perderam suas atividades na agricultura tradicional no Nordeste pela modernização, então, a ocupação da região foi percebida como prioridade, pela possibilidade de se desenvolverem focos revolucionários, outra preocupação era de nível continental, como relata Becker, eram na verdade duas as preocupações, a migração dos países vizinhos para as suas Amazonas, e a construção da Rodovia Marginal Boliviana, que se estende ao longo do Pacífico na

nº	Categoria	Obra	Ano	Disponível
1	Território	Política fiscal	1978	
2	Território/região	O pacto amazônico e a Amazônia Brasileira	1978	
3	Território	Petróleo na Selva do Juruá - O Rio dos Índios Macacos	1979	
4	S.d	A Duodécima 80/90 - Reflexões e Cenários Amazônicos.	1979	
5	Território	Uma oikopolítica para a Amazônia.	1979	X
6	s.d	Amazônia: andanças e mudanças	1981	
7	Território	Amazônia Legal na Década 70/80: Expansão e Concentração Demográfica	1981	
8	s.d	Zona Franca de Manaus: A Conquista da Maioridade. The Manaus Free Trade Zone: Coming of Age.	1984	
9	s.d	Manual de Introdução à Amazônia: programa, bibliografia selecionada, notas, mapas, quadros, material de leitura para análise, crítica e reflexões	1988	
10	s.d	Amazônia: Quadros Econômicos da Produção. Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito da Amazônia no Senado Federal	1989	
11	s.d.	Amazônia: Planetarização e Moratória Ecológica	1989	
12	Região	Amazônia: A guerra na floresta	1992	X
	Região/território	Romanceiro da Batalha da Borracha	1992	X
13	s.d	Grupo Empresarial Bemol/Fogás: Lembranças de vida.	1993	
14	Território	Fisco e Tributos na Amazônia – 1993	1994	
15	s.d	Manãos-do-Amazonas: Memória Empresarial	1994	
16	Território	Amazônia Fiscal – 1994	1995	
17	Território	Navegação e Transporte na Amazônia	1995	
18	s.d	Exportação e Exportadores da Amazônia Legal em 1994	1995	
19	Território	Amazônia 95: Paraíso do Fisco e Celeiro de Divisas	1996	
20	s.d	Exportação da Amazônia Brasileira - 1995/1994	1996	
21	s.d	Manual de Introdução à Amazônia.	1996	
22	s.d	Exportação da Amazônia Brasileira - 1996/1995	1997	
23	Território	Amazônia 96: fisco e contribuintes	1997	
24	Região	Zona Franca de Manaus: Pólo de desenvolvimento Industrial	1997	
25	Território/região	Amazônia: Formação Social e Cultural	1998	
26	território	Eretz Amazônia - Os judeus na Amazônia	1998	X
27	s.d	Exportação da Amazônia Brasileira – 1997	1998	
28	Território	Amazônia: Quatro visões milenaristas	1999	X
29	Território	Comércio Exterior da Amazônia Brasileira	2000	
30	Território	Zênite Ecológico e nadir econômico-social: análises e propostas para o desenvolvimento sustentável da Amazônia	2001	X
31	Território	Amazônia: Cenários, perspectivas e indicadores	2002	X

Quadro 4: Livros de Samuel Benchimol publicados na segunda fase (1978-2002)

Fonte: Livro BENCHIMOL, S. Zênite Ecológico e Nadir econômico-social (2001)

Elaborado por BRAGA, Hellen. (2021)

América do Sul, significando a possibilidade de vir a capturar a Amazônia Continental para entorno do Caribe e do Pacífico, reduzindo a influência do Brasil. E, pela proposta que não interessava ao projeto nacional do Instituto Hudson, de fazer da Amazônia um grande lago para facilitar a circulação e a exploração de recursos (BECKER, 1990).

Com o intuito de acelerar a ocupação na Amazônia, modernizaram as instituições, criou-se a Zona Franca de Manaus, da qual Samuel Benchimol foi um dos intelectuais e empresários, que participou da criação, está sendo um enclave industrial em meio a economia extrativista, próximo às fronteiras do Norte, e assim é implementada a estratégia territorial. Na produção do Espaço, Lefebvre denota que após a construção do território, que é o fundamento concreto do Estado este passa a produzir espaço político, para exercer o controle social, espaço construído de normas, leis, hierarquias.

Nessa acepção pode-se inferir a causa de Benchimol para utilização frequente da noção de território, na fase de formação de seu pensamento maduro (1978-2001), decorrente dos acontecimentos políticos que envolviam o momento. Para tanto, cabe compreender em suas obras, como se forjou um pensamento geográfico, nesse período de grandes movimentos geopolíticos. Os temas abordados são estratégias políticas, desenvolvimentismo, sustentabilidade, planejamento regional, territorialidade, população, migração, diferença regional.

3.1 Obra 1: Os Judeus na Amazônia

Esta obra foi publicada em 1988, e tem como título *Eretz Amazônia – Os Judeus na Amazônia* (Figura 8), houve outra publicação, em *ebook* (2013). O Eretz significa “Terra”, que faz alusão a terra prometida dos judeus, da torá, onde era uma terra fértil, que manava leite e mel. Editado pela comissão Israelita do Amazonas, Centro israelita do Pará e pela Confederação Israelita do Brasil.



Figura 6: Capas das duas edições, 1ª edição (1998) e edição em e-book (2013)
Fonte: Livro BENCHIMOL, S. Os judeus na Amazônia

Portanto, a obra destaca a importância do significado da presença judaica na Amazônia, no processo de povoamento, como no desenvolvimento da região, uma vez que estes foram os primeiros a desenvolverem atividades, que se destacaram pelas suas lideranças e contribuições no campo econômico e social. Mas, todo esse processo é apresentado pelo autor através de quatro gerações de judeus-amazônicos:

A fase dos pioneiros que se internavam e se expandiram ao longo dos rios, vilas, povoados e seringais da hinterlândia; o período da prosperidade do efêmero *boom* da borracha, a época da crise do êxodo do interior que motivou a urbanização e concentração nas cidades de Belém e Manaus, incluindo uma nova diáspora para o Rio de Janeiro, São Paulo e exterior e, finalmente, o tempo dos doutores e professores em que os jovens judeus buscam alcançar uma nova imagem e status sociais. (BENCHIMOL, 2009, p. 260)

A peculiaridade que se considera ao povo judeu, é em primeiro lugar que são conhecidos por seu “espírito trabalhador incansável”, em virtude de estarem sempre em busca de um território para exercer suas atividades empreendedoras, mas, isso tudo é reflexo do contexto histórico desse povo, que fora expulso de seu lugar de origem e houve a conhecida diáspora⁵; historiadores retratam esses momentos de amarguras dos judeus e, Samuel Benchimol, por sua vez relata a trajetória dos judeus que vieram parar na Amazônia, em virtude de ser um descendente judeu, ele buscou

⁵ Diáspora: dispersão dos judeus, no decorrer dos séculos, por todo o mundo, não de forma voluntária, mas por fatores compulsivos.

delinear uma pesquisa voltada para a análise historiográfica do considerável número de imigrantes judeus que adentraram na Amazônia brasileira, conforme relata,

No período que vai de 1810 a 1910, cerca de 1000 famílias de imigrantes, tanto sefaradistas-marroquinas como de outros grupos culturais judeus da Europa e do Oriente Médio, vieram fazer a Amazônia um pouco antes e durante do *boom* do ciclo da borracha. (BENCHIMOL, 2009, p. 259)

Vários desses que migraram, foram para a Europa, outros para a América do Norte, outros para a América do Sul, inclusive para Amazônia. O êxodo dos judeus-marroquinos é explicado, segundo Samuel Benchimol,

Por meio dos diferentes fatores de expulsão: pobreza, fome, perseguição, discriminação, destruição de sinagogas, etc., como de forças de atração e favorecimento, de ordem política e econômica oferecida pelo Brasil e Amazônia, como a abertura dos portos, tratados de alianças e amizade, extinção da inquisição, liberdade de culto, abertura do rio Amazonas à navegação exterior e outros elementos que contribuíram para buscar a Amazônia – a nova Terra da Promissão – a Eretz Amazônia. (BENCHIMOL, 2009, p. 259)

A região abrigou esses imigrantes que estavam à procura de um território para se reterritorializar, tendo em vista que foram desterritorializados, ou seja, foram forçados a sair de seu *locus* natal, e não somente em sua terra de origem, mas, diversas outras localidades onde buscavam acolhida. Nesse sentido, o processo de territorialização foi de suma importância para o povo judeu na Amazônia, conforme Raffestin (1993),

A territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. (RAFFESTIN, 1993, p. 158)



Figura 7: Gravura do livro *La Galerie Agreale du Monde* - Judeus espanhóis e português que foram obrigados a se converterem ao cristianismo, sob pena de serem expulsos de seus respectivos países.
Fonte: IBGE, https://brasil500anos.ibge.gov.br/images/brasil_500/judeus/autodefe

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a migração judaica foi intensa, a partir da liberdade de culto que fora garantida pela Constituição do Império.

Os judeus marroquinos, descendentes diretos das comunidades judaicas expulsas da Península Ibérica pelos “Reis Católicos”, se fixaram em Pernambuco e na Bahia e, principalmente, na Amazônia.

Dedicaram-se ao comércio local, a despeito da animosidade de outros negociantes.

Chegaram também os judeus pobres do Leste Europeu, que sobreviveram ao assassinato do czar russo em 1881. Vieram fugindo dos ataques antissemitas. Para facilitar a transferência dos judeus russos para as colônias agrícolas na América, foi fundada, em 1881, a *Yidishe Kolonizatsye Gezelshaft* (Associação da Colonização judaica, ou ICA). Esta Associação atuava no sentido de despertar o interesse dos governos locais para a imigração judaica.

Na década de 1920 e 1930, os imigrantes judeus vinham não só da Europa Oriental, mas de todas as regiões do então esfacelado Império Otomano, como Turquia, Grécia e Rodes. Vindos inicialmente sozinhos, com a intenção de “fazer a América” e ganhar o suficiente para retomar às suas casas, com o passar do tempo, devido às possibilidades de ascensão econômica no Novo Mundo e à exacerbação do antissemitismo na Europa, acabaram por trazer suas famílias.

Na década de 1930, teve início o grande êxodo de judeus alemães, em virtude da ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha, em 1933, e da subsequente promulgação das Leis de Nuremberg.

Com as restrições à imigração nos Estados Unidos e em muitos outros países nesse período, estava criado o drama dos refugiados. A situação se agravou

quando a Itália endossou as medidas nazistas antissemitas e com o início dos conflitos internacionais que iriam culminar na Segunda Guerra Mundial. (IBGE: Território Brasileiro e povoamento, regiões de origem dos imigrantes judeus, Disponível em <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/judeus/regioes-de-origem-dos-imigrantes-judeus.html>>)

Embora tivessem sofrido tantos preconceitos, objeções, dificuldades de adaptação, isso significa que possuem estratégias de sobrevivência, no intuito de manter a comunidade judaica unida e com identidade cultural. Os judeus chegavam na Amazônia em grande quantidade com suas famílias, e ocupavam a calha do rio Amazonas (OLIVEIRA, 2019). O período da riqueza provinda do ciclo da Borracha, resultou no momento onde mais aumentaram os índices da imigração judaica. Benchimol (1998) relata que entre os anos 1850 – 1910 (a ocasião do ciclo da borracha), setecentas famílias buscaram na Amazônia uma “nova terra de promessa”. Pode-se apreender, esses povos que penetraram no território brasileiro, fizeram parte do construto cultural e econômico, a partir da convivência, da troca de cultura e costumes.

Toda trajetória judaica é possível ver um povo, que sempre esteve em luta por sobrevivência, talvez a causa de grande parte serem comerciantes, vendedores, empresários. Numa tentativa de solidariedade aos judeus foi criada em Paris a *Allince Israelite Universelle* (1960), tinha como objetivo “trabalhar pela sua emancipação e progresso moral, oferecer ajuda e assistência aos judeus vítimas do anti-semitismo, encorajar a publicação de livros, que promovessem esses objetivos” (BENCHIMOL, 1998, p.14).

Várias escolas foram criadas em diversas parte do mundo, a Aliança Israelita Universal de Marrocos ajudou na preparação de importantes personalidades judias, que viriam ser líderes na Amazônia, por exemplo, uns se tornaram exportadores, viajando para o exterior para fechar negócios e assistir congresso e exposições, em virtude de dominarem a língua inglês e o francês. Inclusive, no período da crise da borracha, quando os exportadores alemães, franceses e ingleses deixaram Manaus e Belém, os judeus-marroquinos-brasileiros foram os substitutos nessas funções.

Nesse sentido, Blay (2008), confirma,

A Aliança Israelita Universal é uma instituição de origem francesa, criada por volta de 1800 para dar apoio aos judeus perseguidos em outros países, desprovidos de cidadania e sem recursos econômicos. Ela dava educação e formação para o trabalho. Com sede em Paris esta instituição inspirou-se na concessão de cidadania aos judeus (1791) dois anos após a Revolução

Francesa, para apoiar as demais comunidades judaicas a pogroms e a selvagens perseguições como as da Romênia, Rússia, Polônia e outros países. (BLAY, 2008, p. 43)

Os que saíram da Espanha são chamados de serafaditas, e vieram ao Brasil pela facilidade do idioma. Samuel Benchimol faz questão de expor os pontos positivos da imigração dos judeus para a Amazônia, ele fala da facilidade que o povo judeu tem em exercer as atividades no comércio e sua capacitação intelectual, e destaca a importância da Aliança Israelita Universal.

Os judeus como se sabe, buscavam um território, conseqüentemente por tantas aflições que sua condição apresentava, lutavam sempre pela sobrevivência, logo, a alternativa que tinham, era de se adaptarem com a cultura dos povos, que os recebiam, realizar a atividade econômica que lhes fosse permitida, ou novamente teriam que fugir em busca da liberdade religiosa, fugindo da opressão.

Benchimol mostra que a primeira leva de imigrantes aceitou o desafio e foram para o interior como jovens aprendizes, empregados, balconistas e vendedores ambulantes, contratados por firmas judias de Belém e Manaus – em busca de oportunidade de ganho e trabalho. Aviados por algum judeu próspero de Belém e Manaus, foram para o interior de Breves, Gurupá, Cametá, Baião, Macapá, Afuá, Alenquer, Óbidos, Santarém, Parintins, Maués, Itacoatiara, Coari, Tefé, chegando até Iquitos, calha central do rio Amazonas (BENCHIMOL, 1998).

Conseqüentemente o processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização estavam intrínsecos na história dessa comunidade. Portanto, “nenhuma sociedade, por mais rudimentar que seja, escapa à necessidade de organizar o campo operatório de sua ação” (RAFFESTIN, 1993, p. 150). Um povo, que se estabelece em determinada região, exerce a territorialidade, um princípio de direito, permitindo estabelecer ou delimitar a área geográfica, ou seja, “há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores sem se darem conta disso, se automodificam também” (RAFFESTIN, 1993, p. 158 e 159), conseqüentemente o uso do poder é certo, conforme Raffestin, é impossível sustentar uma relação que não seja assinalada pelo poder.

3.1.1 Os Judeus e a região amazônica

A partir do momento em que se deslocam de uma região seca para uma região totalmente oposta, úmida, pois acreditavam na “nova terra da promessa”, vê-se as diferenciações regionais apresentadas sutilmente na obra. Nesse sentido, a noção de região geográfica está intrinsecamente ligada a essa dinâmica da partida e da chegada em diferentes ambientes. Outros fatores trazem à tona de forma perspicaz, sobretudo, importante, é a tradição de estudo, da facilidade no comércio e dos grandes negociantes judeus. Ao longo dos anos demonstraram uma verdadeira luta pela sobrevivência, uma vez que a vida não tinha sido tão favorável a eles.

Como os judeus veem a terra, a Amazonia? Oliveira (2019) aponta as possíveis causas que fizeram com que os migrantes judeus marroquinos chegassem no território Brasileiro, conseqüentemente, na região amazônica.

É importante situarmos o interesse do judeu marroquino em emigrar para a região Amazônica. Um episódio que poderia ter gerado algum interesse, foi a refundação da cidade de Nova Mazagão, nas cercanias de Belém em 1769, estudada exaustivamente por Vidal (2008). A antiga fortaleza de Mazagão, assumia um papel estratégico no controle e defesa do território marroquino, adequando-se às necessidades conforme a evolução das estratégias militares e da arte da guerra. A cidade crescia conforme os interesses lusitanos, sendo marcada pela existência de base militar. Entretanto, esta condição favorável não conseguia esconder o principal inimigo: os mouros que, pelos constantes ataques, forçava o êxodo da região. Além disso, o confronto com os mouros se intensificou, ameaçando os moradores da região que reivindicavam constantemente ao monarca mais recursos para a garantia da sobrevivência e mais equipamentos militares para se defenderem (OLIVEIRA, 2019, p.23)

Conforme mostra Oliveira (2019), Sebastião José de Carvalho e Melo ao analisar a conjuntura geopolítica do Império português, levando em consideração, que Mazagão tinha se tornado um fardo para a coroa portuguesa, autorizou a retirada de todos os moradores.

Assim, entende-se uma das possíveis causas da chegada de grande quantidade de imigrantes judeus marroquinos no início do século para o Brasil, e conseqüentemente para a Amazônia. Primeiro foram trazidos com propósitos políticos Ibéricos, trazidos para a cidade de Mazagão, com o propósito de “fazer a América”, outra hipótese é o refúgio por perseguição religiosa, bem como a facilidade na língua, devido sua passagem pela Espanha e Portugal, a liberdade religiosa encontrada no Brasil e a esperança de melhores condições de vida.

Samuel Benchimol, *Apud* Encyclopédia Judaica (1973), também aponta outro motivo pelo qual os judeus-marroquinos chegam na Amazônia. Após serem expulsos de Portugal

levas sucessivas se estabeleceram nos portos mediterrâneos e no interior de Marrocos sob o controle português e espanhol em Tânger, Tetuan, Ceuta, Melila, Arcila, Azemur, Mazagan, Mogador, Quezzane ou sob controle mulçumano em Rabat, Salé, Marrakesh, Fez, Agadir, Casa Blanca. (BENCHIMOL, 2009, p. 272).

Contudo, os recém chegados, não foram bem recebidos pelos judeus nativos. Enquanto os primeiros assumiram a liderança nas judiarias, e progrediam em seus negócios e profissões. Os judeus nativos, empobrecidos por séculos de dominação dos mouros e berberes, sem oportunidades de educação e profissionalização temiam os espanhóis não só em função da rivalidade comercial como pela sua superioridade técnica.

Samuel Benchimol (1998) apresenta as distinções entre os próprios judeus-marroquinos. Os nativos e os que estavam adentrando no território advindos da Espanha e Portugal tinham conflitos, os *Megorachim* (judeus recém-chegados de Portugal ou Espanha em Marrocos) e os *Toshavim* (nativos) e trouxeram essa rivalidade quando migraram para a Amazônia. Cada um desses povos trazia consigo culturas diferentes, por viverem em regiões diferentes, os Megorachim eram mais intelectuais, conseguiram prosperar com mais facilidade, todavia, os Toshavim não tinham essa facilidade, mas eram doutores na Torá, logo ao chegarem em Belém, fundaram duas sinagogas, justamente por conta da rivalidade entre as duas correntes.

Nessa perspectiva, a disputa por ideologias, conseqüentemente por poder, consistiu visivelmente presente na comunidade judaica, mesmo estando na mesma condição de refugiados, em terra estrangeira.

O êxodo da Eretz Amazônia para os judeus significou uma nova Canaã das drogas do sertão e depois o El Dorado da Borracha, a migração desses povos foi valorizada por Benchimol.

3.2 Obra 2: Amazônia: Formação social e cultural

Esta obra possui três edições, a primeira publicada em 1999, posteriormente em 2001 e a última em 2009. Tem como título *Amazônia: formação social e cultural* (Figura 10). O livro traz a questão do povoamento da região amazônica, como fora povoada. Deste modo, Samuel Benchimol descreve as famílias dos povos que

entraram na região, dá atenção aos tipos culturais e sociais que a povoaram, ou seja, quem a povoou é que passa a dominar o território.

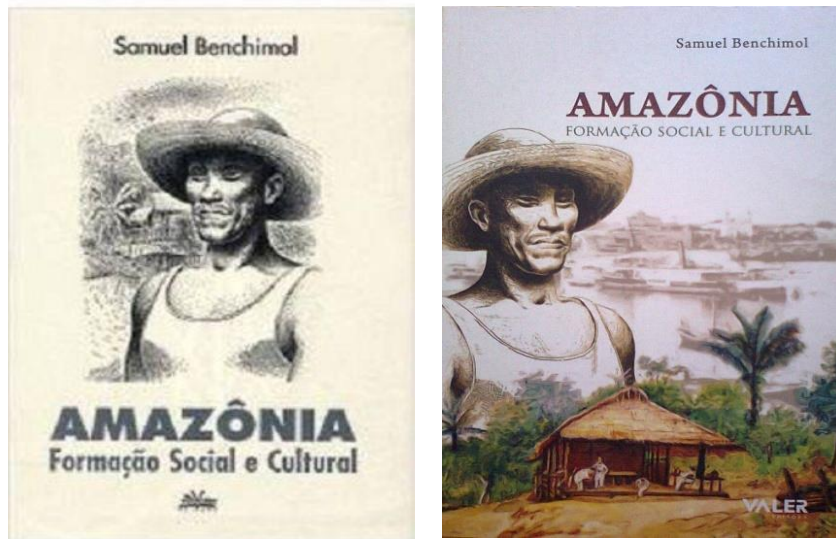


Figura 8: capa do livro, 2ª e 3ª edição respectivamente.

Fonte: Livro BENCHIMOL, S. Amazônia: formação social e cultural

O complexo cultural amazônico compreende um conjunto gigantesco tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que esboçaram a organização social e o sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terra firme, que foram desenvolvidas formas de economia de subsistência, e de mercado.

O conhecer, o saber, o viver e o fazer na Amazônia Equatorial e Tropical, primeiramente foi um procedimento predominantemente indígena, e a esses valores foram incorporadas outras culturas, por via de adaptação, absorção, competição e difusão, novas instituições, instrumentos, técnicas, incentivos e motivações perpassados pelos que ocupavam, os colonizadores e povoadores da região. Benchimol destaca os portugueses, espanhóis, europeus com alguma contribuição africana, semíticas e asiáticas, bem como, novos valores de nordestinos e de outras regiões brasileiras. Nesse sentido, houve um encontro não apenas de estimas, mas também o de culturas. Mostra que as maneiras do ser regional foram se perdendo, e adquiriram novos padrões de comportamento na conduta tropical.

A obra analisada neste capítulo exhibe a vida do homem amazônida e o migrante frente a natureza, ou seja, como as pessoas oriundas de outras regiões brasileiras viam a região amazônica, a partir das diferenças regionais de onde vieram, os judeus, por exemplo, que viam de um lugar predominantemente desértico, agora estavam em

uma floresta latifoliada, com o clima quente e úmido. Mostrando assim as diferenças dos lugares, os contrastes das diversas regiões não somente do mundo, mas que dentro dessas divisões, ainda se encontram subdivisões diferenciadas, o que nos lembra a abordagem do estudo regional idiográfico.

Além da população externa, ele historiciza sobre indígenas e caboclos, seu modo de vida, costumes, cultura, sua expressão regional. A partir da chegada dos colonizadores o território que pertencia aos povos indígenas, estava sendo invadido, portanto, havendo conflitos, contudo, a força militar maior era do homem branco, findou que grande parte desses povos foram desterritorializados, conforme aponta Benchimol,

Definindo o espaço, politicamente vigorou na Amazônia, durante séculos, a *Pax Hispanica*, de um lado, e a *Pax Lusitana*, de outro. Essas duas Pazes não impediam os atritos e conflitos entre si e outras potências europeias (franceses, ingleses e holandeses), mas asseguravam uma política de ocupação europeia que trouxe para a região amazônica os valores da cultura ibérica, incluindo língua, religião e modos de ser, sentir, pensar, agir e trabalhar. Esses novos valores foram implantados, a ferro e fogo, por meio de sutil ou violenta ação dos conquistadores e missionários a serviço da “fé e do Império”, da “Cruz e da Espada”, sobre as populações indígenas que sofreram, ao longo dos séculos, o processo da destribalização e perda de identidade de suas culturas tradicionais. (BENCHIMOL, 2009, p. 106-107)

Os indígenas e os caboclos na Amazônia conheciam as peculiaridades regionais, através dos recursos naturais de subsistência e do imaginário de mitos e crenças, contribuições indígenas caboclas tinham conhecimento da geografia do lugar, da dinâmica hidrográfica da Amazônia, portanto, conheciam a biogeografia. Nesse sentido, ser do lugar é ser da região, ou seja, é ter domínio sobre o território.

Benchimol busca mostrar, mesmo que sutilmente o processo da conquista portuguesa, e relata que a coroa portuguesa esperou a retificação jurídica, quando os Tratados de Madri, em meados do século XVIII e o de Santo Idelfonso revogaram o Tratado de Tordesilhas e reconheceram a soberania portuguesa pelo princípio jurídico do *Uti Possidetis-Ita possideatis*. Desse modo, os portugueses dominam a jusante da Foz até a montante do Javari, e ao norte até as cordilheiras guianenses, segundo os Tratados e as Comissões de demarcações de fronteiras. Assim, a Amazônia se tornou iberófona, de fala espanhola nas nascentes e bordas da *Cuenca* (cidade do Equador) e lusófona, rio abaixo até o estuário (BENCHIMOL, 2009).

Assim, a história da formação social e cultural da Amazônia envolve crescente diversidade regional, e conseqüentemente os conflitos territoriais. A chegada de

portugueses, espanhóis, nordestinos, judeus, ingleses, sírios libaneses, norte americanos, italianos, japoneses, revelam a diversidade da região. Todo o processo apresentado por esse autor traz à lembrança o pensamento de Richard Hartshorne, que considera a análise geográfica de se voltar para o entendimento da diferenciação das áreas da superfície terrestre (LENCIONI, 2005).

Nesse sentido, Samuel Benchimol apresenta a região a partir das distinções culturais, os grupos sociais, os costumes, as características dos povos externos (migrantes) e internos, “nativos”, da Amazônia. Ele mostra um estudo idiográfico, ou seja, faz uma abordagem pormenorizada dos fenômenos notados, com objetivo de delinear conexões e estabelecer sínteses da Amazônia, através das subdivisões. Por exemplo, costumes que são presentes no Marajó não é o mesmo em Marabá; os costumes em uma determinada comunidade indígena é diferente do que acontece em outra, embora sejam considerados com a mesma classificação “indígena”, possuem suas peculiaridades. Norteia seu estudo embasado nessas questões regionais para mostrar a formação social e cultural da Amazônia. Assim sendo, há particularidades nos lugares.

Conforme aponta Lemos (2005), no início do século XX houve uma crise do possibilismo, com uma crítica ao modelo naturalista e a afirmação das especificidades das ciências humanas, significando a valorização do desenvolvimento histórico das sociedades humanas, e por consequência, o destaque dessa dimensão na explicação da realidade. O debate referente as ciências naturais e ciências humanas materializou-se na valorização do caráter idiográfico da Geografia, conseqüentemente, na busca da localização particular dos fatos na superfície terrestre.

Cabe ressaltar que a ocupação de outros povos não foi pacífica, pelo contrário houve resistências e muitos conflitos, muitos foram mortos, outros cederam, mas tudo isso mostra a questão da disputa pelo poder de dominação, em busca do domínio territorial. Portanto, embora Benchimol apresente palavras-chave que nos ajudam compreender a região e como ela fora povoada e dominada, interessa saber os fatores que a diferencia, e os embates territoriais entre os que a povoaram e a população já existente.

Conforme Samuel Benchimol assinala em seus textos, cada povo que conviveu na Amazônia, deixou sua contribuição cultural ao longo dos anos. Partindo do princípio da região geográfica, que diferencia as particularidades, a partir do olhar do

pesquisador, ou seja, a análise do autor é majoritariamente voltada para noções geográficas tradicionais, uma vez que ao regionalizar, passa a significar classificar regiões, indo além da compreensão do agrupamento de objetos em classes segundo semelhanças.

Como se pode analisar, a ciência espacial da superfície terrestre encontra sua expressão nas diferenças locais, e são estas que dão o caráter singular ao saber geográfico. Para Lencioni (2009), a Geografia é concomitante ao caráter idiográfico e nomotético; pode-se verificar isso ao estudar a relação de fenômenos particulares numa determinada área. É ideográfica, quando esses fenômenos podem ser classificados em categorias, possibilitando a dedução de leis gerais, é nomotética.

Portanto, Samuel Benchimol, analisava a Amazônia a partir das particularidades, uma vez que retrata as especificidades dos lugares, dos povos e da natureza. Outro fator que vale destacar na obra desse autor são as formas como ele aborda a importância do domínio do território, portanto, faz uma relação numerosa dos diferentes povos indígenas do Estado do Amazonas, e mostra a resistência desses povos com a chegada dos imigrantes, que estavam em busca de territórios tanto para exploração como acabaram perdendo seus costumes, sua cultura e aderindo à cultura do homem branco. Porém, muitos ainda resistem até os dias de hoje.

A visão de Samuel Benchimol sobre o território é dinâmica, ele descreve a extensão territorial e a temporalidade do território, e quem eram os que habitavam, bem como as dinâmicas interculturais.

Provavelmente essas 373 tribos indígenas relacionadas por Sant'Anna Nery deveriam representar a maioria da população amazônica, falando centenas de línguas e dialetos que, em grande parte, se perderam para sempre. Uma perda cultural irreparável, pois hoje sabemos que uma língua é produto de mais de cinco mil anos de história e vivência cultural de um povo. (BENCHIMOL, 2009, p.50)

Como muda drasticamente a cultura indígena! As pessoas mudam a cor da pele, os costumes, iniciando, assim, o processo de desterritorialização no decorrer dos séculos XVII e XVIII. Nesse período houve intenso processo de luta e disputa do território entre portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e holandeses. Porém, os portugueses são os que dominam a maior parte da calha central do rio Amazonas e os seus principais afluentes, ao norte e ao sul (BENCHIMOL, 2009).

Samuel Benchimol mostra a disputa de território, da expansão territorial, das políticas de formação do território brasileiro, o direito do *uti possidetis*, consagrado pelos Tratados de Tordesilhas, em meados do século XVIII e Santo Idelfonso, de 1977, que “constituiu a fórmula jurídica que estabeleceu o direito de um país à soberania sobre um território” (BENCHIMOL, 2009, p. 74). Benchimol descreve a entrada dos espanhóis e galegos na conquista das américas, regiões imperialistas, que pretendiam conquistar o mundo.

Os espanhóis foram o terceiro movimento de trabalhadores e famílias, que entraram no Brasil após os italianos e portugueses, e se tornaram senhores e pioneiros na conquista das Américas, pois foram os primeiros a chegar, no final do século XV. Portanto, a povoação do imigrante, as inclinações para exercer determinada atividade, como a agricultura e a ida desses povos que desciam o rio, para ocupar as mediações, mostra-nos o processo de territorialização.

No que se refere a partilha do território entre espanhóis e portugueses, o espaço deixou de ser monolítico e monopolizado da Espanha, para pertencer ao domínio português. Assim, ficou de um lado da Amazônia, por domínio espanhol e de outro lusitano, mas sempre havendo conflito entre essas nações dominantes; porém, asseguravam uma política de ocupação europeia que trouxe para a região amazônica os valores da cultura ibérica, incluindo a língua, religião, hábitos, costumes e modo de ser, sentir, pensar, agir e trabalhar. Mas, esses novos valores foram implantados de forma bruta, por meio de violência perspicaz sobre as populações que já viviam no território que sofreram ao longo dos séculos o processo de desterritorialização e perda de identidade cultural (BENCHIMOL, 2009, p. 107)

A igreja foi uma estratégia de dominação e transformação da cultura, com o objetivo de transformar em sincretismo religioso. O processo de “destribilização” como é expresso por Benchimol, entende-se como uma maneira de desterritorializar. A mão-de-obra escrava ou servil, demonstra o domínio de um povo sobre o outro, a sociedade sendo estruturada com uma sociedade dominante. No início do processo de urbanização o comércio é apresentado como atividade econômica importante. Quando a crise chegou, a partir de 1911, os empresários portugueses contribuiriam, significativamente para a sobrevivência das cidades de Belém e Manaus, “por meio de suas casas aviadoras, dos navios de seus armadores, dos armazéns de estivas, fazendas e do seu comércio de importação e exportação, em substituição às

lideranças anglo-germânicas do período áureo da borracha” (BENCHIMOL, 2009, p. 84).

Outra característica cultural deixada pelos portugueses são mostradas por Benchimol, a partir da nomenclatura de cada povo na sua localização geográfica; os que residiam próximo ao Rio Negro, do rio Madeira, mostrando a territorialização, principalmente dos indígenas, bem como as dinâmicas interculturais, Benchimol retrata os jesuítas que buscavam inserir a cultura europeia nos indígenas, através da catequese e a nomenclatura das localidades, mostram o domínio de uma nação sobre a outra, tais terminologias nas vilas é uma forma de territorialização, que ainda se vê até os dias de hoje.

Outro povo que é apresentado por Benchimol, os africanos que eram capturados em suas vilas e aldeias no interior do Cabo Verde, Costa do Marfim e das minas do Congo, Angola, Benguela, Moçambique e de outros lugares, e eram vendidos como mercadorias. O autor faz a diferenciação dos indígenas e africanos, sendo o primeiro mais resistente a escravização e o segundo mais passivo, uma vez que eram capturados e estavam em terras estranhas, não viam saída a não ser se sujeitar a escravidão. Estes aparecem na obra como sendo o “produto”, mercadorias, “peças e fôlegos vivos”, eram povos de nação. O continente africano é composto por diversos países, povos e culturas diferentes, com um ambiente diferente e essas pessoas foram trazidas escravizadas para as Américas, que apresentavam outros costumes, culturas, clima. Vê-se, então, mais uma vez a desterritorialização desses povos e a necessidade de reterritorialização.

A língua portuguesa foi também sendo africanizada, sobretudo na entonação, modulação de voz, na doçura da pronúncia do português-brasileiro, que abrandou e modificou os seus sons originais guturais fortes, as vogais fechadas e as consoantes trocadas e palavras mal silabadas pela língua do português de Portugal. (BENCHIMOL, 2009, p. 145)

A língua é um fator característico da regionalização. Nessa perspectiva, o português-brasileiro absorveu no seu linguajar contribuição forte, proveniente de sua “tupinização pelos povos indígenas que batizaram a maioria dos nomes dos peixes, bichos, árvores, plantas, pedras e nomes de cidades e rios” (BENCHIMOL, 2009, p. 145).

Outros migrantes foram os nordestinos, fazendo com que a região amazônica se tornasse diferente, no decorrer de quase oitenta anos. Esses proviam geralmente

das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros estados nordestinos, sendo contusos pela seca, imigração por escassez de alimentos, ou simplesmente atraídos pela fortuna e aventura, ou mesmo pelos dois motivos. Sendo, portanto, um choque regional desse contingente populacional, uma vez que tinham outra realidade, viviam em outro ambiente, clima e costumes culturais, da região seca à úmida.

A Amazônia começou, assim, a abraçar-se com a chegada desse novo tipo de migrante, que trouxe consigo uma outra cultura de valentia e cobiça, bem distante da Amazônia tradicional dos caboclos do beiradão, da calha central, das marombas e currais do baixo Amazonas, dos oleiros e vaqueiros do Marajó, dos castanhais de Tocantins, dos cacauais de Cametá, Óbidos e Parintins, dos guaranazais de Maués, dos piaçabeiros do rio Negro, dos mariscadores e *viradores* de tartaruga nos tabuleiros dos rios Trombeta e Solimões, e dos juteiros do médio Amazonas (BENCHIMOL, 2009, p. 156)

Samuel destaca a importante participação dos nordestinos na formação social e cultural da Amazônia, que são colocados pelo autor como sendo os personagens principais durante o ciclo da borracha. Eles realizaram,

A ocupação e povoamento da vasta hinterlândia, culminando com a reconquista e incorporação do Acre, sob a liderança do gaúcho Plácido de Castro, comandando um exército de seringalistas e seringueiros, ao final ratificado pelo Tratado de Petrópolis, em 1903, escrevendo nessa façanha o último capítulo das bandeiras amazônicas na definição do espaço continental brasileiro (BENCHIMOL, 1999, p. 138)

Verifica-se a atuação ativa dos *cearenses* na região e conforme Benchimol aponta, que por constituírem a maioria da população amazônica, é raro encontrar, ainda hoje, uma família amazonense que não tenham parentes descendentes nordestino. Assim, o processo de transumância, transição de uma região para a outra, advém concomitantemente à desterritorialização e a necessidade de se reterritorializar dos nordestinos.

Ao chegarem na Amazônia seu objetivo era situar-se. Por conseguinte, essa massa de população mediante muito esforço e dedicação abrem seu próprio caminho, e se estabelecem, pelo menos uma grande parte, conforme assinala Samuel Benchimol, como empresários nos diversos segmentos econômicos, “a multidiversidade cultural e humana da região saiu enriquecida, pois a sua presença muito contribuiu para o *abrasileiramento* da Amazônia, influenciando profundamente nos nossos hábitos, costumes, culinárias, falas, danças, canções, folclore e lendas”

(BENCHIMOL, 1999, p. 146), essas sendo incorporadas, definitivamente fazendo parte da cultura, tradição e herança regional.

O contato por dois anos com os nordestinos proporcionou a Samuel Benchimol um certo conhecimento da vivência e aspirações desses migrantes, que inclusive foi a primeira pesquisa publicada em um evento da Geografia. A pesquisa que denominou de *O cearense na Amazônia*, em 1946, permitiu que ele coletasse no período de 1942 a 1944, centenas de entrevistas, documentando, assim, em primeira mão os depoimentos de suas vidas, dos seus flagelos e de seus destinos, no momento exato de suas chegadas na Amazônia.

Diferente da perspectiva vista até aqui dos migrantes, Samuel expõe também outro tipo de interventor na Amazônia, os ingleses, vindos na época áurea da borracha e chegavam com o objetivo de investir no escoamento dos produtos e matérias-primas da região amazônica para seu país,

O tempo dos ingleses marcou, outrossim, o início de um período de grandes investimentos que abriram um ciclo de expansão do capitalismo dos países europeus nas novas terras da América, África, Oriente Médio, Ásia e Austrália. Em todos esses continentes, na maioria das colônias do império britânico como Canadá, África do Sul, Índia, sudeste asiático e Austrália e nos países de origem britânico como os Estados Unidos e naqueles que sofriam forte influência do seu poder como nos países sul-americanos, grandes somas de capitais foram investidos através de empresas concessionárias de serviços públicos. Os investimentos na infra-estrutura desses países foram feitos com o objetivo de viabilizar a produção ou facilitar o escoamento das matérias-primas, recursos naturais, minerais e/ou energéticos, através de instalações portuárias, navegação marítima, ferrovias, estradas e outros serviços complementares. (BENCHIMOL, 1999, p. 198)

Portanto, o território aqui é apresentado por Benchimol como sendo utilizado para uso não somente em benefício dos ingleses, mas também em comum acordo com o Governo do Brasil, que se interessa nos investimentos proporcionados pelos ingleses. Porém, quando houve o declínio da borracha os ingleses se retiraram da Amazônia. Esse episódio foi decorrente o ato de biopirataria, quando o botânico inglês Henry Alexander Wickman conseguiu as sementes de *Hevea brasiliensis*, colhidas em Santarém e as levou para a Ásia.

Há historiadores que dizem, que as sementes não foram levadas sem o consentimento do governo, pois dizem que seria impossível não ser visto na inspeção cerca de setenta mil sementes de seringa, fazendo com que a produção de lá fosse superior à da Amazônia, e com o investimento inglês na tecnologia para o manuseio

eficiente para a fertilização da semente, há então a revolução britânica da heveicultura na Ásia e a fracassada contrarrevolução Amazônica.

Samuel Benchimol não critica a reprodução da borracha, mais uma vez ele sugere que se deve criar métodos eficientes e inteligentes de utilização, e aprimoramento das matérias-primas características da região amazônica. Defende o investimento da ciência e tecnologia para um desenvolvimento sustentável.

Outra participação na formação social e cultural da Amazônia são os judeus, os Sírios libaneses, norte-americanos, italianos e japoneses. Cada povo que de alguma forma fez parte da formação social e cultural da região, são postos como fundamentais, pois foi a partir dessas contribuições que se teve a formação atual da Amazônia como território e como região. Conhecer as questões naturais, sociais e econômicas, é de grande valia para um planejamento e ordenamento político, futuramente partindo dos estudos empíricos, científicos e tecnológicos.

3.3 Obra 3: Zênite ecológico e Nadir Social

Esta obra publicada em 2001, é intitulada “*Zênite Ecológico e Nadir econômico-social – Análises e propostas para o desenvolvimento sustentável da Amazônia*”, figura 11, escrita no final da vida de Samuel Benchimol, marcando, assim, o denominado pensamento maduro, do autor em análise.

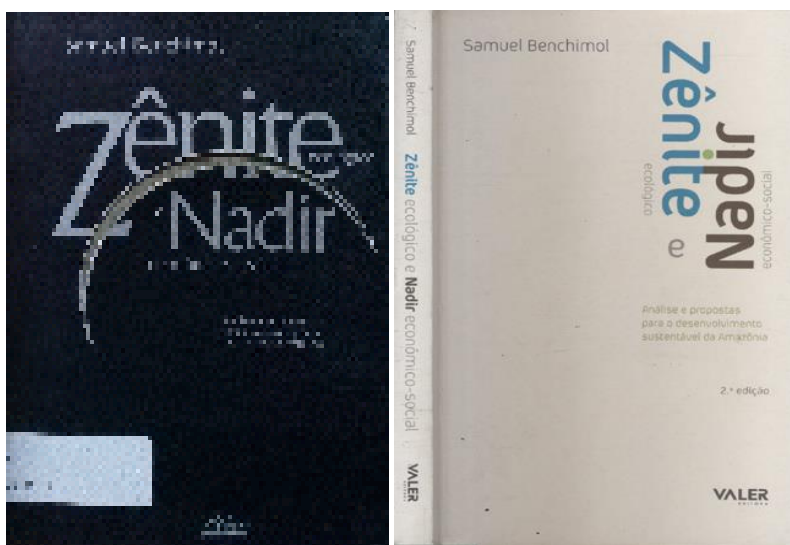


Figura 9: capa da 2ª edição do livro "Zênite e Nadir"
Fonte: Livro BENCHIMOL, S. Zênite e Nadir econômico-social

Seu título foi dado quando o autor estava internado no hospital e a enfermeira disse que suas plaquetas estavam em nadir, ele vociferou e disse: já sei o nome do meu livro! O termo zênite, conforme Benchimol é,

Uma expressão usada em geoastronomia para designar a parte superior do firmamento, segundo a perspectiva do observador, onde os raios do sol incidem, perpendicularmente sobre a Terra, no seu apogeu e culminância. A expressão nadir, também é um termo astrofísico, para caracterizar o oposto ao zênite. (BENCHIMOL, 2001, p. 11)

É nesse sentido que o autor aplica suas ideias concernentes ao tema proposto no título da obra, conforme relata:

Em nossa concepção, deste modo, o zênite ecológico seria aquela situação mais alta, limpa e sustentável pelos seus melhores parâmetros físico-ambientais-produtivos. O nadir econômico-social, o seu oposto, seria aquela situação econômica de insustentabilidade e exclusão social e econômica devido à pobreza, penúrias e as péssimas condições da proteção ambiental, acompanhadas de degradação, desmatamento, poluição atmosférica e hídrica, uso de agrotóxicos, energia suja, péssimas condições de saúde, saneamento, baixa produtividade, desperdício e mau uso dos recursos naturais. (BENCHIMOL, 2001, p. 11)

Portanto, a presente obra busca debater os diversos aspectos do contraditório Zênite-Nadir, assinalando alternativas para solucionar a qualidade de vida das espécies no meio ambiente. Conforme supracitado, a análise geográfica será baseada nas categorias Território e Região, apontando o pensamento maduro de Samuel Benchimol.

Suas primeiras publicações buscavam fazer apontamentos sobre a causa das condições econômicas e sociais atuais de sua época, com destaque para migração, temática que tomava certa atenção em seus discursos e textos, outro ponto focal de suas pesquisas, críticas e destaque em sua obra é o apontamento das possibilidades econômicas para a região. Nesse segundo momento da construção do seu pensamento, destaca os estados que fazem parte da Amazônia Continental, Oriental e Ocidental, como territórios que fazem parte da União, e por sua vez recebem subsídios para financiar pesquisas e o melhor uso dos recursos naturais de maneira inteligente.

Benchimol fundamentou suas análises no reconhecimento de que é preciso educação, criatividade, compromisso, espírito empreendedor e rigor metodológico para viabilização de um projeto de desenvolvimento sustentável para a região, com o

objetivo de melhorar a qualidade de vida no meio ambiente. Sendo assim, a obra é uma reflexão sobre os caminhos e descaminhos do progresso tecnológico, e propõe uma alternativa de desenvolvimento não somente para a Amazônia brasileira, mas também para a humanidade.

3.3.1 Da Região Planejamento à Região Sustentável: sugestões desenvolvimentistas para Amazônia

Aos 78 anos, Samuel Benchimol (2001) continuou focalizando sua análise de pesquisa no desenvolvimento da região, porém, acrescentando a sustentabilidade. Naquele momento era muito debatido esse novo termo frente a grande devastação da natureza. Embora pregasse o desenvolvimento econômico e social, era imprescindível que se planejasse de forma inteligente a utilização dos recursos naturais, bem como, a sociedade, ou seja, pregava o equilíbrio entre natureza e homem.

[...] o governo federal e seus órgãos ambientais não tem recursos suficientes para gerenciar corretamente o Ministério do Meio Ambiente, o IBAMA e os órgãos de pesquisas regionais como o Museu Goeldi, a Embrapa, os Institutos Agroflorestais da Amazônia Oriental, o INPA, as universidades federais e outras entidades. Estas instituições científicas devem ser aparelhadas com condições que fomentem a criação de ciência e tecnologia, para criar novos métodos de produção econômica com menores índices de agressão ambiental e promover novos meios e modelos na obtenção de recursos para custear um vasto programa de sustentabilidade em todos os sentidos e variedades em benefício do homem e da região amazônica.” (BENCHIMOL, 2001, p.144)

Conforme já exposto, Benchimol sempre incentivou e priorizou o investimento na educação, em ciência e tecnologia. Mas, para que houvesse eficiência na prática dos planejamentos, desenvolvimento econômico para a região, era de suma importância tais apoios para as instituições científicas. É nessa perspectiva que essa obra é indicativa de sugestões e estratégias para uma política preservacionista associada à emergência da questão ambiental. Nesse período a nova geopolítica mundial não visava a apropriação direta de territórios, mas sim o poder de difundir a decisão dos Estados sobre o seu uso, bem como o papel que a Amazônia assumiu nesse contexto.

Traz a discursão sobre a super estima de preservação dos países desenvolvidos sobre a Amazônia, e critica a fim de mostrar a realidade desses países, que já fizeram o uso dos recursos naturais desenfreadamente, acarretando diversos contratempos naturais, como a escassez de água potável, do ar puro, da vegetação.

E, segundo Benchimol (2001) pretendem fazer uso dos recursos da Amazônia. Defende também, que se esses países têm interesse na preservação da floresta, devem pagar por isso, uma vez que é um sumidouro de carbono, ciclagem de água e biodiversidade seriam da ordem de 236 bilhões de dólares por ano pelo seu valor máximo, 38 bilhões de dólares pelo seu valor médio e de 12 bilhões de dólares pelo seu valor mínimo, ou seja, sendo um Imposto Internacional Ambiental como propõe Samuel Benchimol durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – a Rio 92, em face das dificuldades de encontrar a fórmula ideal de implantação política e distribuição de novos recursos financeiros aos diferentes países do mundo (BENCHIMOL, 2001).

O fundamento do Imposto Internacional Ambiental (I.I.A.) proposto e o fator gerador dessa obrigação tributária foram feitos com base no princípio do pagamento pelos poluidores (PPP), para inclusive, desestimular e penalizar as práticas danosas do meio ambiente, e recolhido à Tesouraria Ambiental da ONU, para atender outros objetivos. (BENCHIMOL, 2001, p. 67)

Assim, a administração dos tributos seria de responsabilidade da ONU, com a aprovação da Assembleia Geral e dos países membros que estabeleceriam os critérios de valor e distribuição para cada um dos países envolvidos, devendo aplicar quatro funções principais, penalizar os países poluidores, “porque eles ao gerarem externalidades negativas, não levaram em conta o custo de suas ações aos países vizinhos e aos demais” (BENCHIMOL, 2001, p. 68); criar grande fonte de recursos fiscais para o financiamento às grandes instituições científicas, ou seja, financiamento para Ciência e Tecnologia dessas instituições; realizar uma agenda positiva de projetos, pesquisa, tecnologia em todas as áreas de produção econômica com proteção ambiental na Amazônia, de forma a desenvolvê-la sem destruí-la, através de melhor qualificação, adensamento, descoberta, achado, invenção, gestão e supervisão da produção econômica e de fiscalização e cumprimento das leis ambientais (BENCHIMOL, 2001). Outra parte desse imposto internacional ambiental seria destinado, especificamente para cada país e região, de acordo com a sua capacidade de prestação de serviços ambientais.

Samuel Benchimol descreve as distinções da Amazônia, “trata-se de esforço gigantesco, pois no caso da Amazônia, a sua continentalidade tem um peso e grandiosidade universal e planetária” (BENCHIMOL, 2001, p.71), relata o tamanho territorial, a grande quantidade de água doce, da floresta, das espécies, a capacidade

de sumidouro do carbono, da população, a grande quantidade de povos indígenas, “o maior rio do mundo, com extensão de cerca de 7.200 km”. Portanto, a Amazônia tem valor, mas não tem preço, assim, tem um enorme custo de manutenção.

Nesse sentido, Samuel Benchimol entendia que esse investimento proposto, traria para a Amazônia o melhor da ciência e da produtividade mundial, bem como contribuiria para incorporar novos valores, atitudes e gestões em todos os campos da produção e proteção ambiental. Para ele, não seria um favor, mas uma forma de cooperação e retribuição, pois esses valores seriam o preço a ser pago pela maioria dos países do G-7 (***Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido - grifo da autora***), países mais industrializados do mundo, para cobrir a renúncia fiscal e o uso adequado dos recursos naturais e remunerar os serviços gratuitos.

Sendo assim, países dominadores e dominados são refletidos de forma unilateral e maniqueísta, surgindo, assim, um antagonismo e polarização de dois mundos distintos. Benchimol diz que “o subdesenvolvimento nadiresco não ocorre por acaso e por coincidência, mas sim produto de ações ou inações imemoriais, que os levaram a regressão, estagnação e pobreza” (BENCHIMOL, 2001, p. 84).

E relata o histórico da condição econômica amazônica e não somente, mas também sobre os países subdesenvolvidos, mostra que os fatores que contribuíram para o nadir-econômico. Benchimol (2001) mostra o possibilismo frente ao determinismo de Ratzel,

Ratzel, antigamente, dizia que *o solo regia o destino dos povos com uma cega brutalidade*, conceito esse modificado pelos geógrafos da escola possibilista, que acreditavam na inteligência humana para modificar e alterar esse tipo de escravidão dos solos pobres e de águas minguantes. (BENCHIMOL, 2001, p. 85)

Então, o primeiro fator para essa baixa social e econômica eram as crenças sobre os fatores climáticos e desastres meteorológicos que pelo seu intervalo de tempo, recorrência ou frequente periodicidade submete a população a problemas com a seca, ou mesmo grandes enchentes, a prática regular das atividades produtivas humanas.

Outro, era referente aos elementos de ordem espiritual e religiosa também, são fatores apontados pelo autor para explicar o “atraso e carência”, uma vez que os nobres, militares e sacerdotes eram privilegiados, mediante processo de extorsão,

discriminação, bem como o fator racial e de gênero; conforme Benchimol fizeram com que muitos africanos e indígenas fossem escravizados e perderem sua identidade cultural; esse mesmo problema é apontado pelo autor, no caso na classe de gênero, principalmente contra as mulheres (BENCHIMOL, 2001).

Ao considerar os fatores de atraso social-econômico, mostra as especificidades, ou seja, Benchimol regionaliza as Amazônias, destacando a questão de como deve-se “enfrentar o problema regional amazônico” frente as situações paradoxais e conflitantes, uma vez que a visão de “uniformidade de paisagens e ecossistemas” foram transmitidas pelas expedições e missões científicas que a definiram como um mundo de água, cercado por florestas (BENCHIMOL, 2001, p. 105). Benchimol corrobora,

Essa horizontalidade era produto da visão do olho humano, que não tinha, naquela altura, condições de alçar vôo e ver do alto o conjunto heterogêneo dessa grandeza continental. Na medida em que a tecnologia criou o domínio do espaço aéreo, através do avião e, em especial, dos satélites, foi possível ter uma visão do conjunto e das diferenças e peculiaridades dos diferentes ecossistemas que integram a vasta região (BENCHIMOL, 2001, p. 105).

Sendo assim, Benchimol destaca que foi possível visualizar e “encontrar diferenciações regionais humanas, geográficas, geológicas, econômicas, sociais, étnicas” (BENCHIMOL, 2001, p. 105), indicando claramente sua preocupação com a unidade entre os aspectos físicos e humanos. Destacando as diversas denominações dos lugares pelos indígenas, a maioria das plantas, animais e peixes foram identificados por esses povos, que tiveram sua língua modificada, em decorrência dos missionários. Em busca de condições para sua sobrevivência, os povos se instalavam às margens dos rios.

Nesse sentido, Benchimol declara que a Amazônia do ponto de vista geográfico, passou a ser “conhecida por diferentes regiões e localizações territoriais”. Desse modo, distinguiu essas várias sub-regiões, conforme descreve, “Amazônia Litorânea, Amazônia da Calha central, Amazônia Calha Norte, Amazônia Meridional da Calha Sul, Amazônia Guiano-Orinocense, Amazônia Cisandina e Amazônia do Cerrado” (BENCHIMOL, 2001, p.109).

A partir da noção grandiosa não somente sobre os aspectos físicos, mas também sobre os feitos humanos da região, incumbindo, portanto, a fiscalização através de órgãos que tivessem objetivos consistentes, e recursos para enfrentar a

grandiosidade dos custos e despesas para efetivar, propiciar e conciliar a globalização no tema ambiental, bem como, implantar sistemas econômicos produtivos sustentáveis. E essa sustentabilidade devia conciliar com o uso dos recursos naturais, estando dentro das perspectivas de interação entre as gerações, abrangendo, assim, não somente a população atual, mas também as populações futuras.

A preocupação com a valorização da revalorização da natureza, é vista conforme Becker (2004), no final do século XX,

Tornam-se mais acentuadas as feições da globalização, com a interconexão não só da economia e das finanças, mas também das arenas políticas nacional e internacional, a redefinição do papel do Estado, a revalorização da natureza, os financiamentos descentralizados, a velocidade acelerada de transformação das atividades e dos territórios por efeito das redes técnicas. [...]Verificou-se, entre 1980-2000, forte retratação dos investimentos produtivos do capital internacional, influenciado por bancos e agências, este se orienta para uma política preservacionista da região associada à emergência da questão ambiental (BECKER, 2004, p. 33-34).

Mas, todos esses discursos preservacionistas exibidos por Becker, como sendo parte da orientação à nova geopolítica mundial, que não mais visaria a apropriação direta dos territórios, todavia, o poder de difundir a decisão dos Estados sobre o seu uso. Nesse sentido, Benchimol, também concorda que esses posicionamentos não passavam de interesses dos países desenvolvidos, para se apropriarem dos recursos naturais por meio do “oferecimento” de sua tecnologia.

Sendo assim, Benchimol apresenta propostas face à necessidade de conciliação entre homem-natureza, para que houvesse no ponto de vista dele, o desenvolvimento sustentável da região. O autor admite que,

Existem inúmeras sugestões, projetos e programas para o desenvolvimento sustentável da Amazônia brasileira, muitos deles inviáveis e impossíveis de execução, ou pelo seu radicalismo, inexistência de fundos, verbas e financiamento para custear a sua implantação, ou porque muitos deles contêm algum poder agressivo em relação à preservação do meio ambiente, pelo seu impacto sobre a biosfera, biodiversidade, ou sobre os recursos minerais, hídricos e outros fatores naturais (BENCHIMOL, 2001, p. 145)

Assim, os programas propostos por Benchimol no setor energético, focalizavam a construção de hidrelétricas, de Tucuruí, por exemplo, que se ligaria a outro projeto, o qual atrairia novas empresas e investimentos em produtos, possibilitando a implantação de projetos de metalurgia, apoio a construção da hidrelétrica de Belo Monte, bem como a de Lajeado, no Estado de Tocantins. Em termos energéticos, a

província de Urucu, em Coari, no quesito transporte, a continuidade da construção da ferrovia (BENCHIMOL, 2001).

Assim, os programas propostos por Benchimol, abrangiam o setor energético, construções de hidrelétricas, Belo Monte, Tucuruí, Lajeado, no Tocantins. No transporte, a continuação da construção de rodovias na Amazônia Ocidental, em termos de transporte a manutenção das BR's. construção e manutenção de aeroportos.

No sistema educacional (ensino fundamental, médio e superior), o melhoramento da qualidade do ensino nas escolas e universidades públicas, apoio e incentivo com aporte financeiro para os centros de excelência com a finalidade de criar ciência e tecnologia com uso sustentável dos recursos da natureza, estudo do clima e das funções da floresta como sumidouro de carbono, ciclagem de água e fonte de biodiversidade (BENCHIMOL, 2001).

Outro setor fundamental se concentrava no setor de saúde, saneamento, água tratada, esgoto, tratamento do lixo, e dos diferentes tipos de doenças endêmicas ou não, prejudiciais a vida humana. Um programa também interessante apresentado por Benchimol, era o habitacional. Ele defendia, que deveriam ser criadas habitações para melhores condições de vida das famílias, bem como da melhora do transporte e a correta urbanização, evitando as ocupações irregulares.

Outra proposta considerada era referente a organização e eficiência dos órgãos públicos e empresas privadas, visando a qualidade e gestão, fazendo o uso dos padrões recomendados da ISO 9000, bem como o melhor uso dos recursos financeiros. E o último projeto proposto por Benchimol era no quesito mão de obra qualificada. Ele propunha que considerasse políticas de atração de imigrantes qualificados dos países desenvolvidos (BENCHIMOL, 2001).

Todas essas pautas propostas por Benchimol tinham a ver com a vontade da política nacional, mantendo, assim, a soberania do território brasileiro. Para tanto, Benchimol sugere a criação de uma Agenda Brasileira de Desenvolvimento Sustentável da Amazônia, que teria como função receber os recursos internacionais do Imposto Internacional para Amazônia da ONU, superintendendo a boa aplicação dessas finanças. Sendo assim, segundo Raffestin (1993), "Todos os recursos são ou podem ser instrumentos de poder."

Nessa perspectiva, esta obra tem como objetivo uma reflexão sobre o progresso tecnológico, propondo uma alternativa de desenvolvimento não somente

para a questão de uma geografia física, sobretudo, humana, ao mesmo tempo que sustenta uma visão holística-ecológica, concebendo ao ser humano não mais como um fim em si mesmo, mas também como parte de um todo.

Considerações Finais - O Além Depois

A pesquisa buscou responder um questionamento: existe um pensamento geográfico na obra de Samuel Benchimol? Um intelectual importante para a conformação da Geografia da Amazônia, embora não tenha sido um geógrafo de formação, sua obra indica riqueza de conteúdo, e conhecimentos específicos da Amazônia como região e como território, que o fazem geógrafo. Ressalta-se que é uma pesquisa exequível, porém, não fácil, exigindo muito fôlego e leitura de diversas obras, principalmente a vasta obra do autor que ultrapassam 30 livros.

Para tanto, resgatar a historiografia do pensamento, foi necessário desenvolver critérios teóricos, metodológicos e técnicos, para, então, realizar as análises das obras geográficas desse autor. Ao considerar sua produção científica, foi necessário buscar a vida intelectual, política, social e econômica da época em que o referido autor produziu suas obras, integrando-o num contexto mais amplo. Tornando básico buscar o essencial na obra, bem como a significância dos diferentes elementos que compõem o conjunto e as razões sociais ou individuais, que são expressas na “visão de mundo”, bem como a conjuntura da época.

Portanto, considerou-se para análise a conjuntura em que a obra e o autor se encontravam inseridos, o desenvolvimento da técnica das palavras-chave que caracterizam as ideias centrais, bem como o discurso de sua visão de mundo e a análise de conjuntura, juntamente com o referencial empírico contribuiu para a elaboração do referido estudo.

O período em que a obra de Samuel foi escrita, abrange um momento muito significativo na história, e conseqüentemente na geografia, no tempo e no espaço. Pós segunda guerra mundial, a efervescente migração, as discussões sobre o planejamento regional, a “integração da Amazônia” ao território nacional, ditadura militar, e as articulações entre os intelectuais geógrafos para o estabelecimento da Institucionalização da Geografia como curso superior, entre outros diversos acontecimentos foram cenários vivenciados por Benchimol. É interessante notar que nesse período a categoria de análise em voga, é justamente a “região” e posteriormente o “território”, sendo essas noções que caracterizam sua obra e de outros estudiosos da época.

O pensamento geográfico de Samuel Benchimol, primeiramente nos faz refletir, o quanto é importante entender a nossa própria natureza, a localidade onde constrói-se o dia-a-dia. Seus estudos sobre a região basearam-se na comparação das relações causais e na afirmação da importância dos métodos quantitativos, sua visão contribuiu para o desenvolvimento da região fundamentada em critérios naturais e humanos, bem como nos limites administrativos e políticos. Deste modo, sua preocupação como mediador do conhecimento propunha como procedimento de estudo, análise das questões físicas, relevo, clima, hidrografia, da população e suas atividades para a compreensão do todo.

Quando se observa a experiência de Benchimol desde seu nascimento, sua passagem pelo seringal até Miami, quando vai estudar para o mestrado em sociologia e economia. Percebe-se que nessas passagens estão contidas suas raízes afetivas, e cognitivas como acordo privado da ordem social e dos problemas enfrentados por sua classe no horizonte dos eventos que conduziram o Brasil, e especificamente a Amazônia, ao desenvolvimento.

Nessa perspectiva, sua obra pode ser vista e interpretada a partir do momento do convencimento de que a problemática sobre a Amazônia deveria ser vista como uma questão nacional, indicando, dessa forma, que seu regionalismo e nacionalismo não se reduziam a um discurso vazio, se tratava de um compromisso prático em retirar a Amazônia da condição de “atraso” e de “subdesenvolvimento” em que havia mergulhado após o ciclo da borracha.

Portanto, as pesquisas e análises de Samuel Benchimol são, majoritariamente regionais, como ele mesmo admite ao dizer que um professor de Geografia o influenciou a realizar os estudos regionais, “[...] Prof. Agnello Bittencourt, que me encaminhou desde cedo para os estudos regionais” (BENCHIMOL, 1977, p.150).

Para dar conta de um novo projeto de desenvolvimento, seria necessário o poder público se organizar a partir de novos princípios, deixando o federalismo rígido da Velha República, que resultou no esquecimento das regiões mais pobres do país e do liberalismo, que impedia o Estado de uma participação mais decisiva na resolução dos problemas econômicos nacionais.

Nesse sentido, Benchimol não apenas aponta as dificuldades, mas apresenta suas ideias e se arrisca em propostas geopolíticas, com enfoque em uma reorganização espacial. As noções geográficas para compreensão do pensamento de Benchimol foram fundamentais, uma vez que denotam os caminhos da obra no olhar

geográfico, e, assim, mostrando a geografia do Amazonas a partir de um autor que ainda não tinha sido analisado a partir da Geografia.

É interessante notar que Benchimol trata das relações coloniais, fundamentadas em ações do homem com a natureza, de onde é retirado o necessário para a vivência do grupo, bem como os conflitos territoriais. Essas sociedades que estavam organizadas para viver de forma simples, acabam entrando num contexto conflituoso com a chegada dos colonizadores, e em seguida os nordestinos, judeus, gaúchos, que passam a ser mediados por interesses, abordando as questões de territorialização, desterritorialização e reterritorialização aplicadas aos povos, que advinham para a Amazônia e necessitavam reterritorializar-se,

Destaca as peculiaridades da região amazônica, e não somente, mas, que dentro dessa região existem subdivisões que são diferentes, possuem singularidades e reconhece a dificuldade para se planejar um desenvolvimento socioeconômico, que abranja essa imensidão, porém, se arrisca, e claro, como ele mesmo confessa, é réu de contradições,

O meu escrever e os textos que criei, produzi e publiquei nessa mais que cinquentenária jornada – a maioria sob forma reprográfica e edições de tiragens extremamente minguadas e diminutas – foram mudando com a passagem do tempo e, por isso, sou réu confesso de contradições, ambiguidades e equívocos. Não importa, pois todos revelam as diferentes fases de minha vivência e experiência amazônicas (BENCHIMOL, 2009, p. 9)

Nas obras de formação do pensamento (1944-1977), Benchimol defende ideias como o desmatamento de uma grande parte da floresta para criação de gado na Amazônia, posteriormente reconhece, e já não mais defende a ideia. Samuel Benchimol nesse primeiro momento defendia o pensamento mais racional, um exercício frio e geométrico do racionalismo cartesiano, conforme aponta Pascal.

Contudo, num segundo momento, nas obras de maturidade (1978-2001), dedica-se a expressar não somente a valorização da região amazônica, mas também focalizando o planejamento regional Becker (2004), e ao desenvolvimento sustentável, entretanto, defendia a ocupação humana inteligente, a partir da consideração de cinco condicionantes “economicamente viável, ecologicamente adequada, politicamente equilibrada, socialmente justa e tecnologicamente eficiente, moderna e menos invasiva justa (BENCHIMOL, 1999). Articulador nos debates referentes ao tema, questão regional, e participante ativo dos encontros e das

reuniões de nível mundial, mostrando suas propostas de valorização e de desenvolvimento sustentável para a região.

A produção científica de Samuel Benchimol sobre a Amazônia mostra a profundidade de seus conhecimentos referente a complexidade do ecossistema amazônico, fundamentou suas pesquisas no reconhecimento da educação, na criatividade, compromisso, espírito empreendedor - talvez esse tenha sido um dos motivos para o reconhecimento da região, conhecer para dominar – e o rigor metodológico para a viabilização de um projeto de desenvolvimento sustentável, que tivesse como pressuposto “a melhora da qualidade de vida de todas as espécies do meio ambiente” (BENCHIMOL, 2001).

A produção do espaço se dá através do uso das técnicas, segundo Milton Santos nos aponta, e são nesses espaços sobrepostos, que se dão as relações homem-natureza não de forma individual, mas que devem coexistir, num processo de cooperação.

Esse mundo teria por objetivo proteger a natureza, o homem e a sociedade, e com a ajuda da ciência e da tecnologia criar meios e modos para produzir sem poluir, desenvolver novas técnicas de uso, manejo, regeneração e enriquecimento florestal, uso adequado do solo, das águas, criar um ar limpo, livre da poluição atmosférica e das mudanças perversas dos efeitos climáticos e dos efeitos destruidores de uma tecnologia energética invasiva, produtora de poluentes e destruidoras de recursos naturais (BENCHIMOL, 1999, p. 11)

A conformação do pensamento geográfico na obra de Samuel Benchimol é vista a partir dessa pesquisa, a partir das noções geográficas contidas na obra do autor; verificou-se, portanto, que há um pensamento geográfico, uma vez que ele denota características caras a geografia, são as categorias região e território, apresentando todo o contexto histórico de formação da Amazônia, tanto como região como território, acarretando ao que é hoje em dia.

Quando apresenta as peculiaridades regionais a partir da formação Social e Cultural da Amazônia, relata concomitante a questão territorial dos povos já existentes, e os que adentravam na região, todavia, faz questão de descrever o papel de cada um desses agentes na construção do povo. Nesse sentido, ressalta que essa multidiversidade cultural e humana da região, saiu enriquecida, influenciando nos hábitos, costumes, culinária, falas, danças, canções, folclore e lendas, estas fazendo parte da herança regional.

Nessa perspectiva, analisar a obra desse autor amazônida, é de grande riqueza, posto que contribui para a ciência geográfica, como uma geografia da Amazônia, e mais do que nunca sendo necessárias as análises dessa região, embora, haja discursos não muito convincentes e incoerentes do autor, como as construções de hidrelétricas, estradas, o controle de natalidade, descritos como propostas para o crescimento econômico e social da Amazônia, tendo em vista as questões em contrapartida dos povos indígenas, do desmatamento e desigualdade social. Contudo, apresentam consideráveis discursões referentes ao melhoramento social, econômico e natural da região amazônica.

Benchimol no processo de produção de conhecimento sobre a Geografia do Amazonas e da Amazônia apresenta as noções de região e território, que aparecem na obra, de modo a se considerar sua contribuição ao pensar essas categorias geográficas de análise para além de suas intencionalidades voltadas ao planejamento social, econômico e político. Observa-se nele um olhar sobre o passado, o presente, de modo a projetar o futuro.

Benchimol parece deixar um desejo: deixou um legado na forma de escritos e de ações em prol de melhorias para a Amazônia, resta as gerações atuais e futuras a discussão em defesa de políticas que visem o desenvolvimento da região e do território de modo a beneficiar o homem e a natureza em conjunto.

Referencial Bibliográfico

ALMEIDA, Maria Ariádina Cidade. Identidade em Construção: História e Memória de Judeus no Amazonas. Dissertação (Dissertação em História) – Universidade Federal do Amazonas, 2012.

ALVES, Valderiza de Almeida. O Ciclo da borracha na Amazônia: nas linhas da História e nas entrelinhas da literatura. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522171537.pdf. Acesso: 24 de abril de 2019.

BARROS, José D'Assunção. História das Ideias – em torno de um domínio historiográfico. Locus: *Revista de História*, Juiz de Fora, v.13, n. 1, p. 199-209, 2007.

BAZE, Abrahim. Samuel Isaac Benchimol – ensaio biográfico de um educador e empresário. Manaus: Vale, 2010.

BECKER, Bertha Koiffmann. Amazônia. Série Princípios. São Paulo, ÁTICA, 1990.

BECKER, Bertha Koiffmann. Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BECKER, Bertha; EGLER, C. Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. Amazônia: a guerra na floresta. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1992.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. Eretz Amazônia - os Judeus na Amazônia. Editora Valer. Ano 1998.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. Amazônia: formação social e cultural. 1ª ed. Manaus: Valer/ Universidade do Amazonas, 1999.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. Amazônia: formação social e cultural. 3ª ed. Manaus: Valer/ Universidade do Amazonas, 2009.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. Amazônia: Quatro Visões Milenaristas. Belém; Banco da Amazônia, 1999.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. Amazônia: um pouco antes, além depois. Umberto Calderaro. 1977.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. Estrutura Geo-social e econômica da Amazônia. Vol. 1, Manaus: edições governo do Estado do Amazonas, 1966.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. Estrutura Geo-social e econômica da Amazônia. Vol. 2, Manaus: edições governo do Estado do Amazonas, 1966.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. Zênite ecológico e Nadir econômico-social: Análises e propostas para o desenvolvimento sustentável na Amazônia. Manaus: Valer, 2001.

BERNARDES, Antônio. *Quanto as categorias e os conceitos*. *Revista Formação Online*, n. 18, volume 2, p. 39-62. jul/dez., 2011.

BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. In SORJ, B. org. Identidades judaicas no Brasil contemporâneo [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 25-57.

BOMFIM, Paulo Roberto de Albuquerque. A Ostentação Estatística (um projeto político para o território nacional: Estado e planejamento no período pós-64). São Paulo: USP, 2007.

BRAY, Silvio Carlos. A visão do mundo de Pierre Deffontaines e a ideologia da cultura brasileira nos anos 30. *Revista de Geografia de Rio Claro*, vol. 18, nº 2. 1993.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. História da Psicologia: Pesquisa, formação, ensino. Edição Online da Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edlstein de Pesquisas Sociais – www.bvce.org. 2008. Acesso: 11 de junho 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). *Novos caminhos da Geografia*, 5ª ed., São Paulo, Contexto, 2007.

CARVALHO, Antônio Alfredo Teles de. *O pão nosso de cada dia nos dai hoje... Josué de Castro e a Inclusão da Fome nos Estudos Geográficos no Brasil*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2007.

CASTRO, Iná. E.; GOMES, Paulo Cesar da. C.; CORRÊA, Roberto. L. (orgs.) *Geografia: Conceitos e Temas*. 2ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. Uma revisão sobre o conceito/ categoria de território. *Revista de Geografia (UFPE)* V. 31, Nº. 3, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a paisagem e o passado. *Espaço Aberto, PPGG - UFRJ*, V. 4, N.1, p. 37-46, 2014

CUNHA, Lúcia Carvalheira; GASPARG, Lúcia; SILVA, Virgínia Barbosa da. E torno do Seminário de Tropicologia, 1966-2001: Uma contribuição histórico-bibliográfica. *Ciência & Trópico*, 2010.

DEAN, Warren. A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica. São Paulo: Nobel, 1989.

DOLLFUS, Olivier. *O Espaço Geográfico*. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1982.

DONÁRIO, A.; SANTOS, R. Keynes e o Keynesianismo: uma visão crítica. Universidade Autónoma de Lisboa. Janeiro de 2016.

FABRÍCIO, Deyse Cristina Brito; VITTE, Antônio Carlos. Paul Vidal de La Blache e a Geografia francesa: do contexto histórico às monografias urbanas. Revista História, Arte e Cidade, n. 6, jan./jun. pp. 301-331, 2011.

FARIAS, Elson. Nova Terra da promessa - a Amazônia de Samuel Benchimol. Manaus: Valer, 2010.

FERNANDES, Bernardes Mançano. Os campos da pesquisa em educação do campo: Espaço e território como categorias essenciais. In: Molina, Mônica Castagna. Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

FERREIRA DE CASTRO. A selva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 15. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

FURTADO, Celso. O Mito do desenvolvimento econômico. São Paulo: Círculo do Livro S.A, S/D.

GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982

IBGE: Território Brasileiro e povoamento, regiões de origem dos imigrantes judeus, Disponível em <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/judeus/regioes-de-origem-dos-imigrantes-judeus.html>> Acesso em 09/03/2021

IHGB: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sócios falecidos brasileiros: Agnello Bittencourt. Disponível em <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ABittencourt.html>> Acesso em: 27/05/2021

KOHLHEPP, Gerd. Conflitos de Interesse no ordenamento territorial da Amazônia brasileira. Estudos avançados, vol. 16 nº 45, São Paulo Maio/Agosto. 2002.

KOHLHEPP, Gerd. Hilgard O'Reilly Sternberg, um pioneiro nas pesquisas das questões ambientais no Brasil. Revista Espaço aberto, PPGG – UFRJ, Rio de Janeiro, V. 7, n.1, p. 7-21, 2017.

LEFEBVRE, Henri. de Etal. Les conadictions de l' État moderne. Paris, UGE, 1978. p. 259.

LENCIONI, Sandra. Região e Geografia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

MASULO, Manuel e NOGUEIRA Ricardo. Desmistificando o "regional". Jornal do Comércio. Manaus, 1986.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. Território e história do Brasil. São Paulo: Hucitec, 2002.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na Geografia e sua relação com o conceito de cultura. *GeoTextos*, vol. 6, n. 2, p. 163-186, dez. 2010.

NASCIMENTO Jr. Francisco das Chagas do. A formação espacial Brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da Geografia do Brasil. *Revista de Geografia (Recife)* V. 33, nº 2, 2016. <https://www.revista.ufpe.br/revistaageografia>
Acesso: 19/03/2021

OLIVEIRA JÚNIOR, Antônio de. Amazônia: paisagem e região na obra de Eidorfe Moreira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 3, p. 569-581, set.-dez. 2015.

OLIVEIRA, Claudemilson Nonato Santos de. A Kipá e o Cocar: A rede intercomunitária judaica na estruturação urbana de Itacoatiara. Manaus: UFAM, 2019.

PEREIRA, Edir Augusto Dias. Traços da mundivivência geográfica de Eidorfe Moreira. *Terra Brasilis (Nova Série)* Vol. 10, 2018.
<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2873>

PEREIRA, José V. da C. Princípios de uma geografia humana e econômica das regiões tropicais. *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 9, nº 4, pp.565-574, 1947.

PINTO, José Maria (Org). *Águas do dia e da noite: estudos sobre a poesia, a ficção e a ensaística de Elson Farias*. Manaus: Reggo/ Academia Amazonense de Letras, 2019.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática S.A. 1993.

RANGEL, Alberto. *Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas*. 6. ed. Manaus: Editora Valer, 2008

SALGADO, David e Elias. *História e Memória: judeus e Industrialização no Amazonas. Amazônia judaica*, 2015.

SANTOS, MILTON. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. Hucitec. São Paulo, 1988.

SANTOS, Milton. *O trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SILVA, Armando Corrêa da. As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico *in* SANTOS, M.; SOUZA, M.A. (Orgs.). *O Espaço Interdisciplinar*. São Paulo: Nobel, 1986.

SILVA, José Borzacchiello da; SILVA, Cícero Nilton Moreira da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (org.). Território: modo de pensar e usar. Fortaleza: edições UFC, 2016.

SILVA, Ricardo Oliveira da. História das Ideias: abordagens sobre um domínio historiográfico. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS*, Vol. 7 nº 13, julho de 2015. DOI:<http://dx.doi.org/10.14295/rbhcs.v7i13.300>

SOARES, Lúcio de Castro. Delimitação da Amazônia para fins de planejamento econômico. *Revista Brasileira de Geografia*, Vol. 10, nº 2, pp.163-210, 1948.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TUAN, Yi-fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

APÊNDICE

Índice Remissivo

Livro: **Zênite ecológico Nadir econômico-social**

Lugar:

Território: 19; 81, 125, 126, 127, 128, 129,160, 182, 186

Paisagem: 71, 105, 194,

Espaço:88,

Região: 29, 30, 50, 55, 61, 62, 71,73,74,75,76, 81, 84, 90, 95, 96, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 117,118, 121, 129, 135, 143,145, 147, 151,153, 155, 156, 160, 163, 165, 167, 171, 182, 184, 186, 189, 191, 193, 194, 195, 197.

Livro: **Amazônia: formação social e cultural 3ª ed. 2009**

Lugar: 29

Território: 107, 225, 269, 289, 298, 346, 400, 481, 482, 505,

Paisagem: 196

Espaço:26

Região: 7, 13, 14, 18, 19, 20, 26, 29, 55, 73, 74, 82, 89, 93, 94, 96, 108, 110, 149, 153, 154, 156, 157, 165, 194, 230, 232, 237, 245, 252, 255, 259, 260, 274, 301, 303, 304, 305, 310, 312, 315, 318, 319, 322, 323, 331, 352, 376, 395, 398, 409, 410, 418, 419, 420, 424, 447, 449, 453, 454, 464, 467, 468, 475, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 498, 499, 508, 509, 510, 511.

Livro: **Amazônia: um pouco-antes e além-depois 1ed. 1977**

Lugar: 114, 148, 195,

Território: 100,101,217, 250, 354, 440

Paisagem: 144,171, 172, 173, 185, 186, 187, 188, 189, 195, 225, 427, 430, 431

Espaço: 119,

Região: 91, 100, 152, 162, 167, 193, 202, 205, 206, 213, 214, 217, 224, 349,350, 352, 353, 359, 429, 431, 432, 433, 460,

Livro: **Estrutura Geo-social e econômica da Amazônia vol. 1**

Lugar:

Território: 22, 24, 28, 35, 55, 56, 68, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 175, 176, 177,

Paisagem: 24, 120,

Espaço: 21, 24, 25,

Região:21, 23, 25, 28, 30, 32, 37, 40,60, 62, 65, 73, 83, 87, 104, 118, 119, 123, 127, 128, 131, 133, 137, 138, 143, 146, 147, 148, 151, 152, 155, 158, 160, 167, 171, 172, 173, 176, 178.

Livro: **Estrutura Geo-social e econômica da Amazônia vol. 2**

Lugar:

Território: 58, 68, 88, 94, 98, 114, 124

Paisagem:

Espaço:

Região: 23, 26, 27, 30, 37, 40, 41, 42, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 84, 85, 98, 99, 101, 105, 114, 118, 120,

Livro: Amazônia: quatro visões milenaristas

Lugar:

Território: 20, 21, 63, 64,

Paisagem: 43,

Espaço:

Região: 9, 12, 15, 16, 20, 22, 23, 24, 25, 45,

Lista da obra de Samuel Benchimol

Levantamento das seguintes obras publicadas no primeiro período (1942-2001) junto a Biblioteca Samuel Benchimol:

1. Roteiros da Amazônia. Conferência pronunciada na Faculdade de Direito de Recife, in Caderno Acadêmico, Ano II, nº. 3, Recife, 1942, 8p.
2. Versos dos Verdes Anos (1942-1945). Poemas e haicais escritos no período de 1942-1945 (inéditos). 9 p.
3. Quarto Centenário do Descobrimento do Rio Amazonas: Diário de uma viagem pelo Rio Solimões até Iquitos. Inédito, Manaus, 1942, 50 p.
4. O Bacharel no Brasil – Aspectos de sua influência em nossa História Social e política. Manaus: Ed. Livraria Clássica, 1946, 33p.
5. O cearense na Amazônia – Inquérito Antropogeográfico sobre um tipo de Imigrante. Prêmio José Boiteux do X Congresso Brasileiro da Geografia (1944). 1ª Edição, Conselho Nacional de Imigração e Colonização, Imprensa Nacional, Rio, 1946, 89p. 2ª Edição, SPVEA, Coleção Araújo Lima, Rio de Janeiro, 1965, 87 p., 3ª Edição, Manaus: Imprensa Oficial, 1992, 304 p.
6. O aproveitamento das Terras Incultas e a Fixação do Homem ao Solo. In Boletim Geográfico, Conselho Nacional de Geografia, Ano IV, nº 42, Rio de Janeiro, 1946, 38p.
7. The next war: book-report. Monografia de Pós-Graduação, Miami University, mimeo, 1946, 11 p.
8. Capitalism, the creator: a book-report. Monografia de Pós-Graduação, Miami University, 1947, 5p.
9. History of economic through: an outline. Monografia de Pós-graduação, Miami University, 1947, 17p.
10. Industrialization and foreign trade in Brazil. Monografia de Pós-Graduação, Miami University, 1947, 11p.
11. Manaus: The Growth of a City in the Amazon Valley. Tese de Mestrado para obtenção do Master Degree em Economia e Sociologia, por Miami University, Oxford, Ohio, USA, 1947, 165p.

12. Sociology in Brazil and in the U.S. – A Comparative Study. In *Sociology and Social Research*, Vol. 32, nº. 2, Los Angeles, Califórnia, 1947, 27 p.
13. Diário de um estudante da Miami University, Oxford, Ohio, e de um viajante pelos Estados Unidos (1946/7), inédito, 174 p.
14. Ciclos de Negócios e Estabilidade Econômica – Contribuição ao Estudo da Conjuntura. Tese de Doutorado – Concurso à Cátedra de Economia Política da Faculdade de Direito do Amazonas. Manaus: Tipografia Fenix, 1954, 152 p.
15. Planejamento do Crédito para a Valorização da Amazônia: situação histórica e atual do crédito no Amazonas, política de crédito necessária à mobilização, e medidas complementares e colaterais. Relatório apresentado pela Subcomissão de Crédito e Comércio, da Comissão Coordenadora dos Subsídios do Estado do Amazonas para o Plano Quinquenal da Valorização da Amazônia, da qual foi Presidente e Relator. Manaus, 1954, 25 p.
16. Relação entre a Economia e o Direito. In. *Revista da Faculdade de Direito do Amazonas*, nº 3, Manaus, 1955.
17. Inflação e desenvolvimento Econômico. Manaus: Tipografia Fenix, 1956, In *Revista do Serviço Público do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP)*, vol. 73, Rio de Janeiro, 1956, 24 p.
18. Problemas de Desenvolvimento econômico – com especial referência ao caso amazônico. Manaus: Editora Sergio Cardoso, 1957, 83 p.
19. O Banco do Brasil na Economia do Amazonas. Edição SPVEA, Coleção Araújo Lima, Rio de Janeiro, 1958, 16 p.
20. Investimento & Poupança – Inquérito sobre a Pobreza das Nações. In *Revista da Faculdade de Direito do Amazonas*, nº 7, Manaus, 1960.
21. Pólos de Crescimento da Economia Amazônica: Aspectos Espaciais, Temporais e Institucionais. In *Cadernos CODEAMA*, nº 2, Manaus, 1965, 42 p.
22. Pólos de Crescimento e Desenvolvimento Econômico. Manaus: Editora Sergio Cardoso, 1965, 42 p.
23. Estrutura Geo-Social e Econômica da Amazônia. Dois volumes, edições do Governo do Estado do Amazonas, Série Euclides da Cunha, Manaus: Editora Sergio Cardoso, 1966, 1º vol. p. 186; 2º vol., 500 p.
24. Projeto ETA-54 da heveicultura do pós-guerra. Brasília, Congresso Nacional, 1970. Depoimento prestado à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI-49/67)

- da Câmara dos Deputados. Diário do Congresso Nacional, Suplemento (Resolução nº 114, de 1/5/1970, 7 p.
25. Política e Estratégia na Grande Amazônia Brasileira. Edições Faculdade de Direito do Amazonas, 1968, 16 p.
 26. Variáveis e Opções Estratégicas para o Desafio Amazônico. Manaus, 1969. Conferência proferida a bordo do Navio Lauro Sodré aos alunos da Escola Naval de Guerra.
 27. A Planetarização da Amazônia. Jornal A Notícia, Manaus, 1972.
 28. Amazônia: Mensagem a um Desafio. Congresso das Classes Produtoras – CONCLAP, no Rio. Revista da Associação Comercial do Amazonas, 1972.
 29. Polarização e Integração: dois processos do desenvolvimento regional. Manaus, 1972. Conferência proferida aos estagiários da Escola Superior de Guerra, na sede do Comando Militar da Amazônia.
 30. A Pecuniarização da Amazônia; A Ameaça e o Desafio do Mega-boi no Processo de Ocupação da Amazônia. Jornal A Crítica, Manaus, 11/8/1974, e Jornal Estado de São Paulo de 08/9/1974. Conferência Proferida na Comissão de Valorização da Amazônia, da Câmara dos Deputados 10 p.
 31. Amazônia: um Pouco-Antes e Além-Depois. Manaus: Editora Umberto Calderaro, edição Universidade do Amazonas e CODEAMA, 1977, 840 p.
 32. Projeto Geopolítico Brasileiro de Libertação e Desenvolvimento – A Formação e Reorganização do Espaço Político. Edição especial do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, Manaus, 1977, 197 p.
 33. Política Fiscal. Manaus: Edição Universidade do Amazonas, Faculdade de Estudo Sociais, Departamento de Direito Público, 1978, 438 p.
 34. O Pacto Amazônico e a Amazônia Brasileira. Manaus: Edição Universidade do Amazonas, Faculdade de Estudos Sociais, 1978, 43 p.
 35. Petróleo na Selva do Juruá – O Rio dos Índios Macacos. Manaus: Edição Universidade do Amazonas, Faculdade, junho/1979, 342 p.
 36. A Duodécima 80/90 – Reflexões e Cenários Amazônicos. Universidade do Amazonas, junho/1979, 103 p.
 37. Uma oikopolítica para a Amazônia. Simpósio Nacional da Amazônia, Câmara dos Deputados, 1979, 106 p.
 38. Metodologia e Diretrizes para um Plano de desenvolvimento Regional. Palestra realizada no Comando Militar da Amazônia, Manaus, 24/abril/1980, 3 p.

39. O Desenvolvimento do Médio e Baixo Amazonas: uma prioridade regional. Palestra na 3ª Convenção Amazônica do Comércio Lojista, Santarém, junho/1980, 7 p.
40. O Curumim na Amazônia. Conferência pronunciada na instalação do Curso Nestlé de Atualização em Pediatria, realizada no Teatro Amazonas, Manaus, agosto/1980, 12 p.
41. Tendências, Perspectivas e Mudanças na economia e na sociedade Amazônica. Manaus, 1980, 26 p.
42. Amazônia: Andanças e mudanças. Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso, 1981, 167 p.
43. Amazônia Legal na Década 70/80: Expansão e Concentração Demográfica. Manaus: Edição Universidade do Amazonas, julho/1981. 167 p.
44. A Floresta tropical úmida: aspectos ecológicos. In Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 29/9/1981, 10 p.
45. A questão amazônica. In Encontro Inter-regional de Cientistas Sociais do Brasil, Manaus, 1981. 8 p.
46. Population Changes in the Brazilian Amazon. In The Frontier after a decade of colonization. Manchester University Press, 1985, 14 p.
47. Cartas do Primeiro Governador da Capitania de São José do Rio Negro – Joaquim de Melo e Póvoas. Manaus: Universidade do Amazonas, 1983, 30 p.
48. Introdução aos Autos da Devassa dos Índios Mura (1938). Apresentado ao 45º Congresso Internacional de Americanistas, Bogotá, 1985. Edição xerox, Manaus, 1985. Publicado nos Anais de la etnohistoria del Amazonas, Universidad de los Andes, Bogotá, 1985. Tradução em espanhol editada por Beatriz Angel e Roberto Camacho in Los meandros de la Historia em Amazonia. Quito, Abya-Yala, 1990, 50 p.
49. Cobras e Buiúçus na Praça dos Remédios. Edição xerox, Manaus, 1985, 20 p.
50. Grupos culturais na Formação da Amazônia Brasileira e Tropical. Apresentado ao II Encontro Regional de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco, Manaus, 1985, 31 p.
51. Política Florestal para a Amazônia Brasileira: Projeto no Congresso. Jornal A Crítica, 9/2/1985, 8 p.
52. O encantamento de Gilberto Freyre. In Ciência & Trópico, Recife, v. 15, nº 2, jul/dez/1987. In Caderno de Cultura, Brasília, ano 2, dez/1988, 4 p.

53. Amazônia Fiscal – Uma Análise da Arrecadação Tributária e seus Efeitos sobre o Desenvolvimento Regional. Manaus: Edição Instituto Superior de Estudos da Amazônia – ISEA, 1988, 179 p.
54. Extrativismo, agricultura e indústria na Amazônia: seringa, roça e fábrica – um trilema? In Seminário de Jornalismo Econômico da Amazônia, Manaus, 1988.
55. Manual de Introdução à Amazônia: programa, bibliografia selecionada, notas, mapas, quadros, material de leitura para análise, crítica e reflexões. Manaus, 1988, 226 p.
56. The Free Trade Zone of Manaus – Assessment and Proposals. Paper presented to the 46th International Congress of Americanists, Amsterdam, Holland, 1988. 49 p.
57. Zona Franca de Manaus: A Conquista da Maioridade. The Manaus Free Trade Zone: Coming of Age. São Paulo: Edição bilíngue português/inglês Suframa/Sever & Bocato, 1984, 128 p.
58. Amazônia: Quadros Econômicos da Produção. Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito da Amazônia no Senado Federal. Brasília: Centro Geográfico Senado Federal, 1989, 83 p.
59. Amazônia: Ecologia e Desenvolvimento. In Encontro dos Empresários da Amazônia, Manaus, 1989.
60. Amazônia: Planetarização e Moratória Ecológica. São Paulo: Edição Universidade Paulista/ Cered, julho/1989, 144 p.
61. Geo, Bio, Eco e Etno-diversidades na Amazônia. Apresentado ao Congress Amazon: Needs, Researches and Stratégics for self-sustained development. Patrocínio CNPq/MEC/PNUD/IBAMA/UNIP. Manaus, 1989, 17 p.
62. Manaus na década dos anos 40. In Seminário Manaus: uma cidade e seus problemas, Manaus, 1989. Seminário promovido pela Secretaria Municipal de Ação Comunitária, da Prefeitura Municipal de Manaus, no período de 11 a 15.12.89. 10 p.
63. O Imposto Internacional Ambiental e a Poluição Nacional Bruta. Manaus: Edição da Universidade do Amazonas, 1990, 10 p.
64. Desequilíbrios regionais com ênfase na Amazônia. Manaus, 1990. Palestra proferida na Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 8 p.
65. Trópico e Meio Ambiente. Trabalho apresentado ao Seminário de Tropicologia, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, maio/1990, 18 p.

66. Finança Pública na Amazônia Clássica: quadros e rodapés (1º semestre de 1990). Trabalho apresentado ao I Encontro de Economistas da Amazônia, Belém, agosto/1990. 39 p.
67. Internacional Symposium on Environment Studies on Tropical Rain Forest (Forest 90), Manaus, 1990. Participação como debatedor da pesquisa The rubber development schemer of the United States in the Brazilian Amazon, 1945-1956, do professor Warren Dean, da New York University.
68. Africanização econômica e balcanização ecológica da Amazônia. Manaus, 1991. Depoimento prestado à Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Internacionalização da Amazônia, da Câmara dos Deputados, 8 p.
69. Amazônia e a Eco-92. In Simpósio sobre a Amazônia, Belém, 1991, 5 p.
70. Amazônia Interior: Apologia e Holocausto. Edição mimeo, Manaus, abril, 1991, 23 p.
71. A recessão na Zona Franca de Manaus: africanização e balcanização. Jornal A Crítica, Manaus, 29/set/1991, 10 p.
72. Tropics and Environment: world contribution of the tropical and amazonian biodiversity. In Congresso Internacional de Americanistas, New Orleans, 1991. 1 p.
73. Tributos na Amazônia: Tesouro Federal, Seguridade Social, Fazenda Estadual – Exercício 1990 e janeiro-julho 1991, Edição mimeo, Manaus, outubro/1991, 72 p.
74. Romanceiro da Batalha da Borracha. Manaus: Edição Imprensa Oficial, 1992, 304 p.
75. Eco-92: Borealismo Ecológico e Tropicalismo Ambiental. Trabalho apresentado à Fundação Joaquim Nabuco e ao Instituto de Tropicologia, Recife, março/1992. 16 p.
76. Amazônia: Crise no Erário e na Economia. Trabalho apresentado à Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas, em 18 de maio de 1992. Edição mimeo, Manaus, maio/1992, 53 p.
77. Amazônia: A Guerra na Floresta. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, junho/1992, 392 p.
78. Impactos Econômicos da Ocupação da Amazônia e Perspectivas. In Seminário Alternativas para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia, organizado pelo

Núcleo de Políticas e Estratégias da Universidade de São Paulo, para o Fórum Global-ECO-92, Rio, 12 de junho de 1992, 5 p.

79. Fatores atuais dos desequilíbrios e alternativas de desenvolvimento na Amazônia Ocidental. Trabalho apresentado à Comissão Mista do Congresso Nacional para o Estudo do Desequilíbrio Econômico Inter-Regional Brasileiro, no Auditório da Suframa, Manaus, 3 de setembro de 1992, 42 p.
80. A Amazônia e o Terceiro Milênio. Trabalho apresentado ao Fórum Internacional de Direito O Homem, o Estado, a Justiça: Perspectiva do Terceiro Milênio, promovido pela Academia Amazonense de Letras Jurídicas, Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas e as Associações de magistrados, realizado em Manaus, no período de 7 a 11 de dezembro de 1992. Edição xerox, janeiro 1993, 17 p.
81. Uma ocupação Inteligente da Amazônia. Trabalho apresentado ao Fórum Beyond ECO-92: Global Change, The Discouse, The Progression, The Awareness. Patrocínio da Unesco, ISSC, ICSU, Secretaria de Ciência e Tecnologia e Governo do Estado do Amazonas, realizado em Manaus, no período de 10 a 13 de fevereiro de 1993, 5 p.
82. Grupo Empresarial Bemol/Fogás: Lembranças e Lições de vida. Edição xerox, Manaus, novembro 1993, 146 p.
83. Fisco e Tributos na Amazônia – 1993. Edição xerox, Manaus, Março 1994, 110 p.
84. O Homem e o Rio na Amazônia: uma abordagem eco-sociológica. Trabalho apresentado ao 48º Congresso Internacional de Americanistas, Stockholm, julho de 1994 – Edição xerox, 1994, 8 p.
85. Os Índios e os Caboclos na Amazônia: uma herança cultural-antrópologica. Trabalho apresentado no 48º Congresso Internacional de Americanistas, Stockholm, julho de 1994 – Edição xerox, 1994, 13 p.
86. Esboço de uma Política e Estratégia para a Amazônia. Edição xerox, Manaus, 1994, 27 p.
87. Manáos-do-Amazonas: Memória Empresarial. Manaus: Edição Governo do Estado/Universidade do Amazonas/Associação Comercial do Amazonas, 1994, 373 p.

88. Judeus no ciclo da borracha. Trabalho apresentado no I Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos da Universidade do Rio de Janeiro, no período de 24 a 26 de outubro de 1994. Manaus: Edição Imprensa Oficial, 1995, 97 p.
89. Amazônia Fiscal – 1994: Bonança e Desafios. Manaus: Edição Imprensa Oficial, janeiro 1995, 192 p.
90. Navegação e Transporte na Amazônia. Manaus: Edição Imprensa Oficial, julho 1995, 80 p.
91. Exportação e Exportadores da Amazônia Legal em 1994. Manaus: Edição Imprensa Oficial, setembro 1995, 80 p.
92. Amazônia 95: Paraíso do Fisco e Celeiro de Divisas. Manaus, março 1996, 142 p.
93. Exportação da Amazônia Brasileira – 1995/1994. Manaus: Edição Universidade do Amazonas, Federação das Indústrias do Amazonas, Federação do Comércio do Amazonas, SEBRAE/ Amazonas e Associação Comercial do Amazonas, junho 1996, 199 p.
94. Manual de Introdução à Amazônia. Manaus: Coedição Universidade do Amazonas e Associação Comercial do Amazonas, agosto 1996, 320 p.
95. Exportação da Amazônia Brasileira – 1996/1995. Trabalho apresentado no 49º Congresso Internacional de Americanistas, Quito, Equador, julho 1997. Manaus: Edição Universidade do Amazonas e SEBRAE/ Amazonas, março 1997, 109 p.
96. A Amazônia e o Terceiro Milênio: Antevisão. In O Brasil no Terceiro Milênio – O livro da Profecia, Brasília: editado pelo Senado Federal, Centro Gráfico – CEGRAF, 1997, 16 p.
97. Amazônia 96: fisco e contribuintes. Manaus: Universidade do Amazonas, 1997, 193 p.
98. Zona Franca de Manaus: Pólo de Desenvolvimento Industrial. Manaus: Edição Universidade do Amazonas, Federação das Indústrias do Amazonas e Associação Comercial do Amazonas, junho 1997, 67 p.
99. Os últimos dias de Pompéia: Uma Ladainha e um Novo Modelo para a Zona Franca de Manaus. Edição reprográfica. Manaus, dezembro 1997, 23 p.
100. Amazônia: Formação Social e Cultural. Edição Secretaria de Estado da Cultura e Estudos Amazônicos/Universidade do Amazonas. Manaus: Editora Valer, 1998, 479 p.

101. Os Deserdados de Tordesilhas. Edição reprográfica. Manaus, janeiro 1998, 27 p.
102. Eretz Amazônia – Os judeus na Amazônia. Manaus/São Paulo/Rio de Janeiro: Edição Comitê Israelita do Amazonas, Centro Israelita do Pará e Confederação Israelita do Brasil, 1998, 272 p.
103. Exportação da Amazônia Brasileira – 1997. Manaus: Editora Valer, 1998, 227,p.
104. Amazônia: Quatro visões milenaristas. Manaus, 2ª edição Banco da Amazônia S/A (Basa). Belém, maio, 1999, 86 p.
105. Um projeto Econômico, Social, Político e Ambiental para o Gênero Humano. Trabalho apresentado na Conferência Internacional Amazônia no Terceiro Milênio – Atitudes Desejáveis. BSGI, Soka Gakkaim, FUA, INPA, Governo do Estado do Amazonas, Manaus, 1999, 7 p.
106. Aula de Despedida, Saudade e Exortação. Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas. Manaus, 2000, 7 p.
107. Comércio Exterior da Amazônia Brasileira. Manaus: Edição Universidade do Amazonas/ Editora Valer, 2000, 275 p.
108. Zênite ecológico e nadir econômico-social: análises e propostas para o desenvolvimento sustentável da Amazônia. Manaus: Editora valer, 2001.
109. Product of Brazilian Rosewood Oil, Copaiba Balsam and Tonka Beans: paper presented to the International Conference on Essential Oils and Aromas. Buenos Aires, Ar, 11 to 15 november 2001. 33 p.
110. Amazônia: Cenários, perspectivas e indicadores. Manaus: Valer, 2002. 180 p.

ANEXOS

DISCURSO DO RIO AMAZONAS

Arquivo Público - Minas

CORREIO DE UBERLÂNDIA

DIÁRIO INDEPENDENTE - FUNDADO EM 1933

Uma - IV N. 186 - Praça de Urus da Glória, Art. de Glória e José Maria - Terça, 14 de outubro de 1940

O Discurso do Rio Amazonas

Proferido em Manaus pelo Presidente Getúlio Vargas, em 10 de outubro de 1940, no banquete que lhe ofereceram o Governo e as classes conservadoras do Estado

«Senhores: Ver a Amazônia é um desejo de coração na sociedade de todos os brasileiros. Com os primeiros descobrimentos da Pátria maior, esta vale maravilhosa aparece ao espírito jovem, simbolizando a grandeza territorial, a fertilidade inigualável, os fenômenos peculiares à vida primitiva e à luta pela existência em toda a sua pitoresca e perigosa extensão. É natural que uma imagem tão forte e dramática da natureza brasileira seduzza e porosa as imaginações moças, prolongando-se em duradouras recordações pela existência a fora, através dos estudos dos sábios, das impressões das viagens e dos artigos, igualmente presos aos seus múltiplos e indistintos conhecimentos.



Presidente Getúlio Vargas

Até agora o clima calculado impedia que de outras regiões com excessivo desenvolvimento viessem os contingentes humanos de que carece a Amazônia. Vultuosos se a região, hoje, desautorizado, de que as terras equatoriais são impróprias à civilização. Os fatos e as conquistas da técnica provam o contrário e mostram, com o nosso próprio exemplo, como é possível, às margens do grande rio implantar um dado e peculiar, rico de elementos vitais e apto a crescer e prosperar.

Apenas é necessário diz-lo corajosamente — tudo quanto se tem feito — seja agricultura ou indústria extrativa — constitui realização empírica e precisa transformar-se

em exploração racional. O que a natureza oferece à uma região é magnífica a exigir o trato e o cultivo da mão do homem. Da colonização esparsa, no seio de interesses «vulgares», com a migração de energias com ocaso aproveitamento, devemos passar à concentração e fixação de potenciais humanos. A coragem empreendedora e a resistência do homem brasileiro já se revelaram, admiravelmente, nas estradas e fazendas do ouro negro e da castanha, que consumiram

Conclusão na 2ª pag.

Aviso a clientes e amigos

O advogado **J. Alcides de Avolar** participa a seus estimados amigos e clientes desta e de outras comarcas que transferiu seu escritório para a sua nova residência, à Rua Visconde do Rio Branco n. 634, cidade, onde, com graça e solicitude, receberá suas visitas e prezadas ordens.

Correio de Uberlândia visitou o Prefeito de Goiânia, que está na cidade

Os diretores deste diário, sr. José Maria e Alves de Oliveira, visitaram ao Palace Hotel, onde se acha hospedado, o professor Venerando de Freitas, lustre prefeito de Goiânia.

S. excia. mostrou-se entusiasmado com o progresso sempre crescente da nossa cidade.

No dia de ontem, o professor Venerando de Freitas, em companhia do prefeito Vasco Gilson percorreu varias repartições da atual administração uberlandense, inclusive o Espladouro Modelo Municipal, tendo se manifestado sobremaneira interessado pelo que lhe fôra dado observar, não restando dúvidas ao trabalho de seu colega em benefício da nossa terra. S. excia. no Prefectura Municipal, tendo no

Viajou para o Rio o Interventor Pedro Ludovico

Pelo avião da Vasp que hoje partiu pela nossa cidade, viajou com destino ao Rio, o Interventor Pedro Ludovico.



Sua viagem à capital da República, prende-se a assuntos de interesses do Estado que vem governando com inteligência e patriotismo.

Só a última hora é que tivemos notícias da passagem de S. Excia., razão porque não tivemos tempo de ir cumprimentá-lo.

«Correio de Uberlândia» deseja-lhe boa viagem.

Uberlândia Clube

A Diretoria do Uberlândia Clube, avisa aos seus associados que a 25 do corrente, sábado, será realizado um grande baile, promovido pelo Pista Clube, da vizinha e amiga cidade em retribuição e presseguimento da companhia de boas visitas.

Atm da que se organiza uma caravana caudiga e numerosa, a secretaria desde já, está recebendo adesões.

Sergio Barças Secretário

Dr. Dario Ribeiro Filho

Uberlândia hospeda hoje o dr. Dario Ribeiro Filho, governador do Distrito 25 do Rolari Interacional. Vem ele a esta cidade em visita ao Clube local, depois de haver presidido a Assembleia dos Executivos em São Paulo, cidade, onde é advogado e exerce o cargo de Procurador do Estado na cidade de Santos em S. Paulo. Intelectual brilhante, o seu figura moço tem grande mesmidade entre nós e seus colegas.

O Brasil é o 10.º produtor de sal do mundo

O nosso país é, hoje, o 10.º produtor de sal do mundo.

Em 1935 o Brasil ainda importava considerável quantidade de sal mineral, uma vez que a sua produção não chegava para cobrir as necessidades do mercado interno, pois produzia cerca de 281.500 toneladas.

Atualmente, de cerca de 500.000 toneladas a quantidade de sal produzida pelo Brasil, sendo que, no ano passado, importamos 30 toneladas de sal fino de mesa, no valor de 55 contos milto embora as nossas salinas produzam apreciável quantidade de sal refinado, superior, tão bom quanto o estrangeiro. Essa importação, contudo, vem diminuindo de ano para ano. Atm disso, o nosso país que importava sal, agora dá-se o inverso, pois exporta para o Uruguai, Paraguai, Argentina, Bolívia, Peru, Bolívia e Chile exportação sua que atinge, no ano passado, em 433 toneladas.

MOVEIS? — SÓ FREITAS

Araruari

Livros e mais livros para a Biblioteca Municipal

Continua a Biblioteca Pública Municipal a receber doações, crescendo dessa forma o patrimônio livreiro do mesmo. — Conquistamos mais as seguintes obras: — Rolari Clube de Uberlândia, 1 volume dr. Manuel Lacerda Z. Eduardo Figueira. — Livro doado para a Biblioteca Infantil o menino Dilson Cunha Sousa um volume.

O cigarro das maldições!

Produto Sudan

“FRIGIDAIRE”

O melhor refrigerador e o único que dá garantia real e serviço mecânico

Santos & Guimarães

Visitem nossas exposições permanentes

Serviço mecânico — Peças

Av. Afonso Pena, 245 — FINE, 400

Alfaiataria

MUNDO ELEGANTE

CONFECÇÕES DE LUXO

Precisamos ainda de mais OFICIAIS, porém será inútil apresentar-se não sendo competente

MUNDO ELEGANTE

(Seção Taylor)

Comprar na Casa Afranio

é ter certeza de adquirir bons artigos por bons preços

FAZENDAS - ARMARIHOS - CHAPEUS
Especialista em sedas e artigos finos

Uberlândia - Minas

Parça Benedito Valadares, N. 89

O discurso do Rio Amazonas

(Conclusão de La pag.)
Ientas vidas preciosas. Com elementos de tanta nobreza, não mais perdidos na floresta, mas concentrados e metódicamente localizados, será possível, por vezes, recuperar a cruzada destruidora e vencer, pouco a pouco, o grande inimigo do progresso amazônico, que é o espaço imenso e despopulado.

É tempo de cuidarmos, com sentido permanente, do povoamento amazônico. Nos aspectos atuais o seu quadro não é o da dispersão. O meridiano, com o seu intuito de pioneiro, embrancha-se pela floresta, abrindo trilhas de penetração e talhando a seringueira silvática para demarcar-se logo, seguida a exigência da própria atividade econômica. E ao seu lado, em estado apenas superficial com esse gênero de vida, permanecem os naturais à margem dos rios, em sua atividade limitada a caça, a pesca e a levante de vacas para consumo doméstico. Já não podem constituir estes homens de resistência letárgica e de aversão a qualquer atividade econômica, como nos tempos heróicos da nossa independência territorial, sob o comando da Placide de Castro e a proteção diplomática, de Rio Branco, os elementos capitais do progresso da terra, numa hora em que o esforço humano para o desenvolvimento da região precisa da presença de um núcleo de iniciativa e disciplina. O Amazonas, sob o impulso fecundo de nossos vultados e do nosso trabalho, deixará de ser, afinal, um simples capítulo da história da terra, e equiparado aos grandes rios, tornará-se a um capítulo da história da civilização.

As águas do Amazonas são continentais. Antes de chegarem ao oceano, arrostam no seu leito depósitos dos Andes. Águas quentes da plúvia continental correm encobertas das serranias do Neot. É portanto, um rio tipicamente americano, pela extensão da sua bacia hidrográfica e pela origem das suas nascentes e condições, provindas de vastas regiões vizinhas. É assim, obediendo ao seu próprio signo de continentalização, que podemos reunir essas nações irmãs para deliberar e assentar as bases de um convênio em que se ajustem os interesses comuns e se mostre, mais uma vez, o espírito dignificante exemplo, o espírito de solidariedade que preside as relações das povos americanos, sempre prontos à cooperação e ao entendimento pacífico.

Senhores: O anilhamento efetivo que tenho encenado entre nós não só toca o coração, porque já vos sabia lais e hospitaleiros como irmãos, ainda mais, o meu sentimento de brasilidade.

Faço e opoet em que substituísem pelo facil deslumbramento, repleto de imagens ricas e metáforas preciosas, o estudo do comércio e as indústrias, e não, como se costuma fazer, visando formar latifundiários e absorver a posse da terra, que legitimamente pertence ao cidadão brasileiro.

O vosso Governar, irmão de frente o interventor Alvaro Maia, homem de lucida inteligência e devotado amor à terra atual, há de aproveitar a oportunidade para resgatar os interesses da sua propriedade.

O período conturbado que o mundo atravessa exige de todos os brasileiros grandes sacrifícios. Sei que estais prontos a concorrer com o vosso quinhão de esforço, com a vossa admirável audácia de descobridores, para a obra de reconstrução iniciada. Não vos faltará o apoio do Governo central para qualquer empreendimento que beneficie a coletividade.

Nada nos dotará nesta arrancada que é, no século vinte, a mais alta tarefa do homem civilizado — conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua força orgânica em energia disciplinada. O Amazonas, sob o impulso fecundo de nossos vultados e do nosso trabalho, deixará de ser, afinal, um simples capítulo da história da terra, e equiparado aos grandes rios, tornará-se a um capítulo da história da civilização.

As águas do Amazonas são continentais. Antes de chegarem ao oceano, arrostam no seu leito depósitos dos Andes. Águas quentes da plúvia continental correm encobertas das serranias do Neot. É portanto, um rio tipicamente americano, pela extensão da sua bacia hidrográfica e pela origem das suas nascentes e condições, provindas de vastas regiões vizinhas. É assim, obediendo ao seu próprio signo de continentalização, que podemos reunir essas nações irmãs para deliberar e assentar as bases de um convênio em que se ajustem os interesses comuns e se mostre, mais uma vez, o espírito dignificante exemplo, o espírito de solidariedade que preside as relações das povos americanos, sempre prontos à cooperação e ao entendimento pacífico.

Senhores: O anilhamento efetivo que tenho encenado entre nós não só toca o coração, porque já vos sabia lais e hospitaleiros como irmãos, ainda mais, o meu sentimento de brasilidade.

Faço e opoet em que substituísem pelo facil deslumbramento, repleto de imagens ricas e metáforas preciosas, o estudo

José Martha

PROMOTOR DE ACÇÃO E APOIADOR Aceita causas civis e criminaes menores intralidos ou ausentes.

RUA BARÃO DE CAMARCO, 418 CAIXA POSTAL 224

Agencia Lila

Jornal, revistas nacionais estrangeiras Minutas e Figurinos Afonso Pena, 31

Novo Lubrificante

Quando, num dia chuvoso, pisar em um trilho, com solas de borracha, pode-se caminhar a alta capacidade de desfragma que possui a combinação agua-borracha e terra. Aproveitando, praticamente, esse principio os construtores navais da Alemanha desenvolveram, a ago, os aros das halleas num revestimento de borracha com grandes atrias. Nessas oboerrias penetra a agua do mar que serve como lubrificante entre a borracha e o metal. As experiencias feitas deram o melhor resultado.

Declarção

Declaro que os srs. Dias Almeida & Cia., comerciantes, residentes na cidade de Rio Verde, Estado de Goiás, consignatários de 3 caixas e 4 engraxados com biculitos em o peso total de 307 quilos, conforme consignação 332 letura 86873 de 24-7-44, procedente de Mica, valor comercial de um certo setecentos e dez mil reis, deseja fazer a retirada dos referidos volumes com recibos, por ter se extraviado e conhecimento original, depois de lavrado o respectivo termo de responsabilidade, o que levará a efeito no caso de não haja reclamação relativa a posse do conhecimento em apelo, liquidação que se fará depois de tres publicações consecutivas.

Uberlândia, 9 de outubro de 1941 TARGINO MAIA 3-3
Chefe da Estação local

Paulo de Castro

(a mais antigo repositório de Uberlândia) Comunica a seus amigos que está estabelecido com Laboratorio de Rodas à Av. Afonso Pena, 230 (Pegado as Casas Pernambucanas).

DR. LUIZ ABINADER

Médico e operador Com 20 anos de pratica nos hospitais de Paris, Rio e S. Paulo Clinica geral - Operações Doença de beriberi - Venozanas - Sifilis - Biquito colico Hemorrhoidas - Sifilis - Micoses e outras das partes Consultorio - Rua Terente Vinhas, 330 - Fone, 435 Atende das 8 às 11 e da 1 às 6 horas

Heraclito N. Sá

ADVOGADO Aceita causas civis, criminaes e comer-ciaes Também aceita cobranças Rua Celso Vargas, 181 - Uberlândia

FRACOS E ANEMICOS!

Tomem VINHO CREOSOTADO De Fraco. Sem sal e sem álcool (Preparado em todo o mundo) Tostes Realizador Escrofulose Condições de VINHO CREOSOTADO a em estado de saúde.

DESEJE DE MARAVILHAS!

- Contos
- Cronicas
- Literatura
- Culinaria
- Filologia
- Charadas
- Recopilagens
- Arie
- Gincama
- Radio
- Modo lerminho

Um prazer para os seus olhos Um encanto para o seu espirito!

Alterosa

A FARMACIA LEGAL DOS MEDICOS A venda na "AGENCIA LILA" Correspondente A. CORRÊA JUNIOR



Para anunciar neste jornal dirijam-se a S. S. PUBLICIDADE Rua São Bento, 476 S. andar - Tel. 3-5402 Caixa Postal, 4249 SÃO PAULO

"CORREIO DE UBERLANDIA" OFFICINAS PROFORMAS

Preços - Associação Aivos de Oliveira

Assinaturas	
Ano	40\$000
Semestre	20\$000
Trimestre	10\$000
Tipografias adaptadas	
PUBLICAÇÕES	
Cartão de cores	35\$000
Matrizes pagas	25\$000
Urtina	15\$000
Outras	15\$000
EDITAIS	
Citação de grupo	10\$000
par lista	
Cumprimento, por via	10\$000
DESCONTOS	
Por 10 dias	10%
" 20 "	20%
" 30 "	30%
" 40 "	40%
" 60 "	50%
Mais de 60 dias	50%
Correspondência:	
Caixa Postal n. 242	
Redação e Officinas	
Av. Afonso Pena, 290	
Fone, 47	
Uberlândia	

Qualquer volume para o "Correio de Uberlândia" devem ser endereçados ao seu diretor administrativo, sr. Aivos de Oliveira.

O "Correio de Uberlândia" não se responsabiliza por artigos de opinião publicados pelo seus colaboradores, a não ser que se declarem colaboradores.

Qualquer publicação será feita sem a assinatura do diretor administrativo, o que garante devolução automática.

AVISO

Resposta importante publicada em nome do "Correio de Uberlândia" que não tenha a assinatura do seu diretor administrativo, não representa o "Correio de Uberlândia".

Presigie o seu produto PRJ 3

S. A. Rádio Araguari A primeira das grandes realizações Sua mais original para todos os lares. Central Frequência 91 Mc. - 395 mts. Potência 250 wts.

PALACIO "LUIZIANO" Araguari

Um habilissimo medico

Expositor de uma das mais vastas clinicas da Policia. Fale sobre o Pectoral de Angelo Polietense. De estado agravado, doer em crises medicas - curadas, pelo Pectoral de Medicina do Rio de Janeiro, aliado que o Pectoral de Angelo Polietense oferece resultados sobre outros similares no tratamento de condições que o seu emprego apresenta indicação.

Dr. Raulino Mascarenhas Este excelente remédio, indicado nos casos de tosse, bronquite, reidite, enfurzes cronicas, em estado de enfurzes e doer de Polietense. Deu sempre o Pectoral de Angelo Polietense.

A venda em todas as farmacias e Drogeries do Estado. Confira este estado Dr. R. L. Ferreira de Araújo. Fone. 2044.

Uruçuca N. 211, de 20 de Março de 1906. Drogeria Sequira - Pelotas - Rio Grande do Sul